EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

128 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

Ano CXXVIII Número 292 | R$ 3,50 | João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 9 de janeiro de 2022 | auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

Investimentos vão garantir obras em toda a PB em 2022

Além do maior programa rodoviário do estado, Governo construirá equipamentos importantes em várias cidades. Página 5

Entrevista

Foto: Roberto Guedes

Planejamento Simone Guimarães faz balanço de 2021 e anuncia projetos arrojados para este ano. Página 4

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Exposição virtual reúne fatos sobre navegação na guerra

Material, disponível no Museu Exea, na internet, contém valiosas informações sobre PB, PE e RN. Página 19

Economia

Economia circular busca a sustentabilidade do consumo

Na PB, loja já coloca em prática a modalidade que busca o reaproveitamento de recursos naturais. Página 17

Almanaque

Sepulturas em igrejas: um privilégio dos mais ricos

Em João Pessoa, igrejas do Centro Histórico têm criptas abaixo das construções e túmulos nas paredes. Página 25

Cultura

Foto: Miriam Silva/Divulgação

Legado Maestro Laércio Diniz pretende resgatar obra do compositor paraibano José Siqueira. Página 9

Foto: Pexels

Estamos prontos para entrar no Metaverso?

Pesquisadores explicam o conceito por trás da ideia lançada pelo Facebook, em que as pessoas irão trabalhar e se divertir em um ambiente virtual imersivo. Página 7

A Paraíba é o terceiro estado do Nordeste em espécies de libélulas

Além de contribuir para o ambiente natural e ser bioindicador da qualidade do lugar, inseto ainda tem forte apelo visual com suas cores. Página 20

Jovem evita política nas redes por medo de ser "cancelado"

Polarização e radicalismo que o tema suscita têm levado os jovens a evitar falar sobre política na internet. Pesquisadores chamam fenômeno de "efeito Anitta". Página 14

Técnico acredita que o Sousa será ainda mais forte que em 2021

Grande surpresa para os torcedores do Dinossauro, Tardelly Abrantes levou o time a se classificar para a Copa do Nordeste e conta o que planeja para 2022. Página 21

Colunas

"O estudo da personalidade em psicologia política apresenta os efeitos da personalidade de uma 'autoridade' na tomada de decisões e as consequências da 'personalidade de massa' nos limites do poder de um chefe de Estado ou de um líder." Página 10

Klebber Maux Dias

"Tenho buscado ampliar tal entendimento sobre o que bem define cinema nos dias atuais. Essa é uma arte que transcende ao seu próprio recurso técnico de cinesia da imagem formatado no passado. Cinema ganhou um conceito muito maior, que é o de mercado." Página 11

Alex Santos

"Aos que ainda se mantêm incrédulos com quem decide pedir demissão sem ter outra oportunidade em vista, lembro: não adianta ter um emprego que deixa sua saúde mental fragilizada ou coloca em risco seu bem-estar como um todo." Página 26

Angélica Lúcio

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6518 | (83) 9 9117.7042 circulacao@epc.pb.gov.br

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Aprender, sempre

Desde que o mundo é mundo, como se diz, seres humanos, em todas as regiões do globo terrestre, cultuam deuses e deusas. Em todos os tempos e espaços, uma miscelânea de religiões domina as mentes e os corações de pessoas. Ocorre que doutrinas diametralmente opostas geram beligerância mais que harmonia. O problema não está necessariamente na crença, mas nos crentes que entendem que a fé que professam é que é a verdadeira.

Com maior ou menor intensidade (ou sinceridade), bilhões de pessoas, espalhadas pelo planeta, praticam os diferentes ritos e cerimônias relacionadas às religiões panteístas, politeístas, ateístas e monoteístas. As mais conhecidas e ou praticadas (todas com ramificações) são o Cristianismo, o Islamismo, o Judaísmo, o Budismo, o Candomblé, o Confucionismo, o Hinduísmo, o Taoismo, o Xintoísmo e o Zoroastrismo.

Tomar para si, de forma intransigente, uma "verdade religiosa", contrapondo-a ao resto do mundo, gera uma das formas mais radicais de violência, que é a intolerância religiosa. O preconceito contra pessoas que têm determinadas crenças ou seguem religiões distintas é responsável por grande parte dos conflitos mundiais. Grupos inflexíveis, como os extremistas cristãos, judeus e islâmicos, colocam em risco o pouco que há de paz na Terra.

A intolerância religiosa deve ser alvo constante de políticas de dissuasão. A liberdade de expressão, por exemplo, não deve ser, de maneira nenhuma, confundida com a tentativa de intimidar ou mesmo eliminar pessoas que seguem dogmas religiosos dessemelhantes. A história do mundo, certamente, teria um número menor de mortes violentas, caso houvesse mais indulgência entre as pessoas, nos campos da fé.

Não seria o sincretismo religioso um extraordinário método de aprendizado; pessoas ou grupos heterogêneos entendendo-se a partir da vivência mútua de suas crenças ou descrenças? Há muito tempo que cultos ecumênicos apontam para esta direção. Um diálogo franco, fraterno, pacífico entre pessoas que abraçam doutrinas religiosas diferentes. Se até os astros vivem em harmonia, porque com gente tem de ser diferente?

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A mídia alternativa

Na época da ditadura militar a imprensa alternativa cumpriu papel de fundamental importância no questionamento do regime e na denúncia das violências e arbitrariedades cometidas, expressando opiniões que formavam uma resistência cívica à tirania instalada. Eram publicações de movimentos sociais de oposição, muitas delas produzidas na clandestinidade. Espaços que podiam ser utilizados por jornalistas que se sentiam impedidos de exercer atividade crítica ao governo na chamada grande imprensa. Artistas, intelectuais e lideranças estudantis, igualmente se valeram desse novo campo jornalístico para suas manifestações de ativismo político contrário ao regime.

Alguns, no entanto, podiam ser adquiridos nas bancas de jornais, a exemplo do Pasquim. No seu conteúdo havia a necessidade de perceber as mensagens subliminares contidas e saber interpretar comunicações nas entrelinhas, buscando fugir da censura oficial. Ficou famoso pela linha editorial irreverente, anárquica e escrachada. Outro que se notabilizou na luta pela redemocratização no Brasil, foi o Opinião, alcançando tiragens próximas da revista Veja. Sofreram todo o tipo de repressão e enfrentaram grandes dificuldades financeiras. Mas se constituíam em leitura obrigatória para os que queriam obter informações e análises da realidade brasileira da época.

> "A ideia não é exclusivamente a de produzir notícias, mas de funcionar como agentes de mudanças. É um trabalho que se pretende ser revolucionário."

Representavam, então, as vozes discordantes da política oficial vigente. Porém, tratavam também de temáticas como cultura e comportamentos públicos específicos (mulheres, negros, homossexuais, etc.). Tudo o que fosse assunto proibido pela ditadura. O objetivo era chamar o leitor à reflexão mais profunda sobre os problemas cotidianos do país e do mundo. Durante as duas décadas do regime militar tivemos em torno de 150 periódicos que traziam a marca da oposição intransigente ao governo.

O jornalismo alternativo não morreu. Na atualidade ele se expande na internet, com plataformas interativas. São os veículos de comunicação que ficam fora do poder hegemônico da grande mídia. Abraçam causas que contrariam os interesses políticos e ideológicos da indústria cultural. Diferenciam-se do padrão historicamente estabelecido, propondo novas formas de narrativas e recursos de linguagem na produção das notícias. Na mídia alternativa predomina o voluntarismo profissional, exatamente por se posicionarem contra os que são pagos para defender ideias dos outros, entendendo que a notícia não é mercadoria. Prevalece o protagonismo do exercício pensante, com função de promover reflexões de repercussão sociopolítica. Tentam se colocar como instrumentos de mobilização cultural, lançando ideias para o debate público.

A imprensa alternativa se contrapõe aos meios tradicionais de comunicação, fugindo das pautas impostas pelos grandes monopólios midiáticos. A ideia não é exclusivamente a de produzir notícias, mas de funcionar como agentes de mudanças. É um trabalho que se pretende ser revolucionário, a partir da divulgação de informações independentes das influências das elites empresariais e dos governos. Em um cenário de ataque à liberdade de expressão, é importante garantir espaços para a comunicação alternativa.

Posiciona-se, portanto, contra as práticas dos veículos de comunicação hegemônicos, quando, orientados por interesses comerciais ou políticos, distorcem, ou silenciam fatos que não se compatibilizam com suas linhas editoriais. Tenta refutar mentiras e resgatar as verdades, experimentando o modelo da contra-informação.

Crônica

Clóvis Roberto
cclovisroberto@gmail.com | Colaborador

Aquarela pessoense

Pego o pincel à procura de uma tela. Para um pintor com dotes para lá distantes dos de um Monet, um Van Gogh ou um Dalí, repasso na mente imagens e reconstruo cenários da eterna cidade Parahyba. De repente, visito a Lagoa como uma página de um caderno de colorir. Parece-me alguma cena entre dezembro/janeiro, meio ano findo e tempo novo, sem chuvas, um espaço para serem derramadas diversas cores, cheiros e sabores. Ali o verde e o amarelo proliferam. Espicho a mão com cautela, empino o pincel e inicio a brincadeira.

Chuvinha de flores amarelas despencam dos ipês tradicionais da cidade. Pequenos paraquedas soltam das copas das grandes árvores para formar um tapete na grama. Olhos captam esguichos esverdeados das palmeiras que imperam ao redor do antigo charco há décadas dominado e urbanizado. Traços minúsculos para sinalizar a presença das garças em sobrevoos sobre a água verde-turvo ou nas margens em brincadeira de estátua.

> "Espicho a mão com cautela, empino o pincel e inicio a brincadeira."

Por ali, no centro da cidade, novas pinceladas na aquarela pessoense. Verdes esparramados também pela Bica em manhãs dominicais. Plantas, animais e o movimento de brinquedos infantis.

Em fins de tarde, os amarelos se tornam laranjas e vermelhos pelas frestas e portas e janelas do Centro Histórico. Douram paredes coloridas de casas antigas, preservadas ou semidestruídas. Muitas memórias em toques rápidos do pincel pelas paredes de prédios famosos ou anônimos, paralelepípedos incompletos, cafés aquecidos pelas mãos amadas. Em pinceladas reconstruo a Festa das Neves de outrora, com a catedral da dominar o cenário e multidões a circular por entre parque e barracas de maçãs do amor e outras guloseimas.

Das paredes e das histórias, repinto o Palácio da Redenção, a Praça João Pessoa e a antiga Faculdade de Direito, pontos de reflexões, lutas e (in) decisões. A mão sobre a tela acaricia as igrejas de idades e arquiteturas distintas e o pseudo pintor abusa dos tons pastéis.

No Liceu Paraibano, uma parada sentimental do coração de estudante. O prédio que repousa ao longo da Avenida Getúlio Vargas ganha do artista pequenos pontos coloridos para sinalizar seus famosos vitrais.

A aquarela pede cenas cotidianas. O pincel é generoso ao retratar os feirantes a vender miríades de coisas à venda dependuradas em incontáveis bancas do Mercado Central e tantas feiras de sábados. E tem a alegria do menino anônimo a correr com pés descalços atrás de uma bola dente de leite meio murcha num campinho desnivelado na periferia. E encontra a menina fardada a sorrir na ida ou volta da escola no trajeto do ponto da condução e de encontro novamente da Lagoa.

Dali, uma esparramada para a orla. Seguindo o traço de curvas do Rio Jaguaribe, quase morto na realidade, vivo na pintura e memória de um dia o ter atravessado a pé. Ele segue vívido com o seu leito formado de pedras. Junto à ponte do que se chamava Estrada de Cabedelo, a BR-230 ainda não duplicada em algum dia dos obscuros anos 70. Depois, seguir para o encontro com o mar, na pintura cuja cor dominante passa a ser o azul de serenos oceano e céu.

Hoje, quase é possível sentir a lufada do vento mudando o rumo na orla do Cabo Branco e de Tambaú. Assopro que enverga as palhas do coqueiral, dobradas feito folhinhas de papel seda. Na pré-noite, o mergulhar mais recente de tons divididos do fim de tarde. E os sons soturnos do baixar o véu noturno. Raios rápidos pontilham de luzes a cidade vista de cima.

É noite e a tinta parece que nunca acaba para essa cidade real e imaginária.

** Excepcionalmente hoje não publicamos o artigo de Sitônio Pinto*

Fotolegenda

Foto: Marcos Russo

Uma chaminé para as estradas de ferro e concreto

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

"Flurona": termo pode assustar, mas infecções não são novidade

Médicos e especialistas ressaltam que não existe um híbrido da Influenza e Covid-19, passando a falsa ideia de junção entre os vírus

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

Antes do encerramento de 2021, o mundo já convivia com a dupla rapidez na propagação do vírus causador da Covid-19 e do vírus da Influenza A, H3N2 do subtipo Darwin. No primeiro dia do novo ano, a população mundial foi surpreendida com notícias informando o caso da dupla infecção com os vírus, veiculado pela imprensa internacional como "Flurona", detectado pela primeira vez.

De forma rápida, os casos confirmados se espalharam pelo mundo. No Brasil, até o momento, foram mais de 100 registros. O alarme e preocupação são válidos, mas a situação não é uma novidade.

Apelidada de "Flurona", união dos temos "flu", de Influenza, e "rona", originário de "coronavírus", a detecção da coinfecção não representa um novo tipo de doença. Isto porque, infecções simultâneas por vírus que se disseminam juntos acontecem de forma recorrente, mesmo que seja indesejável para os pacientes.

Por isso, mesmo com o uso do termo, médicos e especialistas ressaltam que não existe um híbrido da Influenza e Covid-19. O médico infectologista e diretor-geral do Complexo Hospitalar Clementino Fraga, Fernando Chagas, informou que o uso do termo acaba passando a falsa ideia de junção entre os vírus.

"É por isso que não gosto muito desse termo que foi utilizado pela imprensa internacional. Infecção com infecção mesmo, como é o caso da Influenza com SARs-CoV-2, assim como pode ter Influenza com vírus vírus sincicial respiratório, Influenza com Rinovírus, assim como pode ter Covid-19 com qualquer um desses. Podem existir diferentes combinações", afirmou o infectologista.

Foto: Roberto Guedes

Geraldo Medeiros, secretário de Estado da Saúde na PB

Foto: Roberto Guedes

Fernando Chagas,diretor-geral do Clementino Fraga

Foto: Arquivo Pessoal

Adriana Cavalcanti, infectologista do HU

Fernando Chagas lembra ainda que chegou a tratar, por diversas vezes, pacientes com infecções diversas.

"É comum. Dois vírus, duas infecções... É muito comum você ter uma infecção bacteriana viral e evoluir com infecção bacteriana associada, por exemplo. A maior parte das pessoas que evoluem para forma grave das doenças respiratórias virais é porque, na verdade, ela pegou a doença respiratória viral e houve uma infecção bacteriana secundária à doença viral. Eu peguei pacientes com dengue e Covid-19, peguei pacientes com chikungunya e Covid-19, com dengue também. Isso não é incomum", afirmou o médico.

O atual problema com a coinfecção, porém, precisa despertar atenção porque, ainda segundo o médico, ambos os vírus atacam o sistema respiratório, podendo causar casos graves. E sinalizam o acontecimento de uma ou duas epidemias e uma pandemia de forma simultânea.

A também infectologista Adriana Cavalcanti, do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB/Ebserh), alerta para a possibilidade de desenvolvimento de casos graves.

"A Influenza e a Covid-19 podem evoluir para casos mais graves, necessitando internação. Nessa situação os sintomas são mais intensos, com dor forte no corpo, febre alta e surgimento de cansaço e dificuldade para respirar. No caso de Influenza e Covid-19, a concomitância dessas infecções pode resultar numa doença mais grave. Existe tratamento para a Influenza, por isso é importante fazer o diagnóstico de qual tipo de vírus está causando a infecção", declarou a médica.

Uma dupla contaminação acontece quando dois testes para diferentes patologias se apresentam positivos. No caso mais atual, testes positivos para Influenza e para Covid-19. Mesmo que o exame apresente dois resultados positivos, é necessário ainda diferenciar a coinfecção e a codetecção, já que a detecção dos vírus não significa que ambos os vírus estão agindo de forma ativa no indivíduo.

Secretário tranquiliza

Em Pernambuco, estado vizinho, já foram confirmados mais de 40 casos de dupla infecção. Na Paraíba, no entanto, não há nenhuma confirmação até o momento do fechamento desta matéria. Apesar da proximidade e constante circulação entre os estados, o secretário de Estado da Saúde, Geraldo Medeiros, tranquilizou a população paraibana.

"Não temos nenhum caso confirmado da ocorrência simultânea em um mesmo paciente da doença da Covid-19 e do H3N2, a partir do momento que temos uma alta propagação do vírus H3N2 no nosso estado com a caracterização de uma epidemia e a chegada da variante Ômicron, e sabendo que essa variante se torna, em um curto espaço de tempo, a predominante da região, nós teremos casos de "Flurona" aqui na Paraíba também. Mas não é motivo de preocupação no mundo inteiro, é uma ocorrência ocasional e que, até o momento, não gera nenhum tipo de preocupação", disse o secretário.

Em outras localidades, a predominância da variante Ômicron tem se tornado predominante em um intervalo de 15 a 20 dias, de acordo com o secretário de Saúde. Em Goiás, por exemplo, o primeiro falecimento ocasionado pela variante aconteceu 10 dias após a admissão de transmissão comunitária.

Máscaras são proteção contra os dois vírus

Tanto o vírus causador da Covid-19, como o causador da Influenza A do subtipo H3N2 são respiratórios e, por isso, as medidas de prevenção são as já conhecidas e amplamente praticadas desde o início da pandemia. Uso de máscara, higienização de mãos, distanciamento social e buscar a vacinação para amenizar os efeitos dos vírus no organismo. Os cuidados também previnem do resfriado comum, constante no período.

Além disso, Geraldo Medeiros, secretário de Saúde, recomenda que as pessoas evitem a presença em locais públicos e com aglomeração.

A médica infectologista do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB/Ebserh), Adriana Cavalcanti, aconselha que os cuidados são os mesmos para ambas as doenças.

"Os cuidados que a população deve adotar são os mesmos e já são conhecidos por todos nós. O importante é não descuidar. Então, higienização frequente das mãos; uso de máscara com troca a cada 3h no caso de uso de máscaras comuns; evitar contato próximo com pessoas doentes; evitar aglomerações", afirmou.

Primeiro passo é a atenção aos sintomas

O primeiro passo para identificar os vírus é a atenção aos sintomas. Mesmo com muitas similaridades, ambos possuem particularidades.

Para a Covid-19, os sintomas começam a evoluir no 7º dia da contaminação. O sintoma mais preocupante é a insuficiência respiratória. Outros, constantes nas variantes Delta e Gama que circulam no país, são: perda de olfato e paladar; dor no corpo; dor de cabeça; fadiga muscular; febre; e tosse.

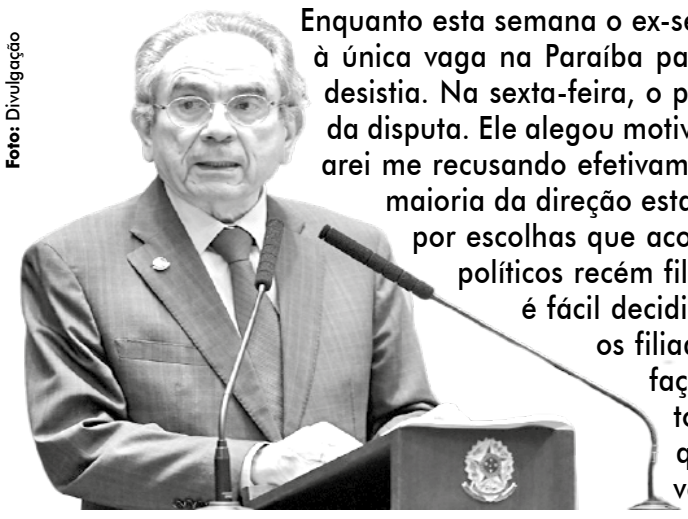
Para a Ômicron, pesquisadores de Oxford, no Reino Unido, observaram diferenças sintomáticas. Os contaminados podem apresentar dor de garganta; no corpo, principalmente na região da lombar; congestão nasal; problemas estomacais e diarreia.

Já para a gripe, os sintomas são mais agudos nos primeiros dias, sem um maior período de incubação do vírus. Os sintomas são febre alta, calafrios, tosse, dor de garganta, coriza, congestão nasal, dores musculares, mal-estar, perda de apetite e irritação nos olhos. Pelas semelhanças, para identificar o tipo de contaminação é a realização de testes.

UN Informe
Da Redação*

UM CHEGA OUTRO SAI: A DANÇA DAS CANDIDATURAS PARA A DISPUTA DE UMA VAGA NO SENADO EM OUTUBRO

Foto: Divulgação



Enquanto esta semana o ex-senador Raimundo Lira (PSD) confirmava sua pré-candidatura à única vaga na Paraíba para a Câmara Alta do Congresso Nacional, em 2022, outro desistia. Na sexta-feira, o professor Charliton Machado (PT) confirmava sua desistência da disputa. Ele alegou motivos pessoais para cair fora de sua pré-candidatura. "Continuarei me recusando efetivamente a debater com profundidade uma tática política com a maioria da direção estadual e a militância do PT na Paraíba, preferindo assim optar por escolhas que acomodem interesses e projetos individuais de alguns caciques políticos recém filiados ao partido", explicou Charliton. Todos sabem que não é fácil decidir sobre algo no PT. O partido discute muito, há brigas entre os filiados, o debate é acirrado. Mas desta vez está clara a insatisfação de Charliton Machado com os rumos que a legenda está tomando no Estado, ao aceitar a volta de cabeças coroadas, que abandonaram o partido quando ele não atendia as conveniências políticas deles. A queixa de Charlinton procede.

FUNDEB RATEADO

Mais trabalhadores em educação na Paraíba receberam o abono salarial do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb).O benefício, pago em parcela única, foi destinado para todos os 1.600 profissionais da educação do município de Santa Rita. É uma espécie de 14º salário para esses profissionais que trabalham pela educação daquele município.

60 ANOS DO LAUREANO

O Hospital Napoleão Laureano, referência no tratamento ao câncer na Paraíba, está completando 60 anos. No próximo dia 13 de fevereiro, uma corrida marcará as comemorações. As inscrições já estão abertas na race83.com.br. Para atender diversos tipos de público, a organização da corrida projetou percursos de 3, 5 e 10 quilômetros.

PRODUÇÃO

A produção de automóveis deu um salto de 11,6% em 2021, segundo o balanço divulgado pela Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Foram fabricadas no ano passado 2,24 milhões de unidades, enquanto em 2020 as montadoras produziram 2,01 milhões de veículos. Uma recuperação do setor.

CONDENAÇÃO

A Terceira Câmara Cível do Tribunal de Justiça reformou sentença oriunda da 1ª Vara Mista da Comarca de Itaporanga para condenar um grande banco brasileiro ao pagamento de indenização, por danos morais, no valor de R$ 5 mil. A relatoria foi do juiz convocado Aluízio Bezerra Filho. No processo, a cliente relatou jamais ter realizado qualquer negócio com o banco.

CESTA BÁSICA

O custo da cesta básica subiu em 2021 nas 17 capitais onde o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) faz a pesquisa. Os dados mostram, na comparação de dezembro de 2021 com igual período de 2020, que as altas mais expressivas ocorreram em Curitiba (16,3%), Natal (15,42%) e Recife (13,42%).

PRORROGADO

O ministro Alexandre de Moraes do STF prorrogou, mais uma vez, por 90 dias o inquérito que apura a suposta interferência do presidente Jair Bolsonaro na Polícia Federal (PF) e o crime de denunciação caluniosa por parte do ex-ministro da Justiça e Segurança Pública Sergio Moro, que esteve na semana passada na Paraíba.

** Rico Farias, titular desta coluna, está em recesso, retornando ao espaço na edição do próximo dia 11.*

Simone Guimarães,
superintendente da Suplan

"A Suplan tem engajamento e faz a diferença na vida das pessoas"

Simone fez um balanço positivo de 2021. Segundo ela, apesar da crise causada pela pandemia, não houve obras paradas. "Alguns contratos foram rescindidos e prontamente relicitados", explicou

Foto: Roberto Guedes

Órgão projeta para este ano a construção do Centro de Convenções de Campina, orçado em R$ 112 mi, e o Hospital da Mulher, que foi destaque em evento do Crea-SC e será apresentado em Lisboa

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) teve muitos motivos para comemorar o ano de 2021. Foram inúmeros projetos produzidos pela Suplan e concretizados pelas demais secretarias de Estado ao longo dos doze meses do ano passado. E há muitos outros planos para este ano de 2022, entre eles, a construção do Centro de Convenções de Campina Grande, orçado em R$ 112 milhões. Outro projeto de peso é o Hospital da Mulher, que foi destaque nacional em um evento do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea) de Santa Catarina, e que será apresentado em Lisboa este ano. A superintendente Simone Guimarães destacou a geração de mais de dois mil empregos diretos e indiretos e frisou que apenas o Centro de Convenções vai gerar 800 vagas diretas até o final deste ano. Na área de saúde, vários hospitais passarão por reformas, a exemplo do Clementino Fraga, em João Pessoa. A expectativa da superintendente é de que este ano seja melhor, com mais obras e empregos gerados pela Paraíba.

A entrevista

Quais as principais ações planejadas e executadas pela Suplan no ano 2021?

Nós tivemos várias ações. Entre elas, vou destacar algumas, mas a priori, tivemos 372 obras e projetos planejados. Destas, 105 obras foram concluídas, das quais 47 da educação, entre construções de ginásio Bom de Bola, laboratórios e escolas, com reforma e manutenção. Houve uma grande reforma e ampliação para a área de repouso dos médicos no Trauma de Campina Grande. Tivemos ações em infraestrutura, pavimentação de vias urbanas em alguns municípios, além de vários estudos e projetos. Um deles é o Hospital da Mulher, que está em licitação e terá início este mês. Podemos citar o Hospital de Clínicas, que foi vencedor do prêmio de melhor projeto com tecnologia BIM, uma modelagem na qual podemos falar em metaverso. É como se fosse um jogo de videogame. Existem os avatares e você joga nele uma realidade virtual avançada. O BIM está caminhando para isso, e a Suplan, com o projeto do Hospital de Clínicas, ser eleito o melhor do Brasil, à frente de estados como Santa Catarina, que fez surgir o BIM em obras públicas, é muito gratificante. Um trabalho desenvolvido por arquitetos nossos, por nosso Planejamento. Muito nos orgulha esse projeto, e estaremos em Lisboa, este ano, para apresentá-lo. Temos ainda 117 obras em planejamento para este ano e 40 em licitação.

O que esse trabalho à frente da gestão da Suplan trouxe de benefícios para a população da Paraíba em 2021?

O maior benefício para a população paraibana em 2021 que foi um ano tão difícil é que passamos pela pandemia que levou tantos paraibanos, está a geração de emprego. As 105 obras concluídas em 2021, geraram, em média, mais de 300 empregos. E se pegarmos as obras que estão em andamento, que são mais de cem, podemos dizer que geramos, em 2021, entre empregos diretos e indiretos, mais de dois mil dentro do Estado. São mais de duas mil famílias que tiveram alguém trabalhando em alguma obra que estava sendo paga com recursos estaduais. Isso em cidades como Cajazeiras, Sousa, Campina Grande, João Pessoa, Monteiro e Camalaú. Todas sendo beneficiadas, trabalhando e tendo um meio de subsistência e de viver com dignidade.

Quais as principais obras em andamento que estão sendo administradas pela Suplan?

Vou começar pelo Centro de Convenções de Campina Grande, uma obra de R$ 112 milhões, na qual esperamos gerar mais de 800 empregos diretos até o final de 2022. No dia 20 de dezembro de 2021, foi um grande pacote, um presente lindo que o governador João Azevêdo deu para a população da Paraíba, quase R$ 200 milhões em obras, entre elas, o presídio de Gurinhém, uma obra de R$ 42 milhões, que vai gerar muitos empregos para a população da cidade. Temos o Centro de Treinamento do Corpo de Bombeiros, uma obra de quase R$ 10 milhões, em João Pessoa, que vai gerar até 150 empregos no decorrer da execução. Temos 13 obras de construção de escolas, reforma, manutenção, construção de ginásios, laboratórios. Além disso, obras de pavimentação; estamos fazendo reforço no eixo do talude do Eixo das Nações, em Campina Grande. São muitos empregos. Fizemos uma previsão com esse pacote, só nas 18 obras que lançamos no dia 20 de dezembro, de dois mil empregos gerados, fora o que está em andamento.

Quais os projetos trabalhados em 2021 e quais os que estão em planejamento para este ano?

Em 2021, trabalhamos o Centro de Convenções de Campina Grande, que já é uma realidade; o Hospital da Mulher, que está em licitação; o Presídio de Gurinhém; Centro de Treinamento do Corpo de Bombeiros; construção de uma escola grande específica em hotelaria no município de Areia, no antigo Hotel Bruxaxá; trabalhamos no Polo Tecnológico e Inovação Novo Horizonte, que está em licitação; reforma e manutenção de mais de 75 unidades escolares, algumas já entregues; temos mais 60 escolas em planejamento; estamos planejando uma reforma no Hospital Clementino Fraga para este ano; reforma e ampliação do Hospital de Monteiro; Hospital de Guarabira, cuja licitação deve sair ainda este mês; ampliação do Hospital de Trauma de João Pessoa, que temos a previsão de licitar até março. Estamos hoje com 40 licitações em andamento. Teremos a construção da nova sede da Secretaria da Mulher, um prédio histórico que está abandonado. E mais duas grandes obras em licitação: o Palácio do Governo, que será um museu, e o Palácio da Justiça, duas obras de mais de R$ 10 milhões cada uma. O governo também se preocupa em preservar nossa história.

> "Há mais duas grandes obras em licitação: o Palácio do Governo, que será um museu, e o Palácio da Justiça, duas obras de mais de R$ 10 milhões cada uma."

No que diz respeito aos investimentos, qual a quantidade de obras que estão em andamento pela Suplan e quais os recursos para que esses projetos sejam concretizados?

Temos 101 obras em andamento e mais nove que estaremos iniciando este mês. Atualmente, são R$ 325 milhões. Destes, gostaria de citar o escritório de representação em Campina Grande, onde o governador do Estado vai atender e receber. É uma obra muito importante que vai abrigar o gabinete do governador e várias outras secretarias. O prédio estava abandonado há mais de 12 anos e vai ficar muito bonito. Tivemos alguns percalços com a alta excessiva de alguns preços, os quais estão estabilizando nos últimos seis meses, e também a falta de insumos no mercado, como gesso, esquadria de alumínio, ferro, aço. Apesar de tudo isso, estamos trabalhando para entregar no final deste mês e começar a montar mobiliário para, no máximo, no final de fevereiro, o governador estar trabalhando lá.

Que balanço a senhora faz de 2021? Foi um ano positivo em termos de trabalho?

Foi um ano positivo. A construção civil já vinha passando por uma crise, e a pandemia agravou isso. Apesar de tudo, não tivemos nenhuma obra parada. Alguns contratos foram rescindidos e prontamente relicitados. Destes, só dois estão ainda em licitação. Nosso panorama geral de obras é muito positivo, com geração de empregos, dois workshops discutindo trabalho em equipe, ética profissional, lei das licitações, orçamentos. A Suplan é um órgão pequeno, com poucas pessoas, mas temos o engajamento, comprometimento sobre a diferença que podemos fazer na vida das pessoas. Vestimos a camisa e sou muito grata à equipe. Somos referência nacional na modelagem BIM, e o Crea-Santa Catarina e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) agendaram uma visita à Paraíba para conhecer as nossas obras em fevereiro e março. Foram quase 200 orçamentos esse ano, licitamos 120, das quais 91 concluídas; demos mais de 120 ordens de serviço esse ano, o que equivale a mais de R$ 200 milhões. E este ano promete ser muito melhor, com mais geração de emprego, obras, licitações, trabalho, escolas, hospitais. Obrigada ao governador João Azevêdo pela confiança e à equipe da Suplan. Esses profissionais fizeram a diferença, e nós provamos que quando pensamos num bem maior conseguimos superar crises e vencer obstáculos.

> "Vestimos a camisa e sou muito grata à equipe, pois somos referência nacional na modelagem BIM, e o Crea-SC e a UFSC visitarão a PB para conhecer as nossas obras em fevereiro e março"

A Suplan comemorou 55 anos no final de dezembro. Que resumo a senhora faz do trabalho que vem sendo desenvolvido na sua gestão e quais os motivos para comemorar?

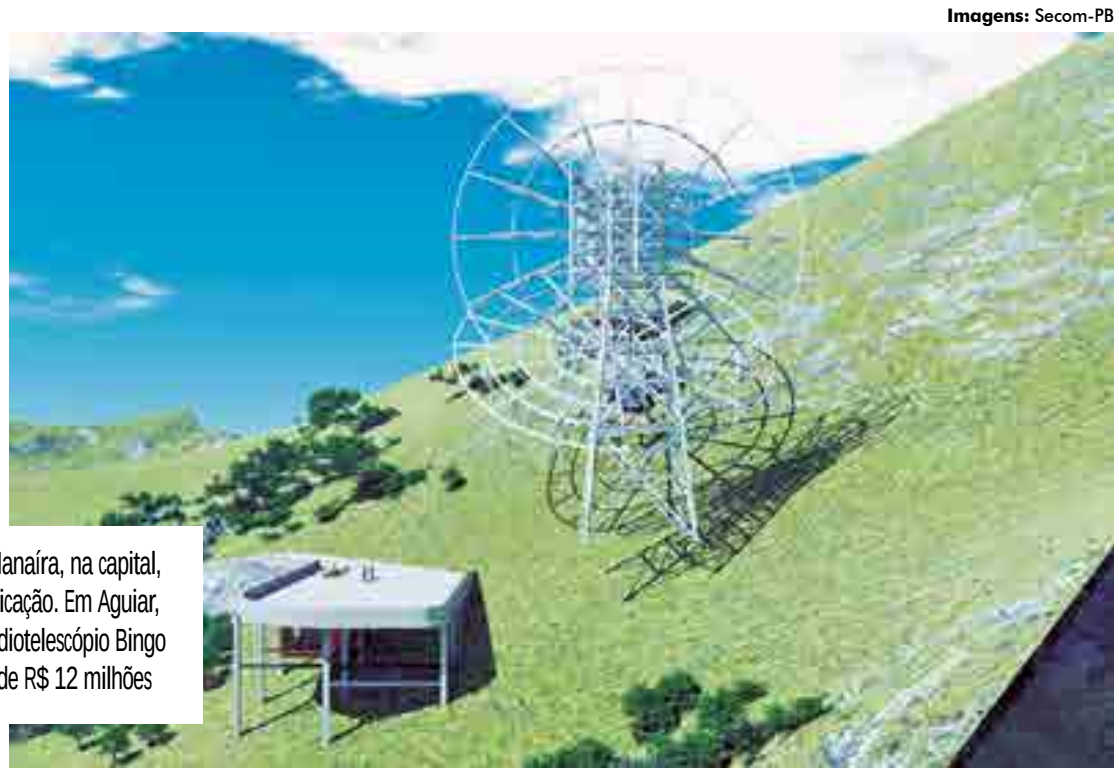
Nós só temos motivos para comemorar. Primeiramente, pela nossa saúde. Esse momento pandêmico está mais atenuado porque o governador e o secretário de Saúde foram muito firmes, tomando medidas de proteção à vida. Nesses 55 anos, quero dizer que todas as sedes da Suplan passaram por manutenção, e construímos a de Sousa. Foi investido mais de R$ 1,4 milhão em reformas de nossos prédios. E é um orgulho imenso fazer parte da Suplan, que faz tanto pela Paraíba há 55 anos, contando com pessoas comprometidas, como Gilca, Suênia e Welson, nosso diretor técnico Luiz Rabelo, Alaíde, diretora administrativa, porque estão fazendo história na Suplan. Às vezes, as pessoas pensam que a Suplan só faz obra e se esquecem que não é só execução. Tudo parte de um planejamento que vai pelo setor de arquitetura, orçamento, diretoria técnica que faz estudo de caso e análise crítica dos projetos, levantamento pela engenharia, licitação e contratos, chefia de gabinete. A Suplan é uma grande família, temos um convívio grande e um carinho imenso por todos que fazem parte desse pequeno-grande órgão. Fizemos boas e grandes obras. No Hospital de Clínicas de Campina Grande, em 45 dias, foram criados mais de 120 leitos para atender pessoas em tratamento de Covid-19, para não termos um colapso no nosso sistema de saúde. Muito obrigada ao governador João Azevêdo pela confiança, muito obrigada à equipe da Suplan. Só tenho a agradecer a todos vocês, que fazem parte dessa história, que fazem a diferença para o povo da Paraíba.

Na rota turística

O município de Sumé apresenta várias atrações para os visitantes, especialmente os adeptos do turismo de aventura, o que insere o local na Rota do Cariri Cultural. Página 8

Foto: Divulgação

Imagens: Secom-PB



A orla da Praia de Manaíra, na capital, passará por requalificação. Em Aguiar, a implantação do Radiotelescópio Bingo terá investimentos de R$ 12 milhões

Calendário de obras prevê investimentos em toda a PB

Rodovias e equipamentos turísticos estão entre os projetos que serão desenvolvidos pelo Governo do Estado

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Muitas obras e projetos estão em licitação ou planejamento na Paraíba, e outras em execução com previsão de término em 2022. O trabalho visa o reordenamento urbano do estado, com a melhoria e abertura de novas estradas, construção de pontes, novos acessos entre localidades distantes da zona urbana. Com as iniciativas, a Paraíba avança em obras ao longo de 2022, com perspectivas de ações por todo o estado.

O secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão da Paraíba, Gilmar Martins, destacou que a carteira de projetos possui diversas obras com previsão de execução ao longo deste ano. Entre as principais, ele citou a ampliação e requalificação do Sistema de Esgotamento Sanitário do Polo Turístico Cabo Branco, que vai custar R$ 3 milhões, e a expansão do sistema de abastecimento de água da Zona Oeste do município de Santa Rita, orçada em R$ 1,5 milhão.

No setor do turismo, está prevista a implantação do Centro de Convenções de Campina Grande, no valor de R$ 110 milhões; criação do Parque Turístico e Científico-Paleontológico do Sertão da Paraíba, cujos investimentos chegam ao montante de R$ 15 milhões; Parque Linear Parahyba III, avaliado em R$ 5 milhões.

No Porto de Cabedelo, será feita a dragagem do canal de acesso, projeto orçado em R$ 88 milhões. Na área de segurança hídrica, será implantada a adutora Transparaíba – Ramal do Curimataú - primeira etapa, orçada em R$ 200 milhões, e a construção de Barragem Espinho Branco, que terá investimento de R$ 40 milhões.

Também será feita a revitalização da orla de Miramar, no município de Cabedelo, que vai custar R$ 2,9 milhões. Em Campina Grande, será feita a pavimentação de vias urbanas, ação avalia em R$ 2,5 milhões.

Além disso, a área de ciência e tecnologia terá um reforço com a implantação do Radiotelescópio Bingo, no município de Aguiar, um investimento de R$ 12 milhões.

Um projeto já elaboraado em João Pessoa é a requalificação da orla de Manaíra, que garante devolução da pista dupla, calçada padronizada e acessível, canteiros, e relocação da ciclovia, a ser construída "em balanço" junto ao muro de arrimo.

O secretário Gilmar Martins destacou que a maioria dos projetos é financiada com recursos próprios do Tesouro Estadual, o que não impede a alocação de recursos federais a exemplo da adutora Transparaíba e Centro de Convenções de Campina Grande, que contarão com emendas parlamentares.

"Desta forma, será possível assegurar um ambiente propício à atração de novos empreendimentos, captação de recursos para investimentos, ciência e inovação tecnológica, modernização dos serviços de saúde, contínua qualificação da educação pública e desenvolvimento econômico e social. Que o ano seja o prenúncio de um estado de bem-estar social e de oportunidades para todos chamado Paraíba", completou.

Para fortalecer a cultura, será feita a requalificação do Palácio da Redenção para implantação do Museu da Paraíba, que deve custar R$ 10 milhões. Será implantado ainda o Restaurante Popular em Campina Grande, no valor de R$ 1,5 milhão.

Principais rodovias previstas

- PB-356, Tavares/Nova Olinda, que vai custar R$ 53 milhões;
- PB-160, Cabaceiras/Boa Vista (BR-412), no valor de R$ 24,2 milhões;
- PB-103, Tabuleiro/Dona Inês/Entroncamento PB-073 (Bilinguim), avaliada em R$ 24 milhões;
- PB-167, Cubati/Sossego, um investimento de R$ 19,3 milhões.

Fonte: DER-PB/Seplag.

DER-PB realiza maior programa rodoviário da história

O Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB) está realizando o maior programa rodoviário de sua história e o maior programa rodoviário da Paraíba. Em 75 anos de existência, o órgão nunca havia desenvolvido um programa com tamanha envergadura. O Governo do Estado se aproxima de um investimento de R$ 1,2 bilhão no programa rodoviário da Paraíba desde o início da gestão e previsto até o final deste ano.

"É um programa ousado e importante sob os pontos de vista logístico, de mobilidade urbana e, principalmente, social e político. Alguns projetos transformados em obras têm mais do que a importância econômica, mas também social", declarou o superintendente do DER-PB, Carlos Pereira.

Ele lembrou que o programa inclui vários acessos a distritos que estavam próximos do centro da cidade, da sede do município, mas o acesso era difícil. Assim, várias comunidades foram tiradas do isolamento. Uma delas foi a de Ramada, em São Francisco. Por lá, a obra foi orçada em R$ 3,3 milhões. Já no acesso a Pitombeira, em Santana dos Garrotes, o valor também ultrapassa R$ 3,3 milhões.

Um dos destaques é o programa Travessias Urbanas, com um investimento superior a R$ 200 milhões em recursos próprios do estado. Foram concluídas 18 travessias urbanas numa extensão de 45 quilômetros, no valor de R$ 27 milhões, três travessias estão em andamento (10 quilômetros e orçadas em R$ 5 milhões), 31 travessias em licitação – 65 quilômetros – e vão custar aos cofres do Estado R$ 45 milhões. Há ainda 83 travessias urbanas para licitar, numa extensão de 140 quilômetros e R$ 119 milhões a mais.

Carlos Pereira destacou ainda o trabalho de conservação da malha rodoviária. Só em 2021, foram utilizados R$ 76 milhões. Ao todo, foram quase 1.400 quilômetros de extensão de estradas entre obras em andamento, em licitação e concluídas.

"É algo nunca visto na área nos últimos 20 anos. Um valor significativo, com obras de implantação de novas estradas, restauração de rodovias e um forte programa de conservação de rodovias, pela necessidade de manter a malha viária em condições de tráfego para atender a população do estado", observou Deusdete Queiroga, titular da Secretaria de Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente da Paraíba (Seirhma).

Acessos urbanos

As obras de mobilidade urbana também foram lembradas pelo secretário Deusdete Queiroga. Entre os exemplos, ele citou o acesso entre o bairro Bancários e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. Uma que ele considera importante, em Campina Grande, é o Arco Metropolitano Leste. Em Cajazeiras, a Avenida João de Sousa Maciel. Já no município de Sousa, o secretário destacou a Perimetral Oeste, e ainda o Contorno de Bananeiras.

Em fevereiro, devem ser anunciadas mais cidades contempladas. "Sem dúvida, esse é um programa que eu tenho certeza que o governador tem muito orgulho em promover, por estar encurtando distâncias, fazendo ligações importantes entre as regiões na Paraíba", comentou.

Fotos: DER

Programa rodoviário desenvolvido pelo DER realiza obras em todas as regiões da Paraíba, garantindo à população melhoria da qualidade de vida

Construção da PB-103, trecho que liga a região do Tabuleiro com Dona Inês e Entroncamento, cujos investimentos chegam a R$ 24 milhões

Excesso de peso é preocupação para milhares de paraibanos

Mais saúde e qualidade de vida é o que buscam as pessoas que recorrem à medicina para enfrentar o desafio da balança

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Na Paraíba, 282 mil pessoas com excesso de peso foram acompanhadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2020, representando 46,3% da população que utilizou o serviço. Dividindo por faixa etária, tem-se que 36.12% da população adulta do estado estava com sobrepeso em 2020, o que significa 94.423 pessoas da mesma faixa etária.

Os dados compõem os relatórios do estado nutricional dos indivíduos acompanhados por período, fase do ciclo da vida e índice, do Ministério da Saúde e revelam que o sobrepeso naquele ano fazia parte da vida da maioria da população adulta na Paraíba.

Outros números que se destacaram foram: obesidade Grau I, isto é 52.024 indivíduos (19.9%) e pessoas com Índice de Massa Corporal (IMC) Adequado ou Eutrófico, grupo com 84.272 integrantes (32.24%). Em 2019, 35.53% dos paraibanos adultos estavam com sobrepeso (132.903 pessoas).

Entre os idosos, a parcela com sobrepeso na Paraíba também era a maior entre as pesquisadas em 2020, pois eram 22.822 pessoas deste grupo que estavam acima do peso ideal, ou seja, 47.19% da população desta faixa etária. Já em 2019, 25.167 idosos tinham sobrepeso no estado, representando 47.55% deste público naquele período.

A pesquisa apontou, inclusive, que em 2020, a Região Nordeste registrou um total de 1.276.350 adultos em sobrepeso. Em todo o Brasil, são 3.769.356 adultos com sobrepeso, o que significa que 34.87% da população estudada.

Os relatórios indicam que Paraíba segue a tendência nordestina e brasileira, ou seja, o sobrepeso faz parte da realidade da maioria da população em todas as faixas etárias, em 2019 e 2020.

Pesquisa

Relatório aponta que quase a metade das pessoas atendidas no SUS em 2020 tinha excesso de peso.

Conforme a assessoria da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), as pessoas identificadas no relatório tiveram o estado nutricional avaliado nas unidades básicas de saúde.

A SES-PB ressaltou que o número reduzido de pacientes obtido em 2020 em relação a 2019, não significou uma mudança nutricional nestas pessoas de forma significativa, mas devido à pandemia, menos pessoas foram as UBS no ano passado. Consequentemente, menos indivíduos foram analisados.

Em nota, o Ministério da Saúde(MS) informou que 48,2% da população brasileira acompanhada no SUS apresentou excesso de peso em 2020, o que representa cerca de 11,5 milhões de indivíduos, sendo cerca de cinco milhões com obesidade.

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), registrou que em 2019, 61,7% da população adulta do país estava com excesso de peso e 26,8% com obesidade. O mesmo estudo constatou que 1,8 milhão de adolescentes com idades entre 15 e 17 anos estavam com sobrepeso, a maioria do sexo feminino.

Doenças cardiovasculares, hipertensão, problemas nas articulações e depressão estão entre as doenças identificadas pelo Ministério da Saúde, relacionadas ao sobrepeso e obesidade. O acúmulo de gordura pode provocar várias alterações metabólicas, hormonais e até mesmo comportamentais que impactam na qualidade de vida do indivíduo.

Foto: Arquivo pessoal

Mayra Dantas decidiu ter uma alimentação saudável e emagrecer para ter mais qualidade de vida

Identificando o sobrepeso

Para que o organismo humano possa realizar suas funções, alguns parâmetros devem ser considerados: Quantidade de água no corpo, massa magra, peso e percentual de gordura. Neste sentido, o Índice de Massa Corporal (IMC) é utilizado para saber se o peso está de acordo com a altura. Seu cálculo revela se a pessoa está no peso ideal, sobrepeso, obesidade ou desnutrição. Quanto maior o IMC, maior é a quantidade de gordura no organismo.

De acordo com a endocrinologista, Márcia Brandeburski, a obesidade é diagnosticada através do cálculo deste Índice. "Divide-se o peso (em Kg) do paciente pela sua altura (em metros) elevada ao quadrado. De acordo com o padrão utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), quando o resultado fica entre 18,5 e 24,9 kg/m2, o peso é considerado normal. Entre 25,0 e 29,9 kg/m2, sobrepeso, e acima deste valor, a pessoa é considerada obesa", explica.

Ela ressalta que conforme a magnitude do excesso de peso pode-se classificar o grau de obesidade em: Obesidade leve (classe um – IMC 30 a 34,9 kg/m2), moderada (classe dois – IMC 35 a 39,9 kg/m2) e grave ou mórbida (classe três – IMC ≥ 40 kg/m2). "O IMC normal seria de 20 a 25 e sobrepeso IMC de 25 a 30 kg/m2. Essa classificação é importante na escolha do tipo de tratamento, quando deve ser clínico ou cirúrgico", completou.

O sobrepeso é um excesso de peso que oferece danos à saúde à medida que o acúmulo de gordura evolui. E se a pessoa for classificada como obesa, ela tem mais propensão a desenvolver: hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, diabetes mellitus tipo dois, além de artrose, pedra na vesícula, artrite, cansaço, refluxo esofágico, tumores de intestino e de vesícula. "A obesidade pode, também, mexer com fatores psicológicos, acarretando diminuição da autoestima e depressão e é fator de risco para uma série de doenças", acrescenta a médica.

Segundo a especialista, em todas as faixas etárias e independentemente do sexo, o excesso de peso pode causar complicações, mas a medida que as pessoas vão envelhecendo os problemas relacionados principalmente a obesidade vão se acumulando ao longo do tempo. "Situações como apneia do sono, diabetes mellitus tipo dois e arteriosclerose são doenças que indicam a necessidade de uso de medicamentos da obesidade já em pacientes com sobrepeso (IMC 25 – 29,9 kg/m2)", detalhou.

Márcia destacou ainda que o sobrepeso e a obesidade estão relacionadas à redução da testosterona, o que pode levar a redução de libido e a problemas de ereção nos homens. Nas mulheres, por sua vez, a obesidade pode contribuir para a redução dos níveis de hormônio feminino e aumento no nível dos masculinizantes. "As mulheres podem apresentar aumento de pêlos, irregularidade menstrual e infertilidade. As chances de todos esses problemas se resolverem, com uma perda de peso na ordem de 10%, são bem grandes", alerta.

Alimentação saudável e atividade física

Atividade física e alimentação saudável são caminhos para combater o excesso de peso. Se antigamente a assessora de imprensa Mayra Dantas, 23 anos, baseou sua decisão sobre emagrecimento e hábitos saudáveis nas recomendações médicas, hoje compreendeu que perder peso não era o objetivo principal, mas sim obter qualidade de vida. "Antes eu ia muito pela recomendação médica, hoje em dia é por uma decisão pessoal mesmo, até porque eu sigo e faço quando não estou me sentindo bem comigo mesma, não pelo que as pessoas falam, apenas pelo fato de que eu mesma não estou gostando", afirma.

Ela conta que já passou por problemas de saúde em 2016 quando foi orientada por especialistas a mudar hábitos para melhorar a saúde. Na mesma época precisou fazer uma cirurgia bariátrica. "Tive que fazer a bariátrica por saúde e não por estética, pois minhas taxas estavam todas alteradas e precisei fazer a cirurgia para não piorar minha saúde", descreveu.

Mayra trabalha todos os dias como *social media* e classifica sua vida como agitada e cercada de compromissos. Mesmo assim, reserva um horário para fazer musculação e treinos aeróbicos de segunda a sábado. Ela conta que não faz dieta, mas segue uma reeducação alimentar, pois percebeu o quanto a sua saúde era fundamental não apenas para desempenhar suas funções adequadamente, mas para as relações familiares, afetivas e sociais.

"Hoje em dia minha rotina está ótima, tenho mais disposição, tento seguir uma alimentação mais saudável e equilibrada o máximo que posso. Amo treinar! Principalmente porque eu sei o quanto muda o meu dia depois que treino", comemora.

Já a consultora financeira, Tatiane Bassoli tem 31 anos e conta que insatisfação com o corpo e a necessidade de estar mais disposta ao longo do dia, foram algumas de suas motivações para buscar reduzir o peso. "Primeiro eu tomei a decisão e depois procurei médicos especialistas. Eu não me sentia bem em relação a minha saúde, não conseguia realizar atividades simples do meu dia a dia", conta.

> "Primeiro, eu tomei a decisão e depois procurei médicos especialistas. Eu não me sentia bem em relação a minha saúde, não conseguia realizar atividades simples do meu dia a dia."

Sentar numa cadeira de plástico, por exemplo, era considerado difícil para ela. Por isso, Tatiane buscou o apoio de profissionais como nutricionista, endocrinologista e um cirurgião. "O que me incomodava muito era não ter fôlego para brincar com meus filhos. Tenho uma filha de 10 anos, uma de sete e um menino de dois anos e 11 meses. Eu sou asmática, então tinha crises frequentes", relatou.

Cinco anos atrás, Tatiane tinha 120 quilos e chegou a perder 62. No entanto, durante o isolamento na pandemia, teve um reganho de 20 quilos. Hoje, percebe várias melhorias, mas sua luta contra a balança continua além da aparência, pensando em uma vida mais tranquila, pois hoje não tem mais crises de asma. "Hoje tenho maior disposição para brincar com meus filhos. Tento fazer atividades físicas manter uma rotina alimentar. Controlar a alimentação é o mais difícil", comenta a consultora.

De acordo com a endocrinologista Márcia Brandeburski não existe fórmulas mágicas, para controle do peso, porém, o caminho conhecido são as mudanças na maneira de lidar com a comida e as emoções. "Muitos profissionais prometem isso e usam de medicações que podem acarretar outros danos à saúde. A Terapia Cognitiva Comportamental é um caminho que tem se mostrado benéfico nessa mudança de ver a vida é escolher os alimentos", esclareceu a especialista.

Tal metodologia pode ser feita associada aos exercícios e, segundo a médica, existem situações em que medicações podem ajudar no equilíbrio emocional e nas preferências alimentares. "Em último caso, temos na indústria farmacêutica medicações que ajudam a melhorar a saciedade e tem aprovação para uso em obesidade e sobrepeso com comorbidades", finalizou a endocrinologista.

Foto: Pixabay

Metaverso estreita os limites entre o mundo real e virtual

Ambiente ilimitado de realidade estendida revela como será o futuro da relação da humanidade com a internet

André Resende
andreresendejornalismo@gmail.com

A tecnologia tem avançado mais rápido hoje do que evoluiu ontem e avançará ainda mais rápido amanhã. Uma das previsões que ocupam cada vez mais o debate sobre tecnologia, com declarações recentes dos bilionários do ramo Bill Gates da Microsoft e Mark Zuckerberg do Facebook, é o metaverso. A promessa de um mundo virtual, acessado por meio de equipamentos de realidade ampliada, em que reuniões de trabalho, parceria de negócios e até compra de produtos para uso exclusivamente virtual estão deixando de ser restritos aos jogos e passaram a ser, com perdão do trocadilho, realidade.

A professora Liliane Machado, docente do Departamento de Informática da UFPB e coordenadora da área de jogos e realidade virtual do Laboratório de Tecnologias para o Ensino Virtual e Estatística (LabTEVE), brinca que metaverso é um nome bonito para um fenômeno que está em processo de evolução há alguns anos. Antes mesmo do Facebook, criado em 2004, um jogo on-line chamado Second Life, em que o participante comandava um avatar em um mundo virtual com pessoas de todas as partes do mundo, já oferecia uma experiência de metaverso.

"Nele as pessoas se encontravam em um mundo 3D gerado por computador a partir de seus avatares e podiam interagir, fazendo negócios, assistindo aulas, marcando encontros, dentre várias outras possibilidades. De lá para cá a tecnologia evoluiu e temos redes de computadores mais rápidas, o barateamento dos dispositivos, a realidade virtual e aumentada podendo ser executada em *smartphones*. Deste modo, a proposta de metaverso ficou mais acessível economicamente e certamente mais interativa", explica Liliane.

Mas afinal, do que se trata o tão falado metaverso, citado por Gates e Zuckerberg? Liliane explica que é uma realidade estendida, que inclui a real e a amplifica com novas possibilidades, cujos conceitos de realidade virtual, realidade mista, realidade aumentada e outras tecnologias são reunidos. A professora do Departamento de Informática da UFPB comenta que ainda há muitos desafios para o metaverso acontecer, sendo o principal deles a velocidade das redes de computadores.

"Esse foi um dos problemas do Second Life na época de seu lançamento. O grande volume de informações gráficas que precisam ser compartilhadas e executadas demanda redes de altíssima velocidade e processadores ultra velozes. Assim, considero que iniciamos a segunda fase de desenvolvimento e experimentação do metaverso (a primeira ocorreu na época do Second Life), lembrando que a segurança de dados também é um grande desafio para esta fase pois as transações precisam ser seguras", avalia Liliane Machado.

Se dependermos da Lei de Moore, teoria criada por Gordon Earle Moore, presidente da Intel em 1965 - empresa fabricante de processadores de computador, que prega o aumento em 100% na capacidade de processamento a cada dois anos, não tardará para que cada vez mais pessoas passem a trabalhar, consumir e conviver no novo mundo virtual.

Fotos: Arcervo pessoal

João Pedro e Liliane Machado falam das inúmeras possibilidades e desafios do mundo virtual

Conexão com infinitas possibilidades

João Pedro Vasconcelos é estudante do curso de Engenharia da Computação da UFPB e integra o TAIL-UFPB (Technology and Artificial Intelligence League). Ele explica que o conceito do metaverso surrge no livro Snow Crash de Neal Stephenson (1992), sendo citado de forma bem clara, além do próprio Stephenson, que já tinha se baseado em outras obras, como o Neuromancer de William Gibson (1984).

"Essa nova realidade promete nos conectar em um mundo de infinitas possibilidades, pois em um mundo virtual tudo é possível. Irá ampliar a imersão no trabalho remoto, mudar a forma como interagimos e as pessoas vão poder ter qualquer aparência que elas queiram, trazendo inclusão para muitas pessoas. O próprio Facebook (agora Meta), já anunciou diversos aparelhos que vão ampliar a imersão no trabalho remoto", avalia João Pedro Vasconcelos.

Aliás, o tema do metaverso passou a ser recorrente após a criação da empresa Meta, que engloba o Facebook e demais plataformas associadas à marca, como Instagram e WhatsApp. João Pedro relata que o Meta possui uma subsidiária chamada Oculus, que inicialmente estava focada na produção de óculos de realidade virtual para jogos, mas que desde a compra realizada pelo Facebook, iniciaram o desenvolvimento de dois novos aparelhos: Project Cambria e Nazare Glasses.

"Os dois aparelhos vão permitir que as pessoas entrem no ambiente virtual de trabalho como se estivessem de fato em seus escritórios. O que mais impressiona é que o projeto de realidade aumentada promete integrar o seu ambiente físico com o ambiente virtual, tornando mais natural e seguro (pois não será necessário se desligar completamente do seu ambiente físico) o processo", detalha o pesquisador.

Tanto o Meta, como a Microsoft, já anunciaram que nos próximos dois anos, a maior parte de suas conferências e reuniões vão acontecer em um ambiente de metaverso. Porém, enquanto essa realidade virtual não se consolida, é possível encontrar experiências no metaverso em profusão no chamado mundo dos games. João Pedro Vasconcelos acrescenta que a própria dinâmica dos jogos on-line multiplayer, que permite a interação com pessoas de qualquer parte do mundo, facilita esse tipo de evolução, tornando quase natural o uso da realidade virtual.

"O exemplo que gosto de dar é do jogo Fortnite, que ele fez um show do Travis Scott, no ano passado, que movimentou o mundo inteiro, foi uma experiência incrível. Um show que não é um pouco possível essa experiência no mundo real, ele fez diversos experimentos psicodélicos. O show está disponível no YouTube", arrematou. Um mundo praticamente novo onde os limites são desconhecidos, exceto quando se relaciona com o financeiro. Muitas empresas que atuam no metaverso monetizam itens para quem decide viver essa nova realidade.

Uma prática muito comum nos games, em que os jogadores adquirem novos poderes ou ferramentas para seus avatares por meio da compra em dinheiro, também é encontrada nas concepções do metaverso, atraindo inclusive grandes marcas. A Nike anunciou há pouco tempo que vai vender tênis da sua nova coleção para aquisição exclusiva na realidade virtual. Ou seja, o usuário compra o item, mas somente para uso no metaverso.

Mundo ainda desconhecido e pouco acessível

O conceito de moeda virtual, aliás, é outra novidade nem tão nova assim. As criptomoedas são um braço consolidado do mercado financeiro há pelo menos quatro anos. Cássio dos Anjos, especialista em Educação Financeira pela UFPB, detalha que o mercado de criptoavitos foi acelerado com a pandemia e a potencialização das conexões digitais. "No ano passado observamos que os acadêmicos aumentaram o interesse por *blockchain* e criptoativos. Em 2021 tivemos uma série de valorização de alguns criptoativos e a popularização das NFT's (Non Fungible Token, código para registrar uma transferência digital, garantindo a autenticidade e posse do dono)", explica o especialista.

As criptomoedas já são usadas como investimento de reserva de valor, como ouro e outros metais preciosos. "Sua utilização tem sido facilitada através do uso de ETF's (Exchange Traded Fund, que é fundo negociado em Bolsa que tem uma comunhão de recursos destinados a aplicações). No cenário governamental já vemos debates sobre tributação de criptomoedas, tecnologia, regulamentação, legalidade e tratamento contábil", acrescentou Cássio. Porém, ele acredita que sua popularização está distante, tendo em vista a dificuldade do acesso, da aquisição, por camadas menos favorecidas da sociedade.

João Pedro Vasconcelos destaca, por fim, que o metaverso apresenta um mundo fascinante, entretanto, implica em uma série de novas dinâmicas sociais e que os efeitos dessas mudanças são completamente desconhecidas pela ciência. Para o pesquisador, é preciso que todos questionem a esta altura os limites do mundo virtual o quanto deve ser explorado dele até que saibamos manuseá-lo.

"É um mundo novo em que certos limites não são estabelecidos e isso pode ser prejudicial para todos nós enquanto sociedade. É um mundo controlado por empresas e a gente não sabe o quanto isso vai ser bom ou ruim para a gente. É válido também discutir o quanto vai ser acessível. O aparelho de realidade virtual ainda é muito caro, não é como se fosse um celular. Não sabemos ainda quanto tempo vai demorar para se popularizar e o preço ficar mais acessível. É importante discutir a inclusão de todas as classes nessa nova realidade", finaliza João Pedro.

Potencial turístico leva Sumé para a Rota do Cariri Cultural

Município paraibano apresenta cenários naturais rochosos que favorecem a prática de turismo de aventura

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

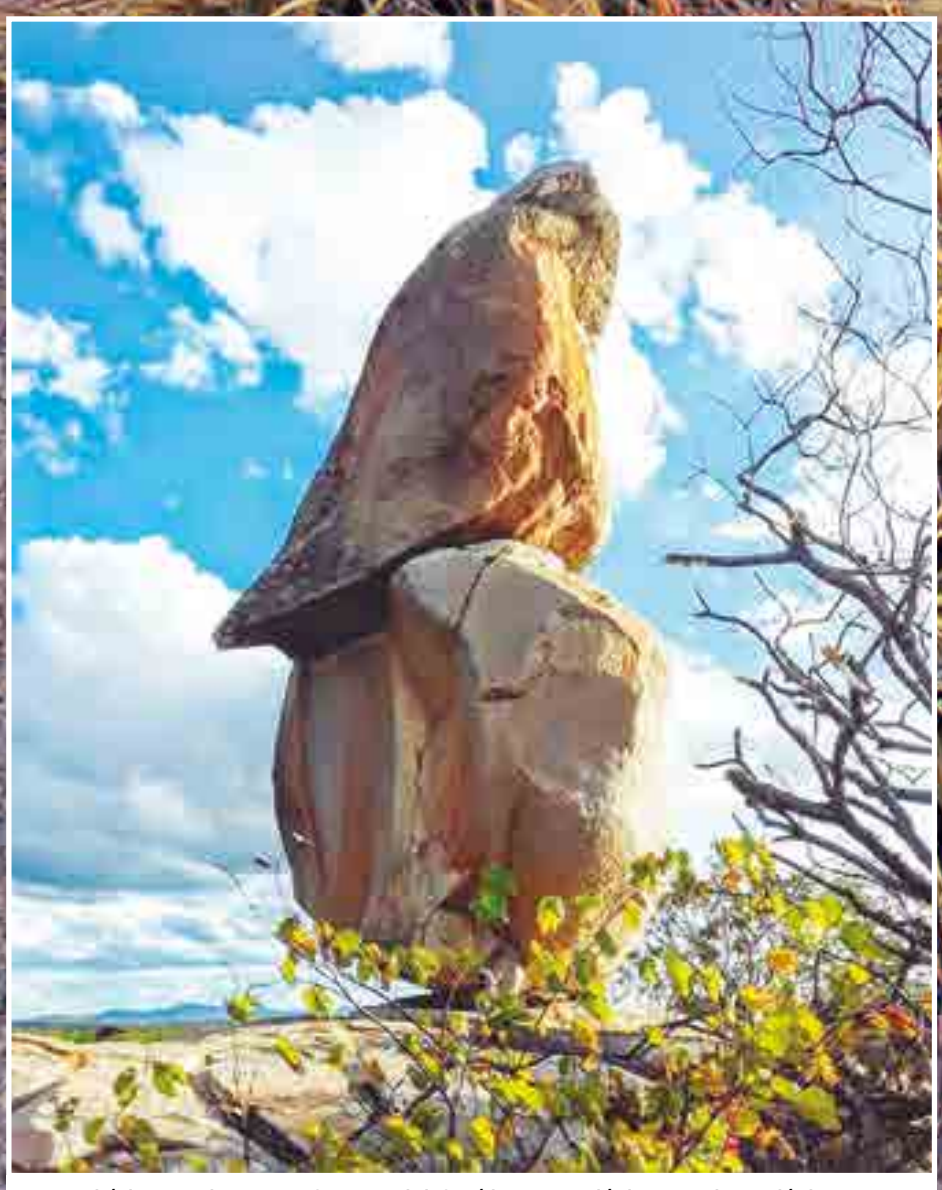
O município de Sumé, localizado na microrregião do Cariri Ocidental da Paraíba, foi incluído na Rota do Cariri Cultural, pois apresenta um protagonismo no empreendedorismo muito forte que fomenta o desenvolvimento e potencialidades do turismo. É que sua extensão territorial de 833.315 km² apresenta cenários naturais rochosos exuberantes, favorecendo a prática do turismo de aventura. A cidade também se destaca pelo seu patrimônio cultural, expresso nas artes plásticas, cênicas, música, poesia e culinária. Já o artesanato se materializa no artista Bento de Sumé – conhecido internacionalmente por retratar aspectos da fauna em madeiras típicas da região do Cariri.

A chegada do polo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por meio do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), alavancou o desenvolvimento da cidade do ponto de vista econômico, social e do ensino superior. Além disso, o município de Sumé foi contemplado com o curso técnico EAD de turismo do IFPB.

"O curso é mais uma ação voltada para o desenvolvimento turístico, tanto de Sumé quanto do território do Cariri", afirmou Paula da Wêndia, diretora do Departamento de Cultura e Turismo de Sumé. Outro importante ganho para o município foi a instalação da empresa 'Sumé Geoturismo' que através do apoio do Sebrae Monteiro, atua em parceria com a gestão municipal no fortalecimento do turismo de aventura.

De acordo com a gestora de turismo do Sebrae Monteiro, Madalena Arruda, existe um plano estratégico de turismo para os municípios incluídos na Rota do Cariri Cultural. "Trabalhamos infraestrutura, governança, capacitações, mão de obra qualificada e divulgação. Mas o principal objetivo da Rota Cultural é estimular o sentimento de pertencimento dos moradores para reconhecerem as potencialidades da cidade. Quando a gente se conecta com a história, a cultura e as belezas naturais fortalecemos o turismo local. A partir disso, divulgamos o destino", explicou.

A economia baseia-se na agricultura familiar e no funcionalismo público municipal, estadual e federal. Além disso, o município ocupa a 17ª posição entre as cidades mais visitadas, no que se refere à procura de bens e serviços, com destaque nos setores de gênero alimentício e produtos da atividade pecuária, segundo a pesquisa Região das Influências das Cidades (Regic), do IBGE 2018. A produção de umbu e os doces caseiros são pontos fortes da culinária local. Inclusive, é realizado o Festival de Umbu, com o intuito de promover a valorização da fruta e seus derivados.



O município possui um grande potencial de sítios arqueológicos e paleontológicos. A Pedra da Coruja é uma linda formação rochosa que parece ter sido esculpida à mão

Investimentos feitos pelo Governo do Estado

Em julho de 2021, o governador João Azevêdo inaugurou a 7ª unidade do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba(CBMPB), localizada em Sumé. Esta unidade apresenta posição estratégica, pois irá facilitar a agilidade no atendimento a ocorrências na região.

O município de Sumé possui um grande potencial de sítios arqueológicos e paleontológicos a serem explorados. Tanto é que, a prefeitura de Sumé firmou um convênio com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no qual realizará estudos, catalogações, escavações e um trabalho de educação patrimonial com professores e alunos.

A Secretaria de Educação do município de Sumé informou algumas das parcerias instituídas entre o Governo da Paraíba e a prefeitura, entre elas: construção da Escola Técnica Cidadã, no bairro de Mandacaru; construção de uma escola de Ensino Fundamental; convênio para o transporte escolar da rede municipal e estadual; construção de ginásio poliesportivo e reforma e ampliação da Creche Anita Garibaldi.

Cultura

A expressão mais tradicional da música sumeense é a Filarmônica Maestro Antônio Josué de Lima, antiga Sociedade Filarmônica São Tomé, criada em 1926, que continua em atividade. A banda de pífanos, do distrito Pio X, também perpassa gerações.

Outro importante evento cultural é o Festival Zé Marcolino que premia músicas inéditas e autorais dos artistas locais, valorizando a cultura de Sumé nas mais variadas expressões. O festival, que acontece desde 2019 no mês de setembro, tem o intuito de resgatar a memória desse importante compositor.

Apaixonado pelo Nordeste, suas músicas exaltavam o Cariri e seu povo. Segundo informações do recanto das letras, o sonho de Zé Marcolino era conhecer Luiz Gonzaga, até que em 1961, a vida proporcionou esse encontro em Sumé, sua cidade natal.

Ele se interessou por suas canções e o convidou para ir ao Rio de Janeiro, dando origem a uma parceria que originou grandes sucessos da carreira de Luiz Gonzaga, entre eles: Sala de Reboco, Fazenda Cacimba Nova, Pássaro Carão, entre outras grandes composições interpretadas pelo cantor Luiz Gonzaga.

"Zé Marcolino foi uma das figuras mais notáveis da música paraibana que elevou o Nordeste ao reconhecimento nacional", comentou Paula Wêndia. Acontece também a Mostra Sumé de Cinema - uma iniciativa idealizada pela cineasta sumeense Ana Célia Gomes - que visa a democratização do acesso à produção audiovisual.

Filho ilustre

O pintor, escultor e poeta Miguel Guilherme dos Santos representa o maior nome nas artes plásticas do Cariri. Autodidata, Miguel não frequentou escolas especializadas em artes, estudando apenas seis meses de sua vida. Segundo informações do site Paraíba Criativa, suas pinturas retratavam a vida cotidiana no Cariri como fazendas, animais, vegetação e a rotina do sertanejo, incluindo pequenos versos de sua autoria. Sua obra também possuía elementos da arte sacra, retratando figuras divinas em templos católicos nos estados da Paraíba e Pernambuco. O artista explorava muito a justaposição de texto e imagem, sendo esta uma das principais características de suas obras. Miguel Guilherme morreu aos 93 anos de idade, em 1995. No ano de 2009 o campus da UFCG em Sumé foi batizado em sua homenagem. Em 2010 foi gravado um curta-metragem intitulado 'Menino Artífice' contando a trajetória de Miguel Guilherme. Em 2017, os painéis pictóricos existentes na Igreja São Sebastião e o painel exposto no bufê da Praça Adolfo Mayer, localizados em Sumé, foram tombados como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

INFORMAÇÕES GERAIS

A palavra Sumé na língua indígena significa personagem misterioso que pratica o bem e ensina a cultivar a terra. No espírito religioso dos catequizadores identifica São Tomé.

Segundo informações do site da Prefeitura de Sumé, o povoamento aconteceu em 1903, por Manoel Augusto de Araújo, na confluência do Rio Sucuru com o Riacho São Tomé.

A divisão administrativa de 1911 integrou o município de Alagoa do Monteiro ao distrito São Tomé, atual município de Sumé. Sua emancipação política ocorreu no dia 8 de novembro de 1951, logo a cidade tem 70 anos de existência.

Em 2017, os painéis pictóricos existentes na Igreja São Sebastião e o painel exposto no bufê da Praça Adolfo Mayer, localizados em Sumé, foram tombados como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

Retrato geracional

Chega às livrarias 'Vida Desinteressante', reunião de crônicas publicadas por Victor Heringer (1988-2018), escritor crescido nas últimas décadas pré-internet. Página 12

Foto: Divulgação

Maestro quer resgatar obra do paraibano José Siqueira

Regente da Orquestra Sinfônica Municipal de JP, Laércio Diniz pretende ser representante do legado do compositor

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A atuação efetiva de uma orquestra sinfônica dá um termômetro importante sobre a consistência dos projetos artísticos que se pretende para um povo. Visto como um mecanismo de desenvolvimento cultural, elas representam a sociedade. A sua qualidade e prestígio revelam um investimento em profissionais especializados e em uma lógica que aponta para a necessidade de promover o conhecimento sobre a beleza das obras clássicas. Na capital paraibana, o maestro da Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa, Laércio Diniz, é o responsável por coordenar esse projeto que busca se expandir em 2022. No ano em que completa seis décadas de vida, o regente quer integrar a orquestra com outras artes e anuncia um desafio pessoal: "O meu trabalho é, daqui por diante, ser um representante da obra de José Siqueira".

Diferentemente do perfil dos mais renomados músicos do mundo, o maestro da Sinfônica Municipal de João Pessoa (OSMJP) não foi um menino prodígio que assustava a todos com o seu talento prematuro. Nascido no Rio de Janeiro, filho de pai pernambucano e mãe carioca de ascendência italiana, Laércio Sinhorelli Diniz não teve em casa uma formação instrumental que o guiasse na música. Quando a família da região da Calábria vinha ao Brasil era comum que cantassem óperas importantes para a unificação da Itália no século 19 – quase sempre para desgosto geral dos presentes, exceto para o jovem Laércio.

Tendo começado a estudar violino apenas aos 16 anos de idade, ele precisou mentir a idade que teria iniciado na prática do instrumento. Isso foi necessário durante o processo de seleção para uma concorridíssima bolsa de estudos do governo alemão na Escola Superior de Música de Colônia, quando estudou com conceituados nomes como Sashko Gavrilov, Susanne Rabenschlag e Ingeborg Scheerer. "A minha professora na Alemanha até hoje não acredita que tenha começado tão tarde, porque isso é algo que se tem contato aos 5 ou 8 anos de idade", conta o músico, que foi introduzido ao ensino da música em um projeto social em Brasília. "Era uma aficcionado por violino, só pensava em violino. Estudava mais de oito horas por dia, todos os dias", lembra ele.

> José Siqueira é, para mim, o maior compositor que tivemos no Brasil junto com Villa-Lobos. A obra dele é de um peso estrutural muito grande e é pouco divulgada. E pode ser levada a qualquer lugar do mundo que vai fazer sucesso

A execução de concerto de Tchaikovsky para violino e a primeira sonata de Bach estavam entre as peças tocadas por Laércio Diniz em 1987 para tentar impressionar os julgadores na Alemanha. Não estava na relação, porém, o seu compositor favorito: Johannes Brahms. "Ele é um marco do romantismo porque consegue concentrar toda a tradição clássica e barroca para a sua música", classifica o maestro que também estudou por quatro anos com o quarteto de cordas 'Amadeus', considerado o mais importante do mundo e que gravou toda a obra de Brahms.

O processo de largar o violino para assumir a batuta foi algo que surgiu sem que Laércio Diniz perseguisse firmemente e que teve a interferência determinante do pianista João Carlos Martins, reconhecido mundialmente por suas interpretações das obras de Bach. "Eu montei a primeira orquestra dele, que até então não era maestro, e fui o primeiro a chamá-lo de maestro e insistia para que todos o chamassem", conta Diniz, que era spalla da orquestra.

Como João Carlos Martins se revezava entre a função de maestro e de pianista, era Laércio Diniz quem assumia a regência nesses momentos. Foi assim que ele teve sua estreia em um dos palcos mais importantes do mundo, o do Carnegie Hall, em Nova York, nos Estados Unidos, em 2005. "Depois disso, eu comecei a fazer a minha carreira. Montei a Orquestra Filarmônica do Brasil, Orquestra de Câmara Barroca e as coisas foram acontecendo a partir disso", remonta o regente da OSMJP.

Construir pontes

Com uma formação eminentemente europeia, o maior objetivo do maestro sempre foi construir pontes entre essa tradição com os compositores brasileiros. Um paraibano de Conceição tem uma participação fundamental nessa empreitada: "José Siqueira é para mim o maior compositor que tivemos no Brasil junto com Villa-Lobos. A obra dele é de um peso estrutural muito grande e é pouco divulgada. E pode ser levada a qualquer lugar do mundo que vai fazer sucesso", considera Diniz, que ainda não conseguiu colocar esse plano adiante na OSMJP porque as peças de José Siqueira exigem uma orquestra maior do que possui a Sinfônica da capital. Com avó paraibana natural de Monteiro de sobrenome Siqueira, o maestro ainda investiga se ele mesmo teria uma ligação familiar com o regente e compositor paraibano.

Analisando sua discografia, uma das características recém-descobertas por Diniz é que ele seria um dos maestros brasileiros com mais gravações internacionais em orquestras no exterior. Ele já gravou com a New Netherlands Orchestra, da Holanda, a Lithuanian National Symphony Orchestra, da Lituânia, além das alemãs Nordwestdeutche Philharmonie e Das Freie Orchestra Berlin, dentre outras. "É difícil ter uma carreira lá fora, e ainda mais gravar. São poucos os maestros que têm tantas gravações no exterior quanto eu", conta ele, que espera que quando a pandemia acabar ele possa retomar esse trabalho divulgando as obras de José Siqueira.

Foi depois de acumular toda essa experiência internacional que, em 2013, Laércio Diniz desembarcou em João Pessoa para tomar a frente da recém-criada Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa. O contato se deu através do violinista baiano criado em João Pessoa, Alberto Johnson. Grande amigo de Diniz, ele entrou em contato com o então prefeito da capital para indicar o nome de Diniz para a função. Em nove anos de fundação, o maestro tem sido responsável por definir os rumos do grupo. "A orquestra cresceu. Nós fizemos um trabalho muito forte em termos de música em João Pessoa. E a minha ideia é continuar esse trabalho de cada vez mais crescer. Cícero Lucena tem dado um grande apoio, até porque a Orquestra de Câmara foi criada na primeira gestão dele", destaca Diniz, que também cita a criação da Companhia Municipal de Dança de João Pessoa, com quem a Orquestra se apresentou no último mês de dezembro com espetáculo de balé 'O quebra-nozes'.

Na condição também de diretor artístico do Festival Internacional de Música Clássica de João Pessoa, Laércio Diniz usou de seu prestígio para promover a vinda de solistas importantes da França, do Canadá e da Alemanha. "Com pouquíssimo dinheiro, nós conseguimos fazer um trabalho de divulgação da música clássica, não só na Paraíba, mas em outros lugares", aponta ele.

O projeto de apresentações virtuais denominado 'OSMJP Amigos & Histórias', surgido durante a pandemia, reuniu a orquestra a nomes expressivos de outras linguagens artísticas como o músico e dançarino Antônio Nóbrega, o artista plástico Wilson Figueiredo, o cineasta Marcus Vilar e a atriz Zezita Matos. Isso aponta para novos caminhos de atuação da OSMJP. "Quero que a orquestra seja um catalisador da arte em João Pessoa. Não apenas divulgando a música clássica, mas trazendo para a música clássica grandes artistas de outras áreas", planeja Laércio Diniz.

Foto: Miriam Silva/Divulgação

Analisando sua discografia, uma das características recém-descobertas por Diniz é que ele seria um dos maestros brasileiros com mais gravações internacionais em orquestras no exterior

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O desemprego é bom pra quem?

A insatisfação com o trabalho parece ser uma tendência global do capitalismo. No último ano, os Estados Unidos experimentaram uma onda de demissões em massa. Apenas em novembro de 2021, cerca 4,5 milhões de pessoas deixaram seus empregos.

O sentimento desses trabalhadores estadunidenses é o de que as jornadas de trabalho eram estressantes demais, mal remuneradas e com pouca proteção legal. A renúncia de trabalhar sob essas condições seria facilitada por um cenário com maior oferta de empregos.

O desemprego, assim como a exploração do trabalho, são elementos nodais do sistema capitalista. Via de regra, os governos sabem como criar as condições para geração de pleno emprego, mas essa é uma decisão política que não costuma agradar os grandes empresários.

O economista polonês Michal Kalecki demonstrou as razões que levam os capitalistas a se oporem a políticas governamentais de pleno emprego. Não é interesse da burguesia que investimentos governamentais sejam destinados para a geração de pleno emprego. Em primeiro lugar, por uma questão de poder. Num sistema de *laissez faire*, são os grandes capitalistas que ditam a dinâmica dos investimentos, como base na confiança e no lucro, o que interfere no nível de oferta de trabalho.

Michal Kalecki observou que os capitalistas exercem uma espécie de controle indireto em relação à política governamental, fundamentado no imperativo de não abalar a confiança dos empresários para evitar que ocorram crises de confiança.

Quando os governos agem por conta própria fazendo investimento para a criação de empregos, inevitavelmente estão diminuindo o controle dos capitalistas. É por isso que os déficits orçamentários governamentais, necessários para implementação das políticas de pleno emprego, costumam ser demonizados pelos empresários, economistas ortodoxos e a mídia tradicional.

Os capitalistas também não gostam que o Estado invista em serviços ou áreas da atividade econômica que possam concorrer com o setor privado. É uma forma de evitar que seus rendimentos e lucros despenquem. Eles ainda são contrários ao subsídio governamental do consumo popular. Kalecki acredita que nesse caso a objeção é até mais forte, porque vai contra a ética capitalista de que temos que ganhar nosso sustento individualmente.

Outro temor dos grandes empresários quando o assunto é pleno emprego, diz respeito ao enfraquecimento da ameaça de demissão como mecanismo disciplinador. Os patrões ficam mais poderosos quando os trabalhadores têm medo de ficar desempregados.

Um ambiente de pleno emprego, em tese, tende a dar mais confiança à classe trabalhadora, permitindo que ela se organize, exija mais direitos e construa movimentos grevistas. O que é politicamente indesejável para a classe dominante. É então natural que os capitalistas se oponham ao pleno emprego, mesmo que este signifique na prática um aumento do consumo e do lucro de suas empresas.

O que mostra como a classe dominante é capaz de impor politicamente os seus interesses estratégicos.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Síndrome da personalidade autoritária

A Psicologia Política analisa ações de Estado e seus impactos no comportamento do cidadão e na convivência em sociedade, também investiga sua origem psíquica e seus fundamentos teóricos. Diante dos desafios desses estudos, a ciência política e a psicologia criou um campo interdisciplinar entre filosofia, antropologia, sociologia, economia, jornalismo, história e relações internacionais. Um dos objetivos desta ciência – psicologia política – é compreender as ligações entre cidadãos e contextos que são influenciados por: crenças; processamento de informações; socializações; formação de atitudes; motivações aos projetos de vida; percepções entre salário, trabalho e alienação; religiosidades; desenvolvimento cognitivo e afetivo; estratégias de aprendizagem e criatividade, demência e outros. Os psicólogos políticos estudam os fundamentos, a dinâmica e os resultados do comportamento usando explicações cognitivas e sociais. Algumas teorias têm sido aplicadas na humanização das funções de liderança; na democracia de políticas internas e externas; contra o racismo e genocídios; nas dinâmicas de grupo e soluções de conflitos; na conscietização da escolha do bem-estar social no ato de votar e outros valores que priorizam o bem comum.

O estudo da personalidade em psicologia política apresenta os efeitos da personalidade de uma "autoridade" na tomada de decisões e as consequências da "personalidade de massa" nos limites do poder de um chefe de Estado ou de um líder. As interpretações da personalidade recebem contribuições das teorias psicanalíticas, que são fundamentadas por "traços" ou "motivos". O neurologista e psiquiatra Sigismund Schlomo Freud (1856-1939) apresentou teses que analisam as pulsões que estão no inconsciente de um indivíduo. Sugeriu que o comportamento e a habilidade de tomar decisões de um líder eram em grande parte determinados pela interação em sua personalidade do id, ego e superego, e seu controle do princípio do prazer e do princípio da realidade . A abordagem psicanalítica é usada em psicobiografias de líderes políticos. Essas análises extraem inferências do desenvolvimento pessoal, social e político, desde a infância, a fim de compreender os padrões de comportamento que podem ser inseridos para prever uma decisão de poder e suas consequências.

A "Teoria dos Traços" é um modelo que procura identificar a descrição da personalidade. Os "traços" são características permanentes que diferem de pessoa para pessoa. Geralmente são estáveis ao longo do tempo e em diferentes situações, criando predisposições para perceber e responder de formas individuais. Esses estudos foram apresentados pelo psicólogo estadunidense Gordon Willard Allport (1897-1967). Suas teses introduzem conceitos de "traços" centrais, secundários, cardinais e comuns. Essas distinções demonstram personalidades em vários graus e, além disso, que há uma diferença entre "traços" individuais e comuns a serem reconhecidos em uma sociedade.

Foto: Reprodução

Segundo Adorno, o autoritarismo surge na incapacidade de controlar os impulsos de identidade sexual e agressiva

A "Teoria do Motivo" é estudada como um comportamento orientado para um objetivo, impulsionado pela necessidade de quatro elementos: poder, afiliação, intimidade e realização. Essas categorias foram estudas por Henry Murray (1893-1988). Esse psicólogo americano desenvolveu uma teoria da personalidade que foi organizada em termos de motivos, pressões e necessidades. No ano de 1938, Murray descreveu a necessidade como uma "potencialidade ou prontidão para responder de uma certa maneira, em determinadas circunstâncias dadas". As Teorias da Personalidade, a partir das motivações, sugerem que nossas personalidades são um reflexo de comportamentos controlados por necessidades. Observa-se que a necessidade de "poder" afeta o estilo de atuação de um líder, geralmente alguns líderes – com alta motivação de poder e pouca necessidade de motivação para "intimidade" de "afiliação" – são presidentes mais sedutores. Os líderes motivados por "afiliação" tendem, alternativamente, a colaborar em esforços conjuntos de "intimidade" na ausência de ameaças. Por último, a motivação por conquistas ou realização demonstrou não corresponder ao sucesso político, especialmente se for superior à motivação pelo poder. Nesse contexto, a motivação entre um líder e aqueles a quem ele governa deve ser consistente em análise de conteúdo de seus discursos e entrevistas.

A "personalidade autoritária" é uma teoria da síndrome que foi estudada pelo filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969). No ano de 1950, Adorno explicou que os indivíduos com um tipo de "personalidade autoritária" tinham sido atrofiados em termos de desenvolver uma capacidade de controlar os próprios impulsos de identidade sexual e agressiva. Isso resultou em um medo e, portanto, um desenvolvimento de mecanismos de defesa para evitar enfrentá-los. Os tipos de "personalidade autoritária" são pessoas descritas como oscilando entre dependendo da "Autoridade" ainda ressentida. A síndrome foi teorizada por Adorno para abranger nove características, que são: conventionalismo; submissão autoritária; agressão autoritária; anti-intracepção, que é uma oposição a tendências subjetivas ou imaginativas; superstição e estereotipia; poder e dureza; destrutividade e cinismo; obsessão sexual e projeção. Observa-se que o tipo de "personalidade autoritária" pode ser: etnocêntrico; ego-defensivo; mentalmente rígido; convencional; adverso ao fora do comum e visões conservadoras. No seu livro *A Personalidade Autoritária* (1950), Adorno introduz várias escalas de "personalidade autoritária", temos a que se constitue de uma ideologia política ultranacionalista e autoritária, que é caracterizada por um poder ditatorial, e de reprimir uma oposição através da força militar e com forte e brutal convocação da sociedade e do engessamento da economia. Também, tem-se a personalidade que se desenvolve o preconceito, a hostilidade ou discriminação. Outra escala é do etnocentrismo, que é a tendencia a observar o mundo a partir da própria perspectiva pessoal. Por último, Adorno apresenta a escala do conservadorismo político econômico. Nessa última, é possível medir as tendências autoritárias implícitas da personalidade, e suas consequências de destruição da economia de um país e do cidadão.

■ Sinta-se convidado à audição do 350º Domingo Sinfônico, deste dia 9, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças eruditas de filmes, marchas, óperas e balé.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Fora da caixa

Queria ir a Fátima, na Capelinha das Aparições, pagar uma promessa, mas não sei quando. Irei. Não tenho pressa. No Sertão, encostava meu ouvido no búzio ou na minha concha e dava para ouvir o barulho do mar. Quando vi o mar conheci a canção de António Maria: "Oh, vento não faz barulho, meu amor está dormindo e o mar não bata com força".

Com algumas interrupções, estamos de volta. Vamos ver se daremos conta. Alguém traz pães, água, baralho, champanhe, carne de sol e uma perua de capoeira. É uma beleza essa vida.

Já fui um trovador.

Um homem velho passa com sua mulher empurrando um carrinho de som com inúmeras mensagens bíblicas, mas ele não sabe a hora de se lançar. Faz anos que faz essa travessia, na Praia do Cabo Branco, observado pelos retrovisores humanos, em galos, manhãs e jardins. Existe isso, Astier Basílio?

Eu quero muito mais que esse homem, que me parece ter toda paciência do mundo. Não é fácil. As criaturas explodem nas ruas. E a culpa não é do Ômicron.

A cena lembra um Super-8. No 1º dia em que o vi, ao longe, ele afastava no asfalto que se afunilava no espelho do mar. O velho parece o Anjo 45, a levitar no calor do amanhecer.

Quem é esse homem cada vez mais Golias, sem a boina dos judeus na cabeça, sequer, numa moldura de um quadro de Flávio Tavares sem a velha camiseta do Guevara?

Nas cores de fim de tarde de verão, ele não vem. Parece uma ilusão boa, nunca à toa, como se lesse pensamentos, mas não lê. Não é o homem da cobra. É impressionante ele sair de casa o ano todo com uma caixa portátil, o som de 'Hosana nas Alturas' fora da caixa.

Uma performance que ganha vida numa piscada de olho, de até sabe-se lá quando, sabe-se lá onde. Ele resiste.

Eu queria ir a Fátima pagar minhas promessas. No plural? Não tenho tantas.

O gozo de caminhar, é a melhor coisa. E não é preciso haver motivo, saúde já o bastante. Esse homem paga minhas promessas, porque é um solitário, ele e sua mulher, com Jesus na cabeça.

Ele faz desse andar, das lentas pernardas, um equilíbrio espiritual e não é esse o desafio. Caminha sem se preocupar se estão ouvindo a sua mensagem, quase um anjo torto, quase um Gentileza, com suas lágrimas da solidão escondidas.

Não é um curandeiro, nem um representante de drogaria. Talvez o avô de Zorro.

O som que vem da sua caixa fala mais que o silêncio, mas não paralisa nada, apenas mostra a indiferença daqueles que ainda festejam o ano novo de novo.

É difícil ser tranquilo. Ao vê-lo passar sem chamar a atenção, apenas o arranco das bicicletas, mas ele põe fé e punha-se a viajar na voz bíblica, que lembra o vozeirão de Cid Moreira.

É assim todas as manhãs, com o mesmo paletó e vai além do Bar do Cuscuz. Outro dia, o vi perto da estátua de Iemanjá sem cabeça. Sim, a estátua continua sem a cabeça.

Tudo que ele precisa é encontrar o trem azul de Milton Nascimento, mas Minas não há mais. Aliás, tantas coisas a gente esquece de dizer, né? Saudades do Brasil.

Quero ir a Santa Luzia levar o milagre dos meus olhos de tanto ver o mar.

Uma manhã para lá, uma tarde para cá e o mesmo som. É como se ele não estivesse ali. É a cruz de cada um. Falando em som fora da caixa, a banda AC/DC surgiu AC ou DC?

Kapetadas

1 - Não se encante muito porque depois o desencanto é maior.

2 - Vocês estão preparados para levarem pé na bunda de robôs?

3 - Eu nunca entendi por que as pessoas falam "o dinheiro caiu na conta".

4 - O som na caixa está dentro do texto.

Foto: Acervo Pessoal

Na orla, casal empurra carrinho de som com inúmeras mensagens bíblicas

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

"Cinema de Rua" e o retorno de sua função sociocultural

A fotografia em movimento (*moving image*) ou, como é basilar entender, a montagem de fotogramas (filme), quadro a quadro, foi um dos grandes feitos criativos do final do século 19. Terá sido o primeiro passo para uma evolução narrativa e construtiva da imagem, que hoje experimentamos no cinema e, após algumas décadas, em outras mídias audiovisuais.

Foram-se esses tempos, advindo as novas tecnologias de comunicação nas artes visuais e, já na segunda metade do século passado, novos avanços foram surgindo, como o holograma 3D. Segundo se anunciou, um recurso de projeção altamente sofisticado como forma de entretenimento de massa, oriundo do digital, que permite atualmente a visão tridimensional da imagem sem óculos especiais, como foi no início com o 3D (Terceira Dimensão). Ambas tecnologias foram bastante revolucionárias, em suas respectivas e contingenciais épocas.

A partir desses dois avanços tecnológicos da imagem em movimento, com o som apenas chegando no final dos anos 20 do século passado (*O Cantor de Jazz*), é possível avaliar o que hoje realmente deve representar o cinema. Isso, se buscarmos não só, como querem alguns, os conceitos científicos sobre o movimento simples dos corpos, a partir da energia cinética.

Tenho buscado ampliar tal entendimento, aqui mesmo na coluna, sobre o que bem define cinema nos dias atuais. Essa é uma arte que transcende ao seu próprio recurso técnico de cinesia da imagem formatado no passado – visual e sonoro. Cinema ganhou um conceito muito maior, que é o de mercado.

Não faz muito tempo, ouvi declaração de alguém que se diz plenamente satisfeito em assistir a um filme em casa (*home movie*). E que "o consumo eletrônico doméstico não quebra o encanto do cinema". Diante de afirmativa tal, será perda de tempo qualquer argumentação. Só para variar, lembraria a esse "espectador" que o cinema não apenas se resume a um mero site, arquivo de computador ou ao enganoso diáfano da telinha. O cinema, nobre espectador, é muito mais que isso – é ritual, é o se deslumbrar em uma ampla sala escura sob um grande écran à sua frente. E aqui me valho do que afirmou o parceiro de redação de **A União**, André Cananéa: "É um barato assistir Homem-Aranha em uma sala lotada." Entusiasmo esse que nos tem faltado...

Foto: Divulgação

Doutor Manoel Jaime atesta a existência de cinemas de rua, em Bolonha, Itália

Na realidade, negar a uma criança de hoje a curiosidade de ver, pelo menos uma vez em sua vida, essa máquina de fantasias que é a sétima das artes numa sala de cinema... Gente, privá-la desse encantamento é muita crueldade!

O "cinema de rua", nos dias atuais, pode ser o recomeçar da nova fase de uma arte que foi deveras importante social e culturalmente, durante décadas. Refiro-me não sobre algumas poucas exibições de filmes que têm acontecido em praças, logradouros públicos e escolas da capital paraibana e do interior do estado. Mas, aos únicos cinemas (salas privadas de projeção) resistentes em poucas cidades brasileiras, a exemplo de algumas capitais europeias.

E como gostaria de iniciar 2022 com uma boa notícia, vi recentemente uma nota aqui mesmo em **A União** sobre a reabertura da sala de exibições fílmicas (Cine-Teatro Excelsior) na cidade de Bananeiras, interior da Paraíba. O que nos traz novas esperanças e compreensões sobre a importância dessa arte na formação de uma sociedade – política/cultural/economicamente. – Mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br.

APC – Nota

Início de mais um ano, é tempo de novas aspirações e de ações construtivas em prol do Sétima Arte. Momento em que a Diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC), na pessoa de sua presidente, a atriz Zezita Matos, e em nome de todos os que formam os seus quadros, agradece a deferência que teve até agora, desejando aos paraibanos um 2022 de muitas realizações. Registrando ainda que, encorajada continua a APC na realização de novos e importantes projetos, pelo que espera ter o mesmo acolhimento por parte das instituições com as quais tem sido parceira, desejando a todas uma próspera e feliz gestão.

Em cartaz

ESTREIA

KING'S MAN - A ORIGEM (The King's Man. Reino Unido, EUA, Alemanha, França e Itália. Dir: Matthew Vaughn. Aventura, Comédia. 14 anos). Quando os criminosos mais cruéis da história se reúnem para roubar milhões, um homem deve correr contra o tempo para detê-los. O início de tudo aconteceu no período da Primeira Guerra Mundial, quando os chamados "homens do Rei" receberam a missão de proteger a Inglaterra de ameaças externas. É neste cenário que conheceremos o Duque de Oxford (Ralph Fiennes), que entrará em uma batalha contra tiranos e criminosos que estão por trás da guerra. Descubra as raízes da primeira agência de inteligência independente. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h20 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h (exceto sáb. e dom.) - 18h - 21h; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 18h10 - 20h45; CINE SERCLA SERCLA 3 (dub.): 18h10 - 20h45; CINE SERCLA SERCLA 5 (leg.): 19h30.

SING 2 (EUA. Dir: Garth Jennings. Animação, Aventura, Comédia. Livre). Na glamourosa cidade de Redshore, Buster Moon e a galera enfrentam seus medos, fazem novos amigos e superam seus limites em uma jornada para convencer o recluso astro Clay Calloway a subir aos palcos novamente. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h30 - 18h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 - 16h15 - 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h - 16h30 - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (dub.): 13h20 (sáb. e dom.) - 15h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 - 16h15 - 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h15 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 14h - 16h05; CINE SERCLA SERCLA 3 (dub.): 14h - 16h05.

CONTINUAÇÃO

HOMEM-ARANHA - SEM VOLTA PARA CASA (Spiderman - No Way Home. EUA. Dir: Jon Watts. Ação, Fantasia, Super-Herói. 12 anos). Peter Parker (Tom Holland) precisará lidar com as consequências da sua identidade como aracnídeo ter sido revelada pela reportagem do Clarim Diário. Incapaz de separar sua vida normal das aventuras de ser um super-herói, Parker pede ao Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) para que todos esqueçam sua verdeira identidade. Entretanto, o feitiço não sai como planejado. CENTERPLEX MAG 3: 14h30 (dub.) - 17h30 (leg.) - 20h30 (leg.); CENTERPLEX MAG 4: 18h30 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (leg.): 13h40 - 16h45 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h15 - 18h30 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 14h15 (dub.) - 17h30 (leg.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (3D, dub.): 15h15 - 18h30 - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h15 (exceto sáb. e dom.) - 17h30 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBIÁ 6 (3D, dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (3D, dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30.

MATRIX RESURRECTIONS (The Matrix Resurrections. EUA. Dir: Lana Wachowski. Ação, Sci-Fi e Aventura. 14 anos). Em um mundo de duas realidades – a vida cotidiana e o que está por trás dela – Thomas Anderson (Keanu Reeves) terá que escolher seguir o coelho branco mais uma vez. A escolha, embora seja uma ilusão, ainda é a única maneira de entrar ou sair da Matrix, que é mais forte, mais segura e mais perigosa do que nunca. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 18h20 - 21h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h15; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h15.

TURMA DA MÔNICA: LIÇÕES (Brasil. Dir: Daniel Rezende. Aventura e Comédia. Livre.). Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão fogem da escola. Agora, terão que encarar as suas consequências, e elas não serão poucas. Nesta nova jornada, a turma descobrirá o real valor e sentido da palavra amizade. CENTERPLEX MAG 4: 14h - 16h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h45 - 17h - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h15 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h30 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 14h45 - 17h - 19h15; CINESERCLA TAMBIÁ 2: 14h40 - 16h30 - 18h20; CINESERCLA PARTAGE 4: 14h40 - 16h30 - 18h20.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Direito e vida

Anos 80 do século passado, em meio às exigências disciplinares de um mestrado em direito penal, na velha faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, lia atentamente a coluna semanal de Walter Ceneviva, no Estadão, abordando, técnica e cientificamente, as questões práticas dos diversos ramos do direito.

As matérias recebiam um tratamento objetivo e esclarecedor por parte do ilustre advogado e jurista, sempre à margem dos esoterismos terminológicos da dogmática jurídica, num esforço, decerto louvável, de tornar simples o complexo, e de demonstrar que o direito, em todas as suas fontes (norma legal, costumes, doutrina e jurisprudência) se entrelaça com as solicitações da vida cotidiana de todos nós.

Hoje não leio mais Walter Ceneviva. Nem sei mesmo de seu paradeiro. O próprio direito, mesmo o criminal, já não me atrai tanto como nos tempos ilusórios da juventude. Aqui e ali, só para matar a saudade do rigor e do brilho do texto doutrinário, compulso fragmentariamente as páginas de um Nelson Hungria, um Aníbal Bruno, um Roberto Lyra e um Caio Mário da Silva Pereira, já não tão focado na substância dos conceitos, mas tão somente seduzido pelo gosto e prumo da palavra bem empregada, no momento certo e no lugar certo.

Mas, de todo, não me afastei do direito. Aliás, ninguém pode se afastar do direito, uma vez que o direito está entranhado na palpitação de nossos desejos e na frequência rotineira de nossos atos. O direito está dentro de nós, atravessa o mundo, rege a organização das coisas e das pessoas, rastreando, se possível, os passos sagrados da justiça. Quem me lembra tudo isto é o colunista de **A União**, Fernando Vasconcelos que, nos seus escritos hebdomadários e nos seus livros de direito, traz a vida ordinária ou extraordinária, para submetê-la ao crivo de seu olhar agudo, atento ao banal, ao corriqueiro, ao estranho, ao absurdo, ao grotesco, ao trágico, tudo, enfim, bem arrumado na planilha da análise jurídica e no calor da empatia humana.

Leio agora *Crônicas de vida e felicidade* (João Pessoa: Ideia, 2021), logo depois de ter lido *Missão cumprida: história de minha vida* (João Pessoa: JRC Gráfica, 2020), e destas leituras colho as informações necessárias e a pertinência de conhecimentos variados, sobretudo no que toca às relações do direito com a vida.

A edição de suas crônicas, ou melhor, de seus artigos, comentários e narrações, já sinalizam para a diversidade temática de seus interesses cognitivos, embora, jungidos, todos, pela base doutrinária e jurisprudencial de um operador do direito de capacidade múltipla. "Vida em família: casamentos, separações, traições e divórcios"; "Sexo, amor e vida"; "Implicações jurídicas na vida amorosa"; "Saúde e felicidade dos idosos: alimentação, namoro e diversões", e "Internet e felicidade nas redes sociais", eis o espectro que conduz os exemplos, as interpretações e os julgamentos do articulista. Não há caso investigado que não traga as suas circunstâncias humanas e os seus alicerces jurídicos; se alguns parecem simplesmente absurdos e outros melodramáticos; se existem aqueles que nos fazem rir ou chorar; todos, cada um, na sua singularidade ontológica, guarda e revela um ensinamento acerca dos enigmas da vida.

A tudo Vasconcelos, reunindo a vasta experiência de promotor público, advogado, professor e escritor, esmiuça os contornos das ocorrências narradas, num estilo simples e direto, centrado quase sempre no ponto essencial das questões. Não lhe falta, neste ou naquele momento, a leveza e o humor na apreciação dos fatos e das criaturas, ou, em perspectiva diversa, a digressão aforismática, a traduzir certos imperativos de sabedoria filosófica.

No texto, "Quem trai, paga" (p. 119-120), por exemplo, a conclusão se encaminha para o humor, captado na fala de Mário, colega de Sinzenando:

"Antigamente, o marido traído recebia apenas a alcunha de corno e a vida seguia. Os mais exaltados lavavam a honra com sangue, matando o amante ou a mulher (ou ambos), enquanto os mais deprimidos até se suicidavam. A mulher traída era sempre tratada como vítima de um insensível. Agora, não. Traição custa caro!".

E como pode custar!

Já no texto "Adultério e paternidade" (p. 93-94), depois de relatado o episódio, o autor arremata com estas palavras de sabor ensaístico: "Há pessoas que são destituídas de quaisquer sentimentos, tais como amor, compaixão, solidariedade e caridade. Consideram a entidade familiar um amontoado de gente, sem quaisquer vínculos morais ou espirituais. Para alguns, tanto faz a existência de filhos, ou não. E, assim, vivem como animais, muitas vezes, orientados pelo instinto".

Sem dúvida!

Para usar uma linguagem existencialista, seriam pessoas (não bem pessoas, mas apenas criaturas!) inautênticas, cerceadas pelos muros da mera facticidade. Seres determinados, sem a marca humana da liberdade. Animais, na pura acepção do termo.

Vê-se, portanto, que ler os escritos de Fernando Vasconcelos, seja os de índole jornalística, como os compilados em *Vícios e medos modernos* (2006), seja os de inclinação didática e científica, como *Responsabilidade do profissional liberal nas relações de consumo* (2010), é sempre uma experiência valiosa. Pelo prazer e pelo aprendizado. *Crônicas de vida e felicidade* está aí para reforçar o poder probatório de minhas palavras.

Colunista colaborador

‘Vida Desinteressante’ é o mote de uma geração

Parte deste retrato se encontra agora em uma antologia de crônicas publicadas por Victor Heringer (1988-2018)

Matheus Lopes Quirino
Agência Estado

Foto: Divulgação

Crescido nas últimas décadas pré-internet, Heringer retratou os últimos suspiros de um mundo analógico com todas as suas delícias

Imagem: Divulgação

SERVIÇO
- ‘Vida Desinteressante’
- Autor: Victor Heringer
- Editora: Companhia das Letras
- 264 páginas
- Livro: R$ 64,90
- ‘E-book’: R$ 39,90

O rosto delicado e os olhos verdes do menino do rio se fecharam em 2018. Elogiado pela crítica por seus dois livros, *Glória*, e o último, *O Amor dos Homens Avulsos*, a pequena e sustante obra de Victor Heringer foi reimpressa e esgotou rápido após a sua morte precoce. Nascido em 1989 e crescido naquelas últimas décadas pré-internet, ele retratou os últimos suspiros de um mundo analógico com todas as suas delícias.

Parte deste retrato se encontra agora em *Vida Desinteressante*, reunião de crônicas publicadas entre 2014 e 2017 na revista *Pessoa*. Vê-se no pequeno recorte de tempo um Victor Heringer se equilibrando entre poeta mundano e anti-cronista. Convidado por Carlos Henrique Schroeder para ocupar um espaço quinzenal na revista virtual, Heringer é um cronista confessadamente avoado, que, como diria Antônio Cândido em sua *A Vida ao Rés do Chão*: “Pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. A beleza da vida, na prosa de Heringer, não é necessariamente o que é esteticamente belo.

Ele retrata um gambá que se equilibra em fios telefônicos com a mesma grandeza de um passarinho, quiçá uma borboleta amarela. Em *O Gambá e o homem*, Victor Heringer traz um episódio serendipitoso, em que o bicho, na corda bamba, parece estar muito mais próximo do homem do que se é esperado em matéria de gambá. Um animalzinho particularmente desprezado pela literatura, seja por seu aspecto de roedor ou pelo odor malcheiroso, o gambá de Heringer não é um Pepé Le Pew. É um perfeito equilibrista repleto de imperfeições.

A graça com o gambá está no jogo sofisticado de trabalho com a imagem do animal fedorento. Quando o autor diz que o gambá tem seu par no mundo dos homens, ele não quer dizer que existe gente fedida – embora fale isso em dados momentos –, mas que o homem, como perfeito equilibrista, luta para sobreviver e se encaixar em determinados ambientes. A marca de Heringer é justamente o lirismo acompanhado com boas doses de uma fina melancolia destilada em personagens curiosos, como nas crônicas *A Mulher mais triste do mundo* e *Os Tristes*.

Mas antes de chegar aos personagens, vale cá transcrever um excerto que representa o espírito “Heringeriano”, em *O que sei das flores*, o próprio autor explica o tipo de cronista que é: “Não sou o tipo de cronista que senta no bar à tarde e adivinha as estações pelas roupas das moças que passam. Sei que é primavera porque olhei no calendário. Ando de cabeça baixa, quase sempre apressado, mal noto as flores caindo das árvores, às vezes no meu cabelo. As borboletas têm voado direto na minha cara com frequência, mas isso elas fazem o ano inteiro. Deve haver algo no meu rosto que as convida ao choque”.

A melancolia domina seus versos e é um espírito que se mantém ao longo do livro. Mas não é um sentimento de todo ruim, pelo contrário. Escritores como Clarice Lispector, que publicamente admitiu não ser cronista, e Caio Fernando Abreu, que nos anos 1980 escreveu crônicas no *Caderno 2*, também demonstram natural tino para uma prosa em que a vida interior domina, expondo as alegrias e tristezas. O pessimismo, naturalmente, é um derivado entre esses dois estados e é um manancial de inspiração.

Vida Desinteressante lembra muito Pequenas Epifanias, de Caio Fernando Abreu. É interessante pensar nos dois livros como recortes de dois jovens forasteiros em uma São Paulo fervilhante, mesmo que em gerações diferentes. A solidão, tema presente na obra de Caio, está bem representada nas crônicas de Victor Heringer. Como em O Paulistano não existe: “Na noite de 31 de dezembro do ano passado, eu já estava instalado em São Paulo, e olhava o horizonte predial da Pauliceia. [...] Eu, sentado na varanda, os pés apoiados na máquina de lavar e o cotovelo no tanque, olhava. Luzinhas: janelas: um oceano de janelas com 11 milhões de gente dentro”.

A solidão é algo reverenciado por escritores. Uma condição imposta muitas vezes pelo método da escrita, que exige silêncio e concentração, o ofício do cronista já exige o contrário, a interação, a observação. Victor Heringer flanava por São Paulo, pelo seu Rio de Janeiro e foi até Mumbai, cidade em que registrou observações em sua coluna, *Milímetros*, chegando até explicar para indianos o que é a tal da macumba.

Em *Vida Desinteressante*: Uma retrospectiva ele dá ao leitor suas anotações feitas desde que se mudou para São Paulo. Heringer era adepto das cadernetas de anotação, método essencial para o processo criativo de muitos escribas. Em seu romance *O Amor dos Homens Avulsos*, ele retoma o tema, colocando na boca de seu protagonista o seguinte desejo: “Quando eu morrer, sei que alguém vai entrar aqui e enfiar tudo o que é meu numa caixa de papelão, que vai acabar numa caçamba dessas. Espero que alguém a encontre, porque dentro vão estar meus cadernos [...]; minhas coisas têm alguma memória...”.

Sendo a crônica um terreno fértil entre ficção e realidade, a escrita da pequena prosa depende muito da memória e suas artimanhas. Em *A Mulher mais triste do mundo*, Victor Heringer traz à tona uma personagem avulsa ao seu entorno: uma faxineira que usava tênis rosa-choque. Ele a descreve como uma criatura resignada e turva, embora use calçados berrantes, limpa o banheiro de um bar, um dos cenários degradantes que o autor apresenta em suas crônicas.

> “Não sou o tipo de cronista que senta no bar à tarde e adivinha as estações pelas roupas das moças que passam. Sei que é primavera porque olhei no calendário”

A predileção de Heringer pelo degradante, pela sujeira, que o dramaturgo Antônio Abujamra dizia preferir em suas peças, é uma escolha que vai na contramão da crônica brasileira. Pensamos na prosa de Rubem Braga ou Paulo Mendes Campos com o conforto de uma Ipanema linda e limpa, com suas beldades passando pelo calçadão, as cores vibrantes e um ar de bossa nova. Victor Heringer traz os renegados, desde transeuntes em situação de rua, idosos já caducos discutindo na rodoviária do Tietê, a usuários de drogas da região central.

É a vida como ela é, das vantagens de ser escritor, uma das é se refugiar no ofício, como se fosse vestir uma capa impermeável. Em *Viver de Literatura*, ele se rebela com a realidade: “Eu não sou lá muito otimista, não sei não. Em alguns livros eu gostaria de viver, em outros passar férias”. Da coletânea de textos sobre o Rio reunida por Bandeira e Drummond aos dois livros que ele nunca esqueceu, mas não lembra direito, o autor é certeiro quando diz que “quem raios quereria viver no Kafka? Já vivemos no Kafka”.

Em *Os livros que carrego comigo*, o autor faz referência ao poeta Drummond, que escreveu *Tarde de Maio*, um dos versos mais lembrados de sua obra. “A velha pergunta se é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado é irrespondível: quem amou nunca mais voltará à pureza medonha de nunca ter amado. Por isso, sou obrigado a carregar certos livros comigo, ‘como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos’.” Na seleta de crônicas, Heringer elege os livros como tema de algumas, ao relatar o valor essencial de certas obras em sua vida, com ênfase especial a Manuel Bandeira e o próprio Drummond.

Os sebos aparecem como verdadeiros retiros espirituais. Há paz dentro deles. Victor Heringer cultivou boas lembranças em algumas dessas livrarias, lembra isso quando escreve sobre o sebo de Nova Friburgo, “cuja dona, uma senhora de meia idade, parecia a Maria Bethânia, se ela fosse irmã do Gil”. Em São Paulo, ele revela ser um frequentador assíduo desses estabelecimentos, e traz a conclusão de que “como baratas, os sebos vão sobreviver ao colapso da civilização”.

Ao trafegar entre popular e erudito, Victor Heringer assume o olhar de transeunte e passante, onde quer que esteja. Pelos países da América Latina ou São Paulo, ele busca incessantemente compreender a si, e compreende não pertencer totalmente a lugar algum. Mesmo no Rio de Janeiro, sua cidade do coração, ele em dado momento já não mais se identifica, tamanhas as mudanças do tempo ali. Gentrificação, outros ares, ele relembra a rapaziada dos saraus tocados pelo poeta Chacal ao escritor Ismar Tirelli Neto, que inaugurou o adjetivo “Ismar”.

A literatura sempre o cercou, nas amizades com poetas como Mariano Marovatto e Matilde Campilho, mesmo no trabalho esmerado que fazia como pesquisador de literatura brasileira, Victor Heringer certa vez escreveu sobre os romancistas alemães, com humor e acidez característicos: “A gente nasce com um tempo curtíssimo para tentar compreender um universo que tem um tempo de sobra”. A morte também é um tema que está presente em toda a sua obra. Seja nos romances, como nas crônicas, Victor Heringer sinalizava que o fim estava próximo.

Não significava que se derramasse em prantos, ou estivesse para romancista alemão (mesmo seu sobrenome ajudando para tal epíteto). Como cronista, ele descreve em *O muro contra a morte* um passeio pelos cemitérios da zona oeste de São Paulo, no trajeto entre casa e trabalho. Não perde tempo em jogar a batata quente para o leitor, como um bom cronista faz: “Leio esse mandamento todo dia de manhã: acordamorto, acordamorto, acordamôr; acorda, amor; acorda, morto; acorda morto. Gosto porque é um chamamento à ressurreição e gosto porque, sem a vírgula, parece estar falando não com os mortos, mas com os passantes, os que espiam rapidamente pela janela do ônibus a caminho do trabalho: Você acorda morto, Você está acordado, mas não está vivo. Gosto dessa involuntária maldição ao trabalho sem alegria, trampo de mundo caduco, serviço. Acorda, amor. Vence a morte”.

Rede sem política

Jovem evita política nas redes sociais para não ser 'cancelado'. Polarização e radicalismo que o tema suscita leva ao que os pesquisadores têm chamado de "efeito Anitta". Página 14

Foto: Divulgação

Constituição estadual ainda não atualizou versão on-line

Na legislatura passada, 36 PECs foram aprovadas, mas 11 delas ainda não estão disponíveis digitalmente

A atual legislatura, iniciada em fevereiro de 2019, já registrou a apresentação de 36 Propostas de Emendas Constitucionais, sendo que as onze tramitadas e aprovadas até agora, ainda não foram atualizadas no texto on-line da Constituição do Poder Legislativo Estadual. Os deputados foram autores de 21, mas a grande maioria das que venceram comissões e regras do plenário, é mesmo oriunda do Poder Executivo estadual.

"É natural que isso aconteça porque o que determina essa questão de tramitação, discussão e aprovação é a importância e a necessidade da matéria", justifica o líder do Governo, deputado Wilson Filho.

"Não são centenas de requerimentos ou projetos que determinam o trabalho legislativo. Importante é a PEC que muda a Constituição", complementa João Fernandes da Silva que, além de ex-presidente da Casa foi um dos principais integrantes da equipe que, no final de 2019, revisou e consolidou com 44 novas emendas, o texto da atual Constituição.

Das 8.341 matérias que tramitaram este ano na Assembleia - incluindo, nesse rol, requerimentos, projetos, vetos e Medidas Provisórias -, as PECs aprovadas só foram quatro (todas do Governo). Contabilizadas por apresentação, no entanto, elas somaram oito, mesma quantidade do ano passado, segundo dados do Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) da Assembleia Legislativa do Estado.

Em 2019, no entanto, como sempre ocorre nos primeiros anos de legislaturas, elas somaram 20, muito embora, daquele ano, somente a que tratou do trabalho de revisão e consolidação da Constituição tenha sido atualizada.

E até mesmo porque exigem comissão especial, 24 votos e dois turnos para aprovação, muitas são as PECs que são apresentadas mas que se perdem pelo caminho da tramitação. A maioria das 21 apresentadas por deputados nesses últimos três anos sequer chegaram ao plenário.

Foto: Reprodução

João Fernandes presidiu a Assembleia Legislativa da Paraíba no período da elaboração da nova Constituição do estado

Emendas do Governo ganham

Apesar de a grande maioria das 36 PECs que movimentaram a Assembleia do começo da atual legislatura em 2019 até agora ser de autoria dos parlamentares, foram as apresentadas pelo Governo do Estado que realmente conseguiram complementar tramitação com discussão, votação e aprovação em plenário.

"É, porque, o que determinam isso normalmente é a natureza e a importância em si da matéria", explica o líder do Governo, deputado Wilson Filho(PTB), ao fazer um breve relato de algumas, começando com a que tratou da Reforma da Previdência ainda em 2019 e, mais recentemente, as que criaram o Marco da Ciência e Tecnologia e a Polícia Penal.

> "Foi uma PEC que precisava mesmo ser feita para ajustar a Previdência do Estado à Previdência nacional, cuja reforma se deu no ano anterior, mas também para ajustar a própria economia do Estado"

Especificamente sobre a da Ciência e Tecnologia, ele acrescentou que o que a PEC trouxe foi a inclusão da inovação que o Estado precisava. "Já que essa área é muito dinâmica, disse ele, a inovação precisa ser contemplada e registrada na nossa Constituição Estadual".

"Relatei e aprovei esse avanço também porque sou um pesquisador da Embrapa, da área de ciência e tecnologia, e gostei de ver o Governo da Paraíba fazer essa adequação", complementou Buba Germano(PSB) que relatou a matéria desde a comissão especial, ao salientar que a PEC veio para assegurar investimentos. A Casa entrou para história ao se mostrar preocupada com essa medida que contribui muito para retomada da economia", disse.

> "A extinção dos cargos e, consequentemente, das estruturas de seus gabinetes, provocará uma redução de gastos"

Sobre a da criação da Polícia Penal, Wilson Filho afirmou que se tratava de uma iniciativa esperada há dois anos por dois mil agentes penitenciários, que, agora, ao lado das Polícias Civil e Militar, passam a fazer parte por igual, da força de segurança do Estado", completou.

Relator da PEC 20/2019 que tratou da Reforma da Previdência e que foi a primeira a movimentar a atual legislatura, o deputado Ricardo Barbosa(PSB), argumentou que a folha de pagamento da PBPrev em julho daquele ano (2019), superava a arrecadação em R$ 114 milhões e que, com isso, somando todas as despesas, o Governo foi levado a repassar para a PBPrev o valor de R$ 136 milhões.

"Foi uma PEC que precisava mesmo ser feita para ajustar a Previdência do Estado à Previdência nacional cuja reforma se deu no ano anterior, mas também para ajustar a própria economia do Estado", explicou Ricardo Barbosa, ao lembrar que somente assim poderia manter o pagamento de pensionistas e aposentados em dia", disse.

Outra PEC do Governo que movimentou as discussões nesse final de 2021 foi a que reduziu, de sete para quatro,o número de auditores fiscais no Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE -PB) e que, na opinião do líder do Governo, Wilson Filho, foi fruto de sugestão repassada pelo próprio Tribunal.

"A extinção dos cargos e, consequentemente, das estruturas de seus gabinetes, provocará uma redução de gastos que poderá possibilitar a ampliação das atividades da própria auditoria, isso apesar deles atualmente não gerarem despesa por estarem vagos", comentou o líder, ao justificar ter sido por tudo isso que a matérias obteve unanimidade na comissão especial e no plenário a Casa.

Muitas propostas "encalham"

Já que exigem comissão especial, 24 votos favoráveis e dois turnos de votação para serem aprovadas, as Propostas de Emenda à Constituição muitas vezes começam, mas nem terminam o processo de tramitação, no mais das vezes, sequer chegando ao plenário para discussão e votação.

Isso ocorre muitas vezes especialmente com PECs apresentadas por parlamentares, constituindo-se em exceções, algumas que carregam forte apelo social e que dificilmente deixam de despertar o interesse dos parlamentares desde a comissão especial que é criada pela Mesa.

Caso desse tipo foi a apresentada nestas últimas semanas pelo deputado Branco Mendes(Podemos), retirando a obrigatoriedade da gestante e da mãe adotiva licenciadas retornar ao trabalho em meio expediente nos últimos 60 dias da licença gestante.

Bastou o relator da matéria, Buba Germano(PSB) justificar que "oferecer 180 dias de licença-maternidade é uma ação não somente constitucional, mas muito humana", para a PEC deslanchar das comissões ao plenário e atrair votos de aprovação de parlamentares de oposição e situação.

Mas há os casos também de PECs que não encalham definitivamente e que, diante de outras mais urgentes, apenas sofrem protelações. Entre as de autoria de deputados, foi isso que aconteceu com a PEC 13/2019 de autoria da deputada Estela Bezerra(PSB).

> Muitas vezes, as propostas nem terminam o processo de tramitação, e sequer chegam ao plenário

Ela propõe alteração, de 35 para 45 anos, na idade limite para ingresso na Polícia Civil e, mesmo contando com o apoio da maioria dos parlamentares, terminou tendo complementação da votação adiada para a retomada dos trabalhos em fevereiro de 2022, depois do concurso que está em andamento na área.

E no rol das 36 que tramitaram na Assembleia Legislativa do começo da atual legislatura em 2019 até agora, há PECs tratando dos mais variados assuntos, algumas delas, difícil de serem votadas e aprovadas, não pelo voto contra, mas pelo próprio inusitado que elas trazem em seus conteúdos.

Para citar somente algumas delas, a 31/2021, do deputado Anísio Maia(PT), tornando obrigatória a paridade de gênero entre os nomes que compõem o Secretariado do Governo do Estado; a 29/2020, do deputado Cabo Gilberto Gomes(PSL) defendendo que o deputado seja acrescentado no rol dos legitimados para propor representação e ação direta de inconstitucionalidade de leis ou atos normativos estaduais e municipais; e a 23/2020, do deputado Chió(Rede), no começo da pandemia, queria incluir os circos no Programa de Auxílio Emergencial Para Trabalhadores do Setor Cultural.

Fernandes orienta atualização

Um dos principais coordenadores dos trabalhos de revisão e consolidação da atual Constituição do Estado no final de 2019, o ex -presidente da Assembleia Legislativa, João Fernandes da Silva, orienta que, para facilitar a leitura e o trabalho de quem precisa viver fazendo consultas, é a equipe de informática da Casa manter o texto sempre atualizado até que uma nova edição em papel seja publicada.

"Vemos que, pelas publicações existentes no site do Poder Legislativo, não tem dado para perceber que PECs realmente foram aprovadas e realmente mudaram a Constituição nesses dois últimos anos", afirma ele, ao lembrar que o trabalho de revisão e consolidação de 2019 teve essa importância que foi trazer para os paraibanos, um documento efetivamente atualizado inclusive na edição em papel.

João Fernandes, que presidiu a Assembleia Legislativa da Paraíba justamente no período da elaboração da nova Constituição do Estado em 1999, comentou que esse tipo de atualização permanente acontece, por exemplo, no site do Congresso Nacional em relação à Constituição Federal, e que os Estados precisam acompanhar essa norma.

Para ele, isso é importante não somente para a leitura pela leitura, mas para quem precisa viver consultando o documento como trabalho. "Os operadores do Direito são os principais exemplos disso e, como o mundo de hoje é tudo no online, é preciso que um a Constituição esteja disponibilizada devidamente atualizada", disse.

Outra coisa que se faz muito importante na opinião do ex-presidente da Assembleia, é que a população conheça claramente qual é mesmo a Constituição que está valendo no momento. "Entre 1999 e 2019 aconteceram várias edições, muitas vezes dificultando até mesmo se saber qual mesmo era a que estava valendo e em vigor", disse.

Jovem evita política nas redes sociais para não ser 'cancelado'

Polarização e radicalismo que o tema suscita leva ao que os pesquisadores têm chamado de "efeito Anitta"

André Shalders e Thiago Faria
Agência Estado

Uma pesquisa recente do instituto Ipec mostrou que seis de cada dez jovens do país preferem não comentar nada de política nas redes sociais por causa da polarização e do radicalismo que o tema suscita. É o que pesquisadores têm chamado de "efeito Anitta": o receio de ser alvo do mesmo tipo de "cancelamento" sofrido pela cantora pop em meados de 2020, quando participou de uma série de lives sobre política. Na ocasião, Anitta foi chamada de "ignorante" por internautas ao perguntar se ministérios faziam parte do Judiciário.

Mas, se não expressa suas opiniões políticas nas redes, onde se manifesta a parcela da população de 16 a 34 anos, que representa um terço do eleitorado? Segundo mapeamento da Fundação Tide Setubal, organização não governamental que atua com programas focados nas periferias das cidades, o contato com a política frequentemente se dá em outros espaços: na escola, nas igrejas e até nas festas.

É o que explica o cientista político Márcio Black, coordenador do Programa de Democracia e Cidadania Ativa da fundação. "Os espaços de formação política clássicos que a gente conhecia foram desmobilizados. Por exemplo: os sindicatos, o movimento estudantil, os grêmios, as juventudes dos partidos. Esses movimentos de base enfraqueceram ou perderam a importância para a juventude. Hoje, o jovem se forma politicamente na cultura periférica, na batalha de rap, na igreja e até no 'pancadão' (festas de funk feitas na rua). Em São Paulo, a Liga do Funk vem lançando candidatos nas últimas eleições", disse ele.

Ambientes politizados

"A sociabilidade do jovem hoje, especialmente nas periferias, acontece neste contexto. Então, é inevitável que seja politizado de alguma forma. Assim como as rodas de samba nos anos 1970 eram ambientes politizados. Até porque são movimentos que precisam se constituir como resistência. O 'pancadão' é o movimento cultural jovem que sofre a maior repressão policial e social, hoje. A partir disso, eles se organizam nessa associação e entendem que, para reverter essa repressão, eles precisam de alguém que os represente na Câmara Legislativa", afirmou Black.

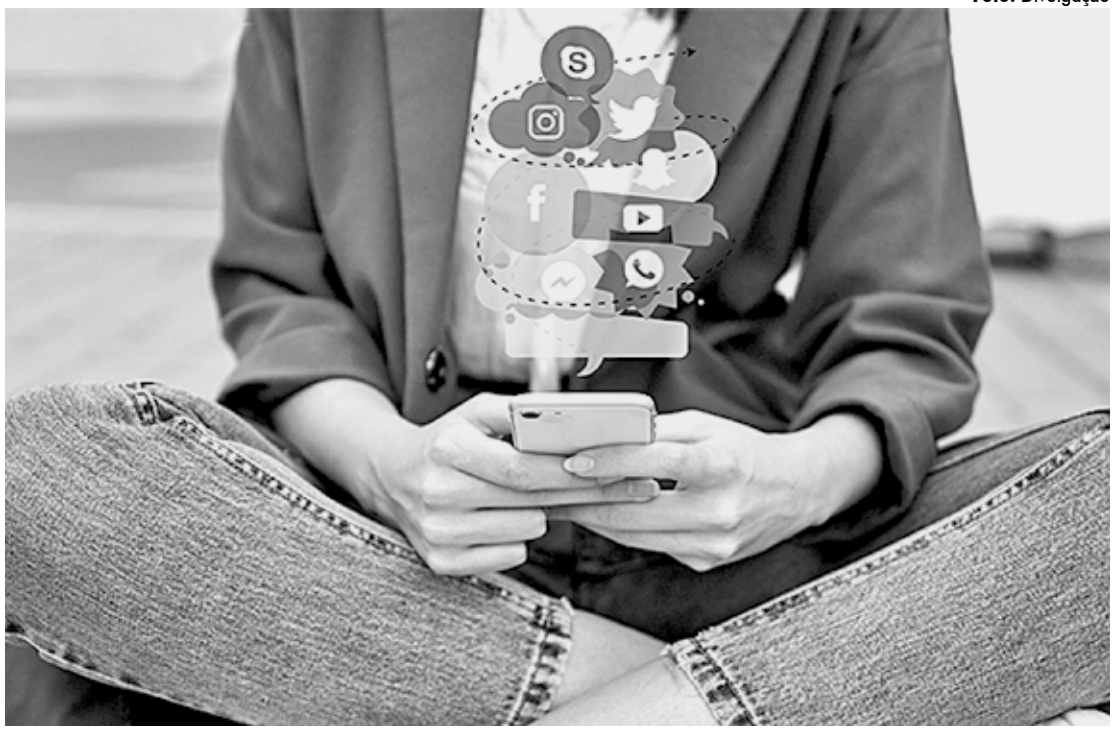
Aos 18 anos, a estudante Liz Catarina Lutes Costa Cabral de Oliveira disse que seu contato com temas políticos se deu ao frequentar as aulas de um cursinho pré-vestibular gratuito ligado a um movimento social em Valparaíso (GO), no entorno de Brasília. Ela, que é negra e se identifica como feminista e antirracista, admitiu preferir não abordar esses assuntos nas redes sociais. "Fiz uma postagem uma vez dizendo que preto não é ladrão e que não merecemos ser agredidos. Uma colega que estudou comigo no Ensino Médio veio me dizer que eu estava ofendendo a Polícia Militar, que não era culpa da organização se um policial fazia esse tipo de coisa (agressões), que era exceção. Eu mandei um monte de reportagens dizendo que não era exceção, e ela ficou com muita raiva", relatou Liz.

As opiniões políticas da estudante, de esquerda, resultaram ainda na exclusão dos grupos de WhatsApp da família. "Eles acham que eu vou 'causar' lá dentro", afirmou Liz, que disse preferir falar "cara a cara": "De vez em quando tenho alguns debates com pessoas que convivem comigo".

Pedro Arthur de Souza Lima, de 15 anos, também relatou ter sido "cancelado" ao tratar de política nas redes. O termo é uma referência aos ataques sofridos por alguém ao expressar suas opiniões. No fim de novembro, o adolescente, que mora em São Paulo, foi a Brasília com o avô. No "cercadinho" do Palácio da Alvorada, o jovem questionou o presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre gastos com o cartão corporativo. "Deixa de ser otário. Eu gasto zero com o meu cartão, Pedro", respondeu Bolsonaro ao estudante. "Quando teve esse episódio com o presidente, eu fui cancelado nas redes sociais. Na verdade, ainda estou sendo. São xingamentos, ameaças. Mas já fui cancelado pelos esquerdistas também", disse Pedro, que defende pautas liberais. O jovem frequentou no ano passado a Academia MBL, um curso de formação para a base do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo que defende o liberalismo econômico e que foi criado em 2014, como oposição aos governos do PT.

A exemplo de Liz e Pedro, a maioria dos jovens está interessada em temas da política, apesar de não frequentar espaços tradicionais de formação, como os partidos. A pesquisa, realizada pelo Ipec a pedido da ONG global Avaaz e da Fundação Tide Setubal, mostrou que, dentre aqueles com até 18 anos e sem título de eleitor, 82% pretendem tirar o documento para votar em outubro. A maior fatia (29%) está motivada a fazê-lo por considerar que "o momento político é preocupante". Apenas 2% disseram que não pretendem tirar o título de eleitor "porque o meu voto não fará diferença".

Foto: Divulgação



Apesar de estar presente nas redes sociais, os jovens preferem falar sobre política em outros locais

Mais de 50% dizem que não confiam em partidos políticos

Na contramão do interesse por política, o levantamento apontou que apenas 4% dos jovens ouvidos disseram "confiar muito" nos partidos, 41% afirmaram "confiar pouco" e 51% responderam "não confiar".

Considerada um dos espaços alternativos onde jovens falam de política, a igreja foi essencial na formação da jornalista Luciana Petersen, de 24 anos, que hoje conduz um projeto social voltado para mulheres evangélicas. Na comunidade da Igreja Batista que ela frequenta sempre houve discussões sobre o tema - como a necessidade de escolher bons representantes, por exemplo.

"Mas era num sentido bem menos partidário do que o que se tornou em 2018", disse a jovem, que mora em São João del-Rei (MG). "Em 2018, muitas denominações adotaram o bolsonarismo como uma religião. Vi igrejas apoiando Jair Bolsonaro como se fosse Messias. Gente falando que cristão de verdade só votaria nele e coisas assim", afirmou a jornalista, que é filha de um pastor.

Luciana disse, ainda, que hoje enfrenta menos resistência ao discutir temas como o feminismo. "Eu sou a feminista crente. Então, hoje, não brigam muito comigo. Inclusive algumas portas foram abertas, de falar em igrejas sobre isso", afirmou a jovem

Na avaliação da coordenadora sênior de campanhas da Avaaz, Nana Queiroz, uma das consequências da "fuga" dos jovens da discussão política nas redes sociais é impedir que eles cometam erros e aproveitem o aspecto positivo do "efeito Anitta", que é aprender "O que acontece é que esses jovens entram na arena para debater e não necessariamente sabem que, se eles usarem o termo 'o travesti' em vez de 'a travesti', por exemplo, eles vão ser ridicularizados. Há alguns anos, eu também comecei falando 'o travesti'. E aí alguém foi lá e me avisou que não era adequado, e eu aprendi. Pedi desculpa pelo meu erro", afirmou Nana.

Para a coordenadora da Avaaz, todo jovem deveria passar pelo que a cantora Anitta passou ao falar de política nas redes sociais. "Errar, ser corrigido e aprender. O problema não é estarmos criando um vocabulário mais inclusivo, mas, sim, como isto está sendo implementado. Com castigo, punição e medo, em vez de convidar para o debate. Estamos tirando dos jovens a possibilidade do 'efeito Anitta'. Que é a possibilidade de fazer perguntas óbvias, de errar, de pedir desculpa, de mudar de ideia Tudo isso é saudável para o debate político", observou Nana, que é jornalista, ativista dos direitos das mulheres e autora do livro Os Meninos São a Cura do Machismo.

As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Sobre gatos e paixões

Louis Wain foi um pintor inglês famoso por suas pinturas de gatos com aspecto de humanos. O artista foi diagnosticado como sendo portador de uma doença psíquica, que poderia ser vista na progressão de seu ofício artístico. Aos poucos, as imagens dos bichanos foram repuxando para configurações intangíveis, talvez elaboradas sob efeito de alucinógenos.

Cada um com sua concepção felina. Aqui em casa, a gata Natalina foi obrigada a obedecer ao comando para rolar no chão feito cachorrinho, se quiser comer. Aprendeu rápido, porque a fome é boa mestra. A gatinha se tornou artista de circo caseiro. O animal também dá a patinha e bate à porta toda manhã, acordando sua domadora.

Não sou supra afeiçoado aos gatos, mas percebo que esses bichos são os animais preferidos da galera chegada à literatura. Meu conterrâneo André Ricardo Aguiar, poeta e contista itabaianense, é um dos que curtem os bichanos. No seu "Livro da existência enquanto gato", André poetificou assim sua relação com os felinos caseiros: "O gato é um peixe dentro d'água. É a ideia sinuosa que eu tenho ao vê-lo mergulhado em sombra no apartamento, incompatível, como se eu o tivesse resgatado de um antiquário. Um gato turvo cumprindo o turno de fantasma. É um assombro que o dia não se dê conta de que já é noite. E gato". O escritor americano William Burroughs, neto do cara que inventou a máquina de somar, deu testemunho mais, digamos, insondável a respeito desses viventes carnívoros: "Meu relacionamento com meus gatos salvou-me de uma ignorância mortal, absoluta". Outro escritor brasileiro, Luiz Ruffato, pertence à confraria dos entusiastas dos miaus. Segundo Ruffato, os escritores se identificam com os gatos porque, como eles, esses felinos são introspectivos e amigos do silêncio.

A gata Natalina me parece, às vezes, realmente concentrada e meditativa. Sei que é uma ideia inverossímil, mas, quem sabe, ela não estaria evocando sua herança genética e memorando os tempos em que os gatos eram adorados no Egito antigo? Os gatos no Egito eram tão especiais que aqueles que os matavam, mesmo por acidente, eram condenados à morte. Matar gato preto, então, era enforcamento certo e mais sete anos de azar. Errata: foi na Idade Média que se criou a superstição dos gatos pretos. Acreditava-se que eram bruxas transformadas em felinos negros, por isso a crendice de viés racista que ainda hoje rola nas sextas-feiras 13 e em outros ambientes preconceituosos. Tenho um gato preto chamado Cirilo. Todo momento em que cruzo com Cirilo e sua indiferença à minha figura, recebo uma lição: viva e deixe viver, não tome satisfação com ninguém. O desdém dos gatos para com os humanos é confundido com menosprezo e insensibilidade. Aquele distanciamento, no fundo, tem a ver com desapego, isenção e neutralidade. Gato jamais será puxa-saco do humano que o alimenta. Pode até ser obrigado a rolar, imitando o cão subserviente, mas é pura estratégia de sobrevivência. Talvez o gato ame, mas sem paixão. Ferreira Gullar não concorda com a conceituação sobre o desamor dos gatos por seus donos. "...ele é apenas mais sutil".

De qualquer forma, a gata Natalina descende de um antigo gato egípcio, da raça Mau. Esses bichanos foram domesticados pela galera dos faraós, personificados na deusa Bastet, divindade da família, fertilidade e amor. Por isso eram considerados animais reverenciados e sagrados. Daí, talvez, o começo da arrogância e distanciamento dos gatos em relação ao ser humano. Somos servos da deusa Bastet. Cativos desses bichinhos extraordinários e, talvez, imortais. Gatos de fato têm sete vidas, ou mais. Pelo menos para Lígia Fagundes Telles, criadora do gato Rahul, personagem que reflete sobre o proceder das pessoas e as recordações de quando viveu outras existências. Gatos são eternos, como a própria civilização egípcia. Há milhões de anos, um gato selvagem se fez, depois virou gato caseiro, transformou-se em divindade, meteu-se na marginalidade como gato urbano de beco e agora me observa com seu olho verde e independente, a lembrar que a vida deve ter algum sentido, entretanto, nem o mais iluminado dos mortais deveria se incomodar com essas bobagens filosóficas. Neste 2022, faça como o seu gato: não procure despertar sua luz interior nem dê bola para os questionamentos filosóficos. Nem ligue. Apenas evolua naturalmente até virar um gato Manda Chuva, ou o Frajola, Gato Félix, Gato de Botas, quem sabe...

Foto: Agência Brasil

A infraestrutura deficiente dos domicílios em outras regiões, tanto do ponto de vista de equipamentos, quanto do acesso à internet, limitou bastante o trabalho remoto

Trabalho *home office* foi uma realidade de poucos no país

Modalidade a distância, adotada por cerca de 10% dos trabalhadores brasileiros, foi forte nas regiões mais ricas

Vinícius Neder
Agência Estado

Ao longo da pandemia, o trabalho remoto virou tema de debate. No entanto, o chamado *home office* não foi a realidade para a maioria dos brasileiros, destaca o Estadão. Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), a modalidade a distância foi adotada por cerca de 10% dos trabalhadores do país - sendo que a concentração foi forte nas regiões mais ricas e urbanizadas, como as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A infraestrutura deficiente dos domicílios em outras regiões, tanto do ponto de vista de equipamentos quanto do acesso à internet, limitou bastante o teletrabalho no Norte e no Nordeste, de acordo com a pesquisa.

Mesmo no auge do isolamento social, entre maio e junho de 2020, o número de trabalhadores atuando remotamente no país mal passou de 10% do total de ocupados, algo como nove milhões de pessoas, segundo dados já divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em novembro do ano passado, último dado disponível, o número caiu para 7,3 milhões de trabalhadores, apenas 8,7% do total da ocupados, já considerando o gigantesco fechamento de vagas por causa da pandemia.

A participação era ainda menor no Nordeste (6,3%) e no Norte (3,7%), mas maior no Sudeste (11,3%), com destaque para Rio e São Paulo. O Distrito Federal, onde 18,9% do total de empregados em novembro de 2020 estavam em home office, foi o campeão nesse quesito. Cerca da metade do pessoal em trabalho remoto em novembro de 2020 estava em São Paulo, Rio e Brasília.

Esses números de trabalhadores em *home office* estão substancialmente abaixo do potencial. Seguindo metodologia dos americanos Jonathan Dingel e Brent Neiman, da Universidade de Chicago, o estudo do Ibre/FGV estimou que o total de trabalhadores brasileiros empregados em funções que poderiam ser exercidas remotamente, entre formais e informais, era de 24,2 milhões, 25,5% do total de ocupados em 2019 - outros pesquisadores locais, do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e da consultoria IDados, chegaram a números semelhantes para o Brasil.

Nos EUA, 37% do total de trabalhadores ocupados antes da pandemia tinham funções passíveis de ser exercidas remotamente, aponta o trabalho de Dingel e Neiman. No Brasil, esse contingente é menor porque a larga maioria das vagas é de empregos de baixa qualificação, que não podem ser executados a distância.

Dingel e Neiman já tinham feito um exercício para diversos países e concluíram que, quanto maior o nível de renda nacional, maiores as "proporções de empregos que podem ser feitos de casa" Outro estudo, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT), também colocou o Brasil no fim de um ranking de 30 países mais aptos ao trabalho remoto.

Apesar do baixo potencial de trabalho remoto, o fato de o número de brasileiros efetivamente em home office ter sido ainda menor chamou a atenção dos pesquisadores do Ibre/FGV. Eles resolveram, então, olhar para a infraestrutura dos domicílios. Cruzando os dados de mercado de trabalho com as informações sobre as condições dos lares, também do IBGE, os pesquisadores concluíram que o número de brasileiros que potencialmente poderiam trabalhar de casa cai para 16,8 milhões (17,8% do total de 2019)

A infraestrutura agrava muito a disparidade regional entre os trabalhadores - o estudo do Ibre/FGV nem levou em conta o espaço físico, contabilizando apenas fatores como eletricidade, internet e computador. No Sudeste, a infraestrutura precária faz o potencial de trabalho remoto cair de 28% do total de empregados para 20,8%; na região Norte, a proporção despenca à metade, de 21,2% para 10,3%. No Pará, cai de 19,5% para 8,7%.

"São casos em que, embora a ocupação, em tese, possa ser feita de casa, muita gente não tinha o mínimo para fazer isso", afirma Fernando de Holanda Barbosa Filho, um dos autores do estudo do Ibre/FGV.

2021

Em novembro do ano passado, último dado disponível, o número caiu para 7,3 milhões de trabalhadores

Projeto cria regras para a clonagem de animais

Cleia Viana
Agência Câmara

A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 5010/13, do Senado, que regulamenta a pesquisa, a produção e a comercialização de animais domésticos clonados.

Pela proposta, podem ser clonados animais domésticos de interesse zootécnico: bovinos, búfalos, cabras, bodes, ovelhas, cavalos, asnos, mulas, porcos, coelhos e aves.

Clonagem é a técnica capaz de fazer cópias idênticas de indivíduos multicelulares a partir de uma única célula. O resultado é um indivíduo (clone) geneticamente idêntico ao organismo que o originou.

O relator, deputado Jose Mario Schreiner (DEM-GO), lembrou que a técnica de clonagem de animais teve início no Brasil em 2001, com o nascimento de Vitória, uma bezerra da raça simental, sendo resultado de pesquisas na área de reprodução desenvolvidas pela Embrapa desde 1984.

Quanto menor o salário, pior a infraestrutura

A falta de infraestrutura atinge tipicamente empregados em funções de apoio administrativo de menor escalão, como operadores de telemarketing, assistentes e secretários - que, tradicionalmente, recebem os menores salários do que executivos e profissionais liberais.

Nesse perfil se encaixa a operadora de teleatendimento Rachel Damasceno Cruz, de 36 anos. Em um domingo, no fim de março de 2020, quando ela conta ter entrado em pânico no call center no qual trabalhava, em Itabuna, cidade de 200 mil habitantes no sul da Bahia.

Diabética e hipertensa, não se sentia segura no call center, onde as estações de trabalho tornavam impossível qualquer distanciamento. Naquele domingo, foi trabalhar ainda sob o impacto da notícia da morte de um vizinho por Covid-19. "Entrei em pânico, comecei a chorar. Não consegui trabalhar", lembra Rachel.

Seu desespero sensibilizou os chefes, e ela passou ao home office de repente. A empresa ofereceu um computador com monitor, mas, sem uma mesa para manter o equipamento, ela gastou R$ 70 do próprio bolso para comprar uma de plástico num bar vizinho.

Mangabinhas, bairro onde Rachel morava na época, convivia com quedas de energia elétrica. Ela gastou mais R$ 100, também do próprio bolso, para comprar um estabilizador, com medo de danificar o equipamento da empresa.

O plano de internet de R$ 50 ao mês não deu conta, e os contatos com o suporte técnico da empresa se tornaram constantes.

Para Mauro Cava de Britto, secretário-geral do Sintetel, sindicato que representa os operadores de teleatendimento em São Paulo, as empresas de call center adotaram menos o trabalho remoto do que gostariam ou poderiam, por conta dessa falta de infraestrutura nas casas dos funcionários. "Tivemos todo tipo de caso: pessoas que moravam em local com dificuldade de instalação de internet, ou em moradias pequenas, onde não cabiam cadeira, mesa e computador", diz.

Em alguns casos, o home office durou pouco. Suelen Cunha de Andrade, 36 anos, operadora de teleatendimento de Santo André (SP), ficou em casa um mês. Para ela, o problema foi o espaço físico - ela divide a moradia com a filha, os pais e o irmão. Suelen diz que se sentiu segura porque o escritório, num primeiro momento, estava vazio. "Tinha pouquíssimas pessoas", lembra.

Os sindicatos do setor de teleatendimento negociaram com as empresas ajudas de custo para cobrir gastos com luz e a internet Em São Paulo, os trabalhadores receberam R$ 90 ao mês. Na Bahia, a ajuda de custo foi de R$ 70 mensais, disse o Sinttel-BA.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos •domingos •com

Messina Palmeira

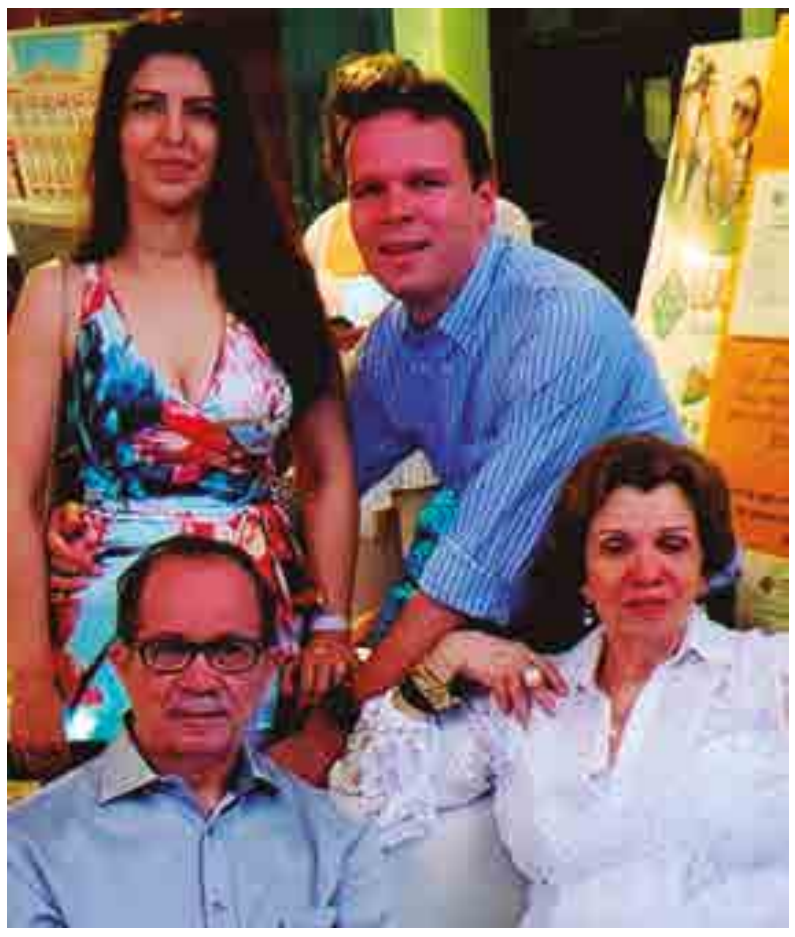
Editoração:
Ednando Phillipy

A 33° edição do Salão do Artesanato Paraibano - "Toda Arte que vem do Mar" foi apresentada a jornalistas durante evento que aconteceu na Praia do Cabo Branco, em João Pessoa, na última sexta-feira (7/01). Na ocasião, o governador João Azevêdo e a primeira dama e presidente do Programa de Artesanato Paraibano, Ana Maria Lins (na foto com a gestora Marielza Rodriguez), manifestaram satisfação de mostrar o Salão que vai acontecer de forma presencial de 12 de janeiro a 2 de fevereiro, com cerca de quatrocentos expositores.

O Banho de Cheiro, bloco carnavalesco liderado pelo empresário Dorgivaldo Andrade, vai realizar mais uma edição da famosa Feijoada da Folia, desta vez na granja localizada ao lado da Escolinha do Flamengo, no Altiplano Cabo Branco, no dia 5 de fevereiro com atrações do quilate de Thiago Vianna, Douglas Patrício, Liss Albuquerque (foto) e convidados, e Orquestra de Frevo Paraíso Tropical.

Sérgeson Silvestre, Gerlane Vinagre, Dorgivaldo Andrade, Ivo Sérgio Borges da Fonseca, Hacéldama Borba, Fátima Souza, Rosilda Xavier, Dácio Gonçalves, Flávio Sátiro Fernandes, Evandro da Nóbrega, Diego Tavares e Késsia Liliana Bezerra, são os aniversariantes da semana.

O Baile Vermelho e Branco, prévia carnavalesca realizada pelo Clube Cabo Branco, no dia 12 de fevereiro, terá a participação do músico e sambista mineiro Fernando Macieira.



O professor Francelino Soares *(ao lado de familiares durante reunião de fim de ano)*, depois de intensa programação cultural no fim do ano passado, está em Cajazeiras, a terra conhecida como o berço do ensino na Paraíba, onde participou do lançamento do livro biográfico sobre Dom Zacarias, de autoria de Hélder Ferreira de Moura.

O casamento de Pâmela Cantisani Nóbrega com o jovem Wellington Andrade Rolim foi um dos mais belos do fim do ano passado. Os pais da noiva, secretário de comunicação de João Pessoa, Marcos Vinicius Nóbrega e sua esposa, Rossana Cantisani, estavam exultantes com a felicidade da querida Pâmela.

A felicidade dos noivos Pâmela Cantisani Nóbrega e Wellington Andrade Rolim entre a tia Isabella Medeiros Cantisani e a avó América Medeiros Cantisani.

A Kasa da Falésia, no Conde, foi palco para o espetacular casamento dos jovens Pâmela e Wellington (na foto com os padrinhos Ivan D'Angelo e Isadora Santana).

A presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista Naná Garcez (na foto com a filha Vanina), deverá, por conta de seu aniversário no próximo dia 16, receber o carinho de familiares e amigos.

Consegui, nesse fim de ano, reunir meus netos queridos: Maria Luísa, Catarina, Helena, Sarah, Gabriel e Dante, além dos sobrinhos-netos, Renan e Yan. Esse sexteto encanta os avós Walter, eu, Gilvandro e Teresa Moura.

Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Ibovespa
-0,82%	-0,25%	-0,56%	+0,69%
R$ 5,632	R$ 6,395	R$ 7,652	102.264 pts

Economia circular tenta buscar a sustentabilidade do consumo

Na Paraíba, loja já aplica a proposta e realiza a comercialização de eco acessórios e transforma lixo em produtos

Carol Cassoli
Especial para **A União**

Fotos: Divulgação

A artesã paraibana Jennifer Santos (à direita) cria e comercializa brincos utilizando como matéria-prima o polietileno de alta densidade, encontrado, por exemplo, em garrafas plásticas

Parte de um modelo econômico baseado no aproveitamento consciente de recursos naturais, a economia circular busca a sustentabilidade do consumo. Na contramão da economia linear, cujo foco é o descarte do que já não é mais considerado útil, esse princípio econômico impulsiona a prática dos 3 R's da ecologia. Com esse conceito, eclodem, também, novos modelos de negócios pautados sobre a lógica da reutilização, principalmente em momentos de instabilidade econômica ou reformulação de valores sociais.

Cíclica, a economia circular vai além do método tradicional de consumo, em que a indústria extrai e manufatura a matéria-prima para que a população use o produto final e descarte seus resíduos. Ela também vai além da reciclagem. A ideia da economia circular é trabalhar com o que já existe, transformando recursos que, outrora, já foram manufaturados.

Dentro desse conceito, a durabilidade dos insumos é levada em consideração e se torna mais importante do que o lucro advindo do estímulo ao consumo. Por isso, o uso de recursos renováveis e materiais recicláveis é uma tendência que deu origem ao conceito de *upcycling*, um termo da língua inglesa que significa reutilização.

No *upcycling*, a criatividade é a motriz de um movimento econômico que vê utilidade (e, principalmente, novas finalidades) em itens que, em teoria, já perderam a função. Inovadora, essa é uma proposta com a cara das novas gerações, aquelas que estão dispostas a transformar o mundo pela sustentabilidade.

Fruto das inquietações individuais e coletivas de sua criadora, a loja Caaminhos é um exemplo de como ideias, por vezes, complexas podem ser espontaneamente aplicadas em qualquer lugar, inclusive na Paraíba. Com a proposta de instigar uma moda mais consciente, a loja da paraibana Jennifer Santos é destinada à comercialização de eco acessórios e transforma lixo em produtos que, com simplicidade, se assemelham a joias. Isso porque a matéria-prima utilizada pela artesã é o polietileno de alta densidade (Pead), material encontrado, por exemplo, em garrafas plásticas. "A Caaminhos surge dessa inquietação de querer parar de produzir lixo e também gerar renda com esse feitio", explica a responsável pela loja.

Aos 24 anos, Jennifer, que também é estudante de Enfermagem, toca sozinha a marca de brincos feitos dos resíduos gerados pelo seu próprio consumo. Em acordo com a definição de economia circular da Organização Internacional de Normalização (ISO), a loja de brincos faz parte do que a entidade interpreta como "um sistema econômico que utiliza uma abordagem sistêmica para manter o fluxo circular dos recursos, por meio da adição, retenção e regeneração de seu valor, contribuindo para o desenvolvimento sustentável".

Empenhada em contribuir para um novo mundo, menos autodestrutivo, a artesã começou, há quase quatro anos, a estudar sobre reciclagem e, principalmente, sobre o manuseio do Pead (responsável por tornar o trabalho de Jennifer singular). Como nem todo plástico tem a mesma coloração, cada peça é única e, de certa forma, essa se tornou, para Jennifer, a assinatura da marca. "O que dificulta também a uniformização de certos trabalhos é a unificação. Há muitos tipos de plásticos e, como água e óleo, eles não se misturam. Por isso eu preciso separá-los e trabalhar com cada um deles de maneira independente".

Por meio do QR Code, consulte sobre a loja de eco acessórios

Upcycling, os resíduos têxteis e o ideal

Anualmente, a indústria da moda brasileira gera 175 mil toneladas de resíduos têxteis. Os dados são da Associação Brasileira de Indústria Têxtil (Abit) e apontam que, além de deixar muitos resquícios ambientais, esta indústria - nos moldes adotados hoje - tem grande impac-to social, como o envolvimento com profissionais em situação análoga à escravidão.

De acordo com o relatório Fios da Moda, da plataforma Modefica (responsável por promo-ver o debate sobre moda consciente), a economia circular é uma das alternativas ao desperdí-cio que a moda com temporalidade definida (ou fast fashion) causa. Em parceira com a Fun-dação Getúlio Vargas, a pesquisa demonstrou que uma peça de roupa, por exemplo, pode levar dezenas de anos para se decompor em aterros sanitários ou lixões espalhados pelo país.

Pensando nisso, Jennifer Santos busca mudar essa realidade partindo do micro e, quem sabe, chegando, um dia, ao macro. Com a loja de eco acessórios, a estudante procura expressar, também, seus ideais de enfrentamento à padronização da moda, do belo e do consumo. "Pe-rambulando entre as coisas que me moldam, encontrei forças para parir esse projeto", afirma.

A ideia da jovem é que a marca de brincos seja o primeiro passo em direção ao consumo e produção circular na moda da capital paraibana. "Eu tenho a intenção de que a Caaminhos seja um movimento e não se limite ao foco financeiro, mas que tenha impacto significativo dentro do processo de reciclagem", comenta.

Design consciente

Atenta ao apelo da juventude em defesa de uma existência mais sustentável, a professora Juliana Sá de Araújo, do curso de Design de Interiores do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) coordenou, em 2019, o projeto de extensão Mobiliário Sustentável. Nele, os alunos do curso utilizaram materiais retirados do lixo do próprio instituto para confeccionar todo o mobiliário de dois dos ambientes de uma casa: as salas de estar e de jantar. "Foi um projeto sensacional e uma experiência incrível. Hoje ainda tenho alunos engajados no assunto", comenta Juliana.

Propondo uma intervenção estética autossustentável, o projeto marcou os alunos que dele fizeram parte, já que os móveis foram elaborados a partir dos resíduos descartados pela própria comunidade acadêmica no campus de João Pessoa do IFPB. Para Deborah Silva, ex-integrante do Mobiliário Sustentável que ainda carrega os ideais do projeto, a extensão universitária foi uma oportunidade de expandir seus horizontes, mas também uma alternativa à população socioeconomicamente vulnerável. Isto porque, além de confeccionar os móveis, os cinco alunos envolvidos no projeto também criaram uma cartilha conscientizando a respeito do assunto. "O projeto ensinava o passo a passo da reutilização de resíduos e nós colocamos a mão na massa para ver como realmente é.

Deste modo, o projeto deu origem a uma instalação que apresentou móveis feitos a partir de cabos de vassoura, paletes, isopor, papelão e outros materiais descartados após o uso. Dos resíduos utilizados surgiram um painel de televisão, assentos no formato de pufes, uma estante divisória e elementos com finalidade decorativa também.

Instigando a população a repensar o consumo, o projeto contribuiu para a socialização dos conceitos do design, de modo que as pessoas pudessem compreender que o design de interiores não é necessariamente um processo elitizado. "Buscamos mostrar que é possível ter um design de interiores de qualidade, sem causar impactos na natureza e que você mesmo pode fazer. E, com isso, permitir que qualquer qualquer pessoa reutilize o próprio lixo", relata Deborah.

Opinião

Rica Barros
CEO da Pareto | Colaboração

Como a tecnologia ajuda na gestão de tempo

Já dizia o velho ditado: "tempo é dinheiro". O provérbio extremamente popular por todo o planeta, foi citado pela primeira vez por Benjamim Franklin em 1748. Inventor famoso e pai da Revolução Americana, também estampa as notas de US$ 100. Mas, assim como Franklin já sabia, apesar de secular, a frase é presente até hoje - e o desafio de "recuperar o tempo" também.

Mas antes vamos falar da questão financeira. Há duas décadas, surgia o termo "cashback", seu dinheiro de volta, nos EUA. A proposta ganhou força por todo mundo, e no Brasil não seria diferente. Dados do Sebrae de 2019 já apontavam 6,4 milhões de estabelecimentos cadastrados em programas do gênero, enquanto só nos últimos 12 meses, cerca de R$ 7 bilhões já foram movimentados com a prática no país. Reflexo de que virou tendência.

Se a recuperação de dinheiro faz tanto sucesso, será que não podemos pensar também em "recuperar o tempo" perdido? Hoje, muito se discute um aproveitamento melhor de cada minuto para momentos mais agradáveis e desestressantes, como aprender algo novo, sair com os amigos ou curtir com a família. Coisas que muitas vezes ficam em segundo plano pela necessidade de cumprir tarefas simples, mas que demandam horas preciosas.

Assim, como seria possível pensarmos em "timeback"? Se ainda é humanamente impossível voltar no tempo, já é possível, ao menos, evitar o desperdício dele. A tecnologia avançou de tal modo em que muitas funções já podem ser automatizadas e permitir às pessoas voltarem a curtir e desacelerar a rotina de trabalho.

E foi a partir de muita tecnologia somada às necessidades do mercado que criamos uma Inteligência Artificial capaz de trazer a economia de tempo, até 3 anos resumidos em 1, ao robotizar tarefas manuais e puramente analíticas. São quase 5 mil horas a menos, em média, de trabalho ao ano. Imagina quantas novas coisas podem ser feitas nesse período?

Mais de 15 mil empresas, de 84 países, já decidiram dar um passo além na transformação digital conosco. O "timeback" veio para ficar. Estamos promovendo a inteligência artificial como impulsionadora do ser humano, não para substituí-lo. Queremos que os profissionais foquem em atividades estratégicas, inovadoras e não percam tempo com atividades meramente repetitivas. Por que não estimularmos uma revisão de tantos momentos que perdemos com processos manuais? Tempo, sim, é dinheiro, mas também é qualidade de vida, lazer e conhecimento. A sociedade evolui constantemente. Esse é mais um passo da evolução: olharmos mais para nós e para o valor do nosso tempo - que certamente vai mudar com o "timeback".

Inflação pressiona alta de preços no início de janeiro

Com IPCA na casa dos dois dígitos, empresas deram reajustes a fim de atenuar perdas acumuladas nos últimos meses

Márcia De Chiara
Agência Estado

A velha regra "ano novo, preço novo" deve voltar com força por causa da herança inflacionária de 2021. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) bateu dois dígitos - 10,74% acumulado em 12 meses até novembro - e acendeu o sinal de alerta para empresas, escolas, profissionais liberais, prestadores de serviços, entre outros, reajustarem seus preços pela inflação, a fim de atenuar perdas acumuladas nos últimos meses.

A inércia inflacionária, como é conhecida entre os especialistas o mecanismo de aumentar os preços hoje de olho no retrovisor, deve responder pela metade da inflação de 2022, segundo cálculos do economista do Credit Suisse, Lucas Vilela. "A inércia, com certeza, vai ser o principal vilão da inflação em 2022", afirma

Vilela, que chegou a essa conclusão por meio de estudos econométricos, argumenta que, por causa da expectativa de uma economia fraca em 2022, não é esperada grande pressão de demanda para elevação de preços. O que deverá pesar no decorrer do ano são os reajustes com base na inflação.

Apesar de não ter números sobre o impacto da inércia na inflação de 2022, Fábio Romão, economista da LCA Consultores, também acredita que será mais forte do que em outros anos. Isso porque a inflação de 2021 atingiu dois dígitos e, com os serviços retomando, esse setor vai tentar compensar as perdas da pandemia "Tudo indica que teremos mais indexação."

Herança

Segundo estudo do Credit Suisse, que projeta inflação de 6% para 2022, bem acima do esperado pelo Banco Central (4,7%) e pelo mercado (5,03%), de acordo com o Boletim Focus, 3 pontos porcentuais da inflação de 2022 resultarão da inércia inflacionária.

A economista Maria Andréia Parente Lameiras, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), tem avaliação diferente. "Existe uma herança, mas não é tudo isso. O acréscimo em 2022 por causa da inércia será marginal." Ela argumenta que o brasileiro perdeu um pouco a cultura do repasse. Além disso, a previsão de demanda fraca pode funcionar como freio nos preços.

Romão, da LCA, apesar de considerar que o impacto da inércia será forte, pondera que os efeitos da alta de 7,25 pontos porcentuais da taxa básica de juros sobre a atividade podem mitigar os reajustes.

Vilela, do Credit Suisse, acredita que a memória inflacionária ainda é bastante arraigada e esse mecanismo de defesa se manifesta quando a inflação dá um salto, como ocorreu em 2021. "Quando a inflação está baixa, na casa de 2% ao ano ou menos, as pessoas não se preocupam com a inflação passada e deixam de criar mecanismos perversos, contratos indexados, e olham para o futuro."

A persistência de aumentos de preços se dá por meio da indexação, seja formal, prevista em contratos, ou informalmente, com base na percepção das pessoas. Esse é o caso de profissionais liberais, como médicos e dentistas, ou prestadores de serviços, como encanadores e eletricistas. Pressionados por aumentos de custos, esses trabalhadores também veem seu dinheiro valer menos nas compras do supermercado, por exemplo. O passo seguinte é aumentar o valor da consulta ou da diária para se proteger.

Foto: Ipea

A economista Maria Andréia Parente Lameiras tem avaliação diferente sobre a inflação, afirmando que "existe uma herança, mas não é tudo isso"

Vilões dos aumentos

Os aumentos de preços em razão da inflação são transmitidos de várias formas. Um dos mais importantes é o custo da mão de obra, que impacta especialmente os serviços. O valor do salário mínimo, que é corrigido pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), aumentou 10,18%, para R$ 1.212. O reajuste supera a inflação oficial medida pelo IPCA, que deve ficar em 10,02% em 2021, segundo projeções. O salário mínimo é indexador das aposentadorias e outros benefícios sociais.

Nas escolas, um dos principais custos é o salário dos professores, que é reajustado pelo INPC. Pesquisa nacional recente mostrou que mais da metade (53%) das escolas de Ensino Fundamental e Médio planejam aumentar as mensalidades e as matrículas entre 7% e 10%, de acordo com a consultoria Meira Fernandes, especializada em educação. O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp), Benjamin Ribeiro da Silva, espera uma alta ainda maior das mensalidades, entre 10% e 13%.

Aluguel

Entre os preços administrados, isto é, aqueles que precisam da chancela de órgãos do governo - um destaque são os produtos farmacêuticos. A regra do reajuste para esses itens é a variação do IPCA do ano anterior, menos 1 ponto porcentual de ganho de produtividade. Com isso, é possível esperar um reajuste de 9% dos produtos farmacêuticos, ante 6,6% em 2021, diz Romão.

A tarifa de ônibus urbanos também é um preço administrado que deve pesar, lembra o economista da LCA. Como o valor da passagem é muito influenciado pelo óleo diesel, que deve fechar 2021 com alta de 47,5%, Romão espera aumento de 10% em 2022.

Já o aumento dos aluguéis, regido por contratos normalmente reajustados pelo Índice Geral de Preços - Mercado (IGPM), foi quebrado parcialmente. Como o IGP-M disparou em 2020 e em 2021 acumulou alta de 17,78%, proprietários e inquilinos buscaram outros indexadores como o IPCA.

Projeto quer atualizar regras relativas ao salário-família, que são de 1963

Márcia De Chiara
Agência Estado

Projeto apresentado pelo senador Paulo Paim (PT-RS) busca atualizar as regras relativas ao salário-família, pago a trabalhadores de baixa renda de acordo com o número de filhos. Para o autor do PLS 4.527/2021, as regras, criadas em 1963, não acompanham a evolução social e econômica do país e os critérios para a concessão precisam ser atualizados para que o benefício chegue a quem precisa e cumpra seu caráter assistencial.

Criado pela Lei 4.266, de 1963, o salário-família tinha o valor de 5% do salário-mínimo. Com o tempo, segundo Paim, o valor foi "achatado". Na última Reforma da Previdência (EC 103), foram fixados valores provisórios, próximos a esse percentual, que valem até a regulamentação por lei. É essa regulamentação a intenção do projeto.

Atualmente (dezembro de 2021), o valor transitório previsto é de R$ 51,27 por filho. O valor corresponde aos R$ 46,54 fixados pela emenda corrigidos pelo INPC, um dos índices que medem a inflação. O critério para a concessão, é que o trabalhador tenha renda bruta mensal igual ou inferior a R$ 1.503,25 (R$ 1.364,43 corrigidos pelo INPC).

O problema desse critério, segundo o senador, é que, ao contrário do que ocorre com outros benefícios, não se considera o número de integrantes da família que dependem daquela renda. Assim, um trabalhador que ganhe R$ 2 mil por mês e tenha quatro filhos que dependam dele, não está apto a receber o benefício, enquanto um trabalhador que ganhe R$ 1,5 mil e tenha um filho está qualificado.

"As regras para inscrição no Cadastro Único definem como família de baixa renda a que tem renda familiar mensal per capita de até meio salário-mínimo; ou a que possua renda familiar mensal de até três salários-mínimos. É nítido, portanto, o critério excludente da norma transitória", diz Paim na justificativa do projeto. Para ele, é indispensável que a regulamentação desse direito corrija essa distorção.

Regra

De acordo com o texto, o valor do salário-família será um percentual do benefício mínimo do INSS, que em 2021 é de R$ 1.100. A intenção é garantir a correção ao longo do tempo: sempre que houver reajuste nos benefícios do INSS, também será reajustado o benefício.

Os percentuais fixados pelo projeto são de 20% do valor mínimo de benefícios do INSS (o que hoje equivaleria a R$ 220) por filho ou equiparado com idade até três anos; 15% (R$ 165) por filho ou equiparado com idade entre três e seis anos; e 10% (R$110) por filho ou equiparado com idade entre seis e 14 anos. O projeto também traz uma compensação para trabalhadores com famílias monoparentais, em que apenas um dos pais é responsável pela família. Nesse caso, os valores recebidos serão aumentados em um terço.

Os critérios para que um trabalhador seja apto a receber o benefício são os mesmos adotados para a inclusão no Cadastro Único para Programas Sociais do governo: trabalhadores com renda familiar mensal per capita de até meio salário-mínimo, ou que possuam renda familiar mensal de até três salários-mínimos.

Custeio

O projeto prevê como fonte de custeio dos benefícios uma contribuição específica para esse fim, de 2% da base de cálculo da contribuição patronal, no caso das empresas, e de 1% da base de cálculo, no caso do empregador doméstico. No caso das empresas que optam pela contribuição sobre o valor da receita bruta, a contribuição seria de 0,45 % da receita.

O texto será encaminhado às comissões.

Foto: Agência Estado

O senador Paulo Paim é o autor do projeto que tramita no Senado Federal

Museu Exea tem exposição on-line sobre navegação

Primeiros conteúdos provêm de um banco de dados que apresenta fatos ocorridos em SC, RN, PE, além da PB

Márcia Dementshuk
Especial para **A União**

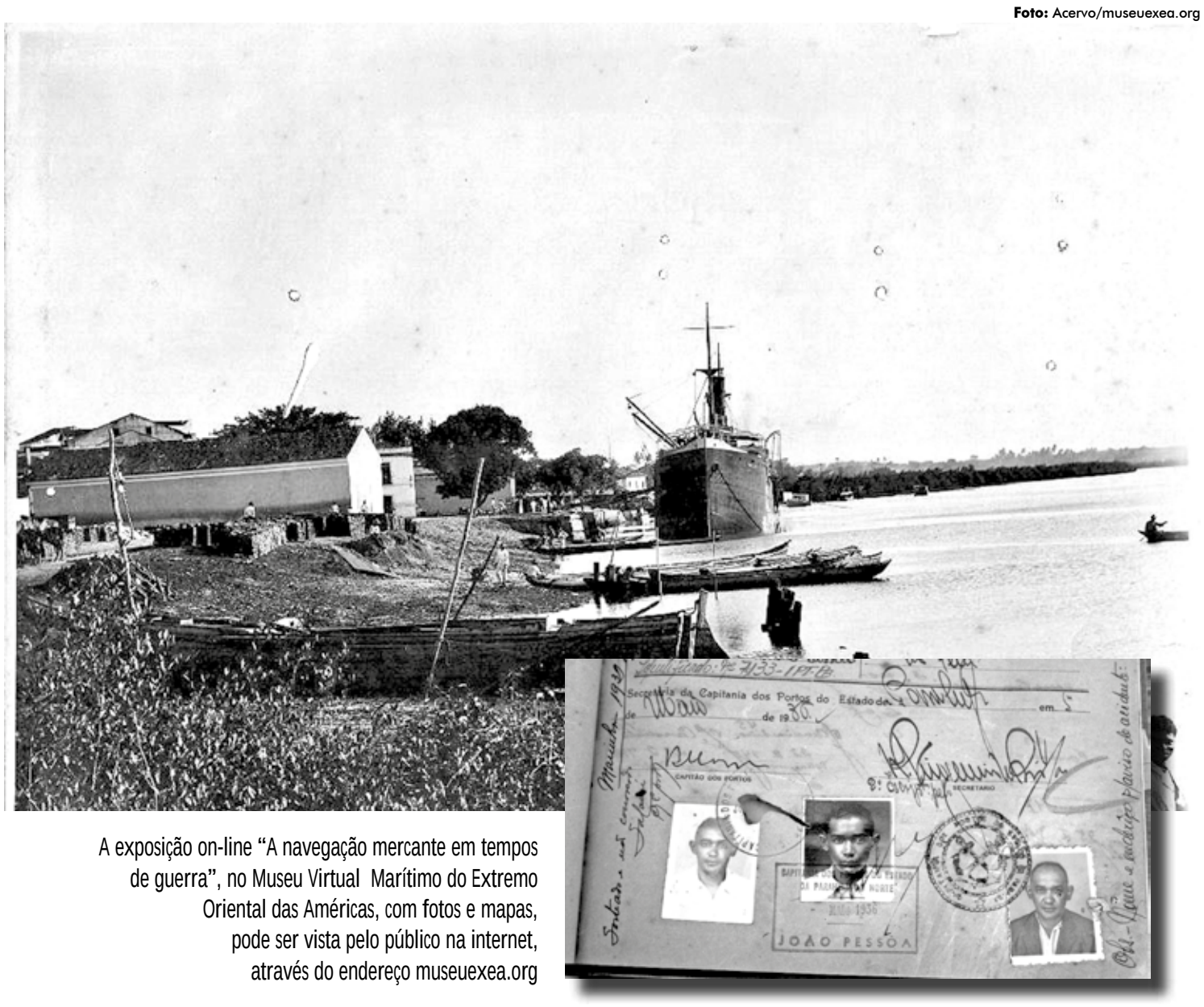
Entre os meses de julho e agosto de 1914 três navios mercantes alemães navegavam próximos ao litoral da Paraíba enquanto iniciavam os conflitos da Primeira Guerra Mundial na Europa. Os navios carregavam cargas diversas e passageiros e o destino final era São Paulo e o Rio de Janeiro. Temendo um ataque em alto mar nesse trajeto final, os comandantes das embarcações alemãs decidiram atracar no local mais perto e seguro: adentraram o estuário do Rio Paraíba e "arribaram" na vila de Cabedelo, esperando um momento mais adequado para seguir viagem. Depararam-se com uma reclusão forçada pelos próximos três anos, até 1917.

O que aconteceu com os passageiros? Com os produtos que os barcos transportavam? E a tripulação? Os relatos inéditos dos acontecimentos depois que as embarcações alemãs Salamanca, Minneburg e Persia ficaram retidas, com fotos e mapas, estão reunidos na exposição on-line "A navegação mercante em tempos de guerra", no Museu Virtual Marítimo do Extremo Oriental das Américas, o Museu Exea. Essa é uma das exposições às quais o público tem acesso livre pela Internet, através do endereço museuexea.org.

Os dados que deram início ao Museu Exea foram resultado de uma pesquisa de doutorado feita pelo professor Ticiano Alves, em Arqueologia, pela Universidade de Coimbra, em Portugal. E foi em Coimbra que Ticiano e Camila Rios Ribeiro, historiadora com especialização em museologia, começaram os primeiros planejamentos para construção do museu que teria a missão de dar "enfoque a preservação, comunicação e às diversas formas de expressões do patrimônio cultural marítimo que foram essenciais à formação da memória marítima da região".

"A partir da tese abrimos a mente para a possibilidade de levarmos essa informação até as pessoas", explica Ticiano Alves, o diretor-geral do Exea. O que temos lá hoje extrapolou o conteúdo inicial. Em nossa equipe do museu temos a contribuição de pesquisas feitas pelo professor, George Henrique de Vasconcelos Gomes, o historiador e arqueólogo Daniel Réquia, o professor Leandro Vilar Oliveira, do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE/UFPB), Eduardo Moleiro, além do pessoal que presta o apoio jurídico, como por exemplo direitos autorais, o uso de imagens, entre outros. Temos pessoas dedicadas à formalização de parcerias, assuntos administrativos, design gráfico e comunicação. O museu é virtual, mas o trabalho gera suor físico!"

Foto: Acervo/museuexea.org



A exposição on-line "A navegação mercante em tempos de guerra", no Museu Virtual Marítimo do Extremo Oriental das Américas, com fotos e mapas, pode ser vista pelo público na internet, através do endereço museuexea.org

O desenvolvimento de parcerias impulsionou a oferta de conteúdo do museu. O Exea elabora ações conjuntas com o Instituto Politécnico de Tomar, com o Museu da Pessoa e conta com o apoio institucional da Marinha do Brasil.

Os museus de ciências são ferramentas eficientes para a popularização e divulgação científica, o que se aplica ao Exea. O Oceano Atlântico é o pano de fundo de pesquisas e investigações metódicas. O material é tratado e apresentado através de uma narrativa simplificada, ilustrada com imagens. Os primeiros conteúdos provêm de um banco de dados ligados à pesquisa de doutorado concluída em Coimbra. Atualmente, apresenta fatos ocorridos em Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Pernambuco, além da Paraíba.

> Os museus de ciências são ferramentas eficientes para a popularização e divulgação científica

Produção acessível

Ticiano Alves ressalta que as atividades do Exea estão sustentadas em três verbos: "Investigar é o primeiro, porque a ciência é responsável pela produção de conhecimento. Nosso segundo verbo é o 'educar'. Depois é o 'publicar', porque esse conhecimento tem que chegar ao público. Nós temos uma regra que deve ser cumprida à risca - todo o conhecimento produzido no museu tem que estar acessível para a sociedade. Tem que estar em um linguajar de modo que a pessoa de qualquer nível educacional, sabendo ler, possa entender o que está escrito".

As imagens também são decorrência de pesquisas em banco de dados que permitem o uso para fins educativos, desde que citadas as fontes. Esse foi o esforço para ilustrar outra exposição virtual aberta no Exea, "A costa nordestina no Brasil holandês", cujo curador é o professor Leandro Vilar Oliveira. As gravuras são de Frans Post, datadas do século XVII. Foram obtidas por meio da Biblioteca Nacional de Portugal e da John Carter Brown Digital Library, nessas condições.

"Descobrimos 'acidentalmente' que a plataforma Unsplash está sendo usada por museus e bibliotecas para divulgar suas imagens, e o Unsplash se tornou uma fonte para dar início às buscas. Em outro momento, tive acesso a fotografias exclusivas de 1808, 1810, originais. Um navio à vapor, atracado no porto da capital paraibana, onde hoje está a comunidade do Porto do Capim. Esse era um local comum para a chegada de pessoas à capital da Paraíba. Estamos usando essas imagens em uma Seção Especial do Exea e vamos disponibilizar outras, em seguida, com alta resolução, para pesquisa", relata o professor Ticiano.

O comando da Capitania dos Portos da Paraíba do Brasil também disponibilizou fotografias históricas com autorização para utilização para fins educativos; além de fotografias obtidas com colaboradores, que retratam imagens de embarcações e da movimentação de funcionários nas primeiras décadas do século XX, por volta de 1910 e 1920, na Paraíba.

O Museu Exea apresenta as exposições, montadas por edições; as seções especiais, que são dinâmicas e recebem conteúdos, conforme as conclusões dos levantamentos; aborda os naufrágios na costa brasileira e mantém o acervo virtual.

História da Fortaleza de Santa Catarina

Neste mês o Museu vai lançar uma timeline da Fortaleza de Santa Catarina. Os historiadores George e Leandro fizeram um levantamento dos fatos marcantes da fortaleza desde a construção, no século XVI, até o presente momento, no século XXI.

A timeline interativa irá integrar a seção especial da Fortaleza de Santa Catarina. Registra eventos como a construção, o domínio holandês, a Insurreição de 1817, a instalação da Cia. Aprendizes Marinheiros, a campanha pela restauração do espaço na década de 1970 e as atividades atuais realizadas no local.

Cursos, eventos e campanhas de preservação

Assim como os museus físicos, o Museu Virtual Exea também é dividido em "alas": Ala Investigação (concentra a produção do conhecimento científico). Ala Banco de Dados ("Acervo Virtual", reúne os dados provenientes das pesquisas). Ala Educação (tem como tema o patrimônio cultural marítimo). E a Editora Exea (trata da divulgação das pesquisas realizadas pelos investigadores associados e parceiros do museu).

O Museu Exea promove cursos, eventos, mantém a publicação de uma revista científica, campanhas para a preservação de documentos e o patrimônio histórico e outras ações na área de educação. Recentemente aplicou o curso on-line "Patrimônio Cultural Marítimo: Brasil, Portugal e Moçambique, com ampla participação dos moçambicanos", apesar da diferença de horário entre os países.

Fatos da história da Paraíba

A tese de doutorado defendida por Ticiano Alves contempla o ponto de vista de como a navegação ocorria no Estado da Paraíba entre os anos de 1850 e 1950. Como a embarcação entrava na Paraíba? Existiam faróis, bóias de sinalização, práticos? Como se dava esse percurso?

Além disso, algumas curiosidades apareceram. Até 1950, os jornais, inclusive o Jornal **A União**, registravam o movimento dos portos na Paraíba. Entrada de navios, desembarque de passageiros de relevância social e cargas.

A alfândega

De 1950 em diante, o mar, a navegação, deixou de ser assunto nos jornais por causa da popularização da aviação civil comercial. Por esses registros o pesquisador descobriu que a carga que chegava à Paraíba era heterogênea: roupas, móveis, produtos variados, fabricados, prontos para o consumo. E retornava com algodão.

Partindo desse fato, a pesquisa também ratificou que a motivação para a produção de algodão na Paraíba foi a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, no século XIX. A matéria prima para a fabricação de tecidos na Inglaterra, o algodão, vinha dos Estados Unidos. Com a guerra, o acesso pelo Atlântico ficou impedido e a solução era produzir o algodão na América do Sul. A Paraíba, então, é fortalecida como produtora e os portos do Estado retomaram a autonomia de operação, perdida pela política administrativa da época .

Outro registro histórico nesse período foi a passagem do presidente eleito, Epitácio Pessoa, na Paraíba, em 1919. Epitácio Pessoa residia nos Estados Unidos quando foi eleito. A Marinha dos Estados Unidos honrou o novo presidente destinando um encouraçado para transportá-lo ao Brasil. O Encouraçado Idaho atracou em Cabedelo, apesar de ainda não existir porto no local. Epitácio passou o dia na capital e, ao anoitecer, ele retornou ao barco e seguiu para o Rio de Janeiro. O registro e detalhes da entrada do Idaho está no acervo do Exea.

O papel gigante da pequena libélula para a biodiversidade

Presença do inseto, que contribui para o equilíbrio natural, é bioindicador da qualidade do ambiente

Estudo desenvolvido por pesquisadores da UFPB identificou 49 espécies e 29 gêneros de libélulas na Paraíba. Dependendo das espécies presentes num local, é possível traçar panorama do nível de preservação ambiental

Fotos: Divulgação

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Pode não parecer, mas as libélulas têm um importante papel na rede alimentar de rios, córregos e lagos, sendo predadora de diversos invertebrados como mosquitos, influenciando no controle populacional. Por outro lado, são presas para muitos vertebrados como aves e peixes. Esses bichinhos contribuem ainda para a manutenção da biodiversidade e, considerando este papel ecológico, elas têm sido estudadas como bioindicadores da qualidade do ambiente.

Dependendo das espécies presentes, é possível fazer um panorama da preservação do local. A Paraíba é o terceiro estado do Nordeste em espécies de libélulas que, além de todo esse papel, têm um forte apelo visual com suas cores.

Todas essas informações foram descobertas a partir de um estudo realizado pelos pesquisadores Ricardo Koroiva e Alessandre Colavite, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A partir de um mapeamento elaborado por eles, foram identificadas 49 espécies e 29 gêneros de libélulas na Paraíba, mas o trabalho não acabou.

Atualmente, Koroiva está participando da atualização da lista de espécies ameaçadas de libélulas para o Brasil pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Ele, que leciona as disciplinas 'Prática de identificação molecular de espécimes' e 'Biologia e prática de identificação de libélulas' para a Pós-Graduação em Ciências Biológicas, no Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB, relatou que, durante uma das reuniões, foi evidenciada a importância dos dados gerados na Paraíba pelo trabalho realizado aqui e por outros pesquisadores na Bahia e Sergipe.

"Até cinco ou seis anos atrás, eram raras as informações sobre libélulas presentes na região Nordeste do Brasil. Além disso, apresentamos dados de morfologia de algumas espécies, o que contribui para auxiliar a identificação pela comunidade científica", comentou Ricardo Koroiva.

Já há, inclusive, informações de novos registros de libélulas para o estado da Paraíba, que deverão ser publicados em breve, conforme relatou o pesquisador. Outro trabalho decorrente deste levantamento e que já está em avaliação em uma revista internacional é o sequenciamento genético de 70% das espécies de libélulas presentes na Paraíba.

Ele explicou que a publicação deste banco de dados genéticos possui importância local, pois permitirá que sejam utilizadas novas tecnologias de detecção de espécies. Uma delas é o uso de DNA com aplicação futura para biomonitoramento, por exemplo, e importância global, uma vez que para um terço destas espécies não havia informação nos bancos de dados genéticos do mundo.

Beleza

A Paraíba é o terceiro estado do Nordeste em espécies de libélulas que, além de todo o papel ecológico, têm um forte apelo visual com suas cores

Os pesquisadores Ricardo Koroiva e Alessandre Colavite, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizam estudo sobre as espécies de libélulas existentes na Paraíba

SAIBA MAIS

Recentemente, a mariposa do gênero Hylesia foi apontada como causadora de um surto de coceira no estado de Pernambuco. Conforme o pesquisador Ricardo Koroiva, felizmente, as libélulas não provocam esse tipo de reação

Pesquisadores farão novas coletas em municípios do estado

Além do que já foi pesquisado e catalogado, ainda há muito a se descobrir em relação às libélulas. Por isso, as pesquisas continuam na Paraíba. "Este trabalho foi o pontapé inicial dos estudos aqui no estado e em estados próximos, como Rio Grande do Norte e Pernambuco", disse Ricardo Koroiva. Para o próximo ano, já estão programados alguns outros locais para coleta de amostras.

Esses novos pontos de pesquisa são a Região Metropolitana de João Pessoa, onde os pesquisadores vão buscar novos locais. "Programamos coletas para o centro e o oeste do estado em municípios como Patos, Cajazeiras, Sousa; região do Litoral Norte, incluindo Mamanguape, Rio Tinto, e também pretendemos melhorar as informações obtidas em Areia", destacou.

Mesmo com os estudos realizados, ainda não é possível afirmar que alguma região apresenta um número maior de espécies de libélulas. Isso porque ainda há muito para ser pesquisado. Para Koroiva, seria precipitado afirmar algo em relação à região com maior número de espécies.

"O que podemos afirmar é que está cada vez mais difícil de encontrar áreas sem a forte influência do homem, tanto na Caatinga quanto na Mata Atlântica". Ele disse ainda que locais bem preservados são redutos para diversas espécies de libélulas e outros animais.

Paraíba é terceiro lugar no Nordeste em número de espécies

A Paraíba passou a ocupar o terceiro lugar do Nordeste em número de espécies de libélulas – 49 – a partir do mapeamento realizado pelos pesquisadores, atrás do Ceará, onde foram catalogadas 73 espécies, e Bahia, com 54. No ranking nacional, o primeiro lugar é do Amazonas, com 335 espécies.

O resultado do estudo sobre a ocorrência desses insetos aquáticos pertencentes à ordem Odonata foi publicado recentemente no periódico Biota Neotropica, por meio do artigo 'Checklist and contribution to the knowledge of the odonatofauna of Paraíba state, Brazil' – Checklist e contribuição para o conhecimento da odonatofauna do estado da Paraíba, Brasil.

O mapeamento foi realizado em parceria com a pesquisadora Fabiane Batista, do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), em Campina Grande, e com o estudioso Diogo Vilela. As coletas foram feitas entre 2020 e 2021, em oito cidades da Paraíba – Araruna, Boa Vista, Cabaceiras, Campina Grande, Lucena, Santa Rita, Tacima e Caiçara.

De acordo com Ricardo Koroiva, o levantamento das 49 espécies, número que representa aproximadamente 6% das espécies do inseto conhecidas no Brasil, reflete apenas a ocorrência em parte do estado, o que deve resultar em um mapeamento subestimado, por enquanto.

Esse estudo inicial foi realizado principalmente na região litorânea do estado. As novas coletas no interior demonstram que existem muito mais espécies a serem acrescentadas. Além da lista de espécies existentes no estado, o estudo traz detalhes morfológicos de duas delas, o que auxilia na identificação destas espécies.

Copa sem estrelas

Alguns dos maiores artilheiros do mundo vão ficar fora das disputas da Copa do Mundo do Catar por causa de seleções não classificadas. Página 24

Foto: Divulgação

NO COMANDO DO SOUSA

Tardelly Abrantes: Santo de casa também faz milagres

Técnico conseguiu chegar onde nem os torcedores do Dinossauro acreditavam, e agora quer mais

Foto: Jefferson Emmanuel

O técnico Tardelli Abrantes acredita em um Sousa ainda mais forte em 2022 em relação ao time do ano passado

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O sucesso obtido com a classificação do Sousa para a Copa do Nordeste tem evidenciado o clube para a região berço de torcedores apaixonados pelo futebol. Ao mesmo tempo em que apresenta uma figura ainda pouco conhecida no futebol paraibano e tão pouco no futebol nordestino – Tardelly Abrantes, 37 anos. Antes, ele exercia a função de gerente de futebol no clube, posteriormente, passou a ser auxiliar técnico. Mas só em agosto do ano passado foi efetivado como treinador oficial do Dinossauro, na penúltima rodada da primeira fase do Campeonato Brasileiro Série D, mais precisamente contra o ABC – RN. Vitória por 2 a 0.

A trajetória de Tardelly com o Sousa teve início bem antes. Ainda jovem, ele iniciou na base do clube como atleta, jogava na posição de meia-atacante. Disputou a Taça São Paulo de Futebol Júnior, em 2001, e foi negociado com o Bahia-BA, onde lá ficou durante três meses. Em 2002, retornou ao Sousa para a disputa do Campeonato Paraibano daquele ano, também teve passagem pelo Náutico-PE na mesma temporada. Já em 2003, atuou pelo Caiçara – PI. No início de 2004 iniciou a disputa do paraibano novamente pelo Sousa. Mas infelizmente acabou pondo fim a carreira. As oportunidades não ofereciam condições de continuar, pois os contratos limitavam-se apenas a três meses de calendário na disputa de campeonatos estaduais. Àquela época, não teria como sobreviver financeiramente no mundo do futebol, então teve de procurar outros horizontes.

Em 2010, apostou numa profissão pouco incomum com o futebol. No serviço público, passou a exercer a profissão de condutor de ambulância. Mal sabia ele que 10 anos depois, retornaria ao Sousa, para dessa vez, usar a sua habilidade de condução. Diferente de pacientes, ele conduziu 17 atletas que conquistaram um feito inacreditável para muitos, porém, conquistado de forma histórica. O time deixou para trás na fase de grupos da Pré-Copa do Nordeste, adversários tradicionais pelo caminho para garantir o seu retorno à competição. O antes condutor e, agora, treinador Tardelly Abrantes terá agora a responsabilidade de conduzir os objetivos do Sousa durante a temporada 2022.

O treinador conversou com o Jornal A União sobre a sua trajetória profissional como atleta, até ser efetivado no comando técnico do Sousa. Tardelly também falou desse momento vitorioso que vem passando no comando do clube e sobre as perspectivas nas competições do Sousa na atual temporada.

A ENTREVISTA

Durante a fase preliminar da Copa do Nordeste o Sousa apresentou um futebol que surpreendeu o Nordeste, chegando a eliminar ASA – AL, Confiança e ABC - RN, equipes mais tradicionais e tidas como favoritas nos respectivos confrontos. A que você atribui o sucesso nas disputas contra esses clubes?

Todos os méritos foram dos jogadores. A dúvida para quem inicia um trabalho como treinador de futebol é gerada pela torcida, pela imprensa e até mesmo pelos próprios jogadores. Mas, os 17 atletas que estiveram sob meu comando assimilaram a forma de trabalho, abraçaram a ideia e acreditaram na possibilidade de nossa classificação, na promessa que eu lutaria para que permanecêssemos com mesmo grupo de jogadores para a disputa da Copa do Nordeste. O objetivo e a promessa foram cumpridos, conseguimos calendário para temporada inteira. Apenas três jogadores não foram mantidos por receberem propostas melhores de outros clubes, porém, vamos reforçar o elenco e traçar novos objetivos no decorrer das quatro competições que teremos neste ano.

No momento mais incerto do clube, na temporada passada, você assumiu o comando, a história foi feita. O Sousa consolidou a conquista da vaga na Copa do Nordeste de 2022 e chega para disputar a competição pela segunda vez na sua história. Quais as suas perspectivas em relação aos confrontos contra as grandes equipes do futebol nordestino?

Vamos tentar fazer diferente de nossa primeira participação no torneio. Em 2012, não conseguimos nenhuma vitória durante as seis partidas que disputamos. Nesta edição, o Sousa pensa grande. Já tivemos um bom começo na fase preliminar do torneio. Nessa próxima fase, os jogos realmente serão mais difíceis, vamos enfrentar as melhores equipes do Nordeste, claro que tudo pode acontecer, mas sabemos de nossas limitações dentro da competição. Cada jogo será uma história, o favoritismo acaba quando se inicia a partida, vamos jogar cada jogo como se fosse uma decisão, para adquirirmos confiança.

Quando você assumiu o posto de treinador gerou desconfiança, muitos criticaram a sua escolha. Falava-se até que Tardelly só estaria no comando meramente por ser sobrinho do presidente do Sousa, Aldeone Abrantes, e por também carregar o sangue e o sobrenome "Abrantes". Esse fato atrapalhou ou serviu de incentivo para o início de sua carreira de treinador?

Esse tipo de situação é um desrespeito com qualquer que seja o profissional. Durante a temporada, passaram pelo clube treinadores experientes, casos de Paulo Shardong, que deixou o clube como líder do Campeonato Paraibano. Logo em seguida, teve Índio que também contribuiu para o sucesso do time na competição, ainda tivemos a passagem de Warley e Pedro Manta, que infelizmente não tiveram êxitos em suas passagens pelo clube. A minha chegada veio como uma dúvida diante do desafio que tínhamos pela frente. Quem conhece a história de Aldeone Abrantes dentro do Sousa, sabe da forma e da entrega que ele trabalha para colocar o clube sempre na briga por grandes objetivos em todas as competições que disputa. Não se trata apenas de ser sobrinho do presidente de clube, por trás desse contexto, tem um trabalhador que se dedica, busca objetivos e qualificação profissional. Se eu não tivesse a capacidade de estar à frente do comando do clube, não me teria sido dado essa responsabilidade. A resposta aconteceu dentro de campo, em pouco tempo conseguimos resultados expressivos. Vamos continuar trabalhando forte em busca de novos feitos nesta temporada.

Em virtude de ter conseguido cotas por premiações pelas participações na Copa do Nordeste e na Copa do Brasil, o clube terá nesta temporada uma perspectiva de investimento financeiro na formação de um elenco competitivo para a disputa de quatro competições. Pode-se afirmar que este ano o clube vai trabalhar com um elenco capaz de conquistar títulos, ou até mesmo um acesso para Série C do Brasileiro, em 2023?

Temos um grupo com jogadores de confiança que realizaram um bom trabalho na temporada de 2021 e permaneceram no elenco atual. Estamos formando um time com a presença de atletas experientes que, inclusive, já tiveram passagens pelo clube, como Iranilson e Esquerdinha. Não podemos deixar para trás toda essa tradição de sempre estarmos representando bem o futebol de nossa cidade, de nosso estado. Evidentemente que as cobranças serão maiores em função dos resultados já obtidos ano passado, teremos um calendário completo de competições. Os objetivos do clube na temporada são - conseguir a classificação para fase de mata-mata da Copa do Nordeste, ser campeão paraibano, avançar a primeira fase da Copa do Brasil e brigar pelo o acesso à Série C do Brasileiro. O fato de estarmos formando um elenco forte, não nos garante nenhum êxito, porque resultados são conquistados dentro de campo, temos que trabalhar focados para não ser jogado fora todo um planejamento traçado para esse ano.

No ano passado, o Sousa bateu na trave na disputa do campeonato e acabou com o vice-campeonato. O clube perdeu a chance de conquistar mais um título estadual. Em 2022, é chegada a vez do time reconquistar o título do futebol paraibano, após 12 anos?

Eu conheço bem a história do Sousa e ela fala por si em relação aos dois títulos estaduais conquistados. Em 1992, o clube fez um belo campeonato, em 1993 beliscou a conquista, e em 1994 garantiu o seu primeiro e histórico título de campeão paraibano. Foi dessa forma também no bicampeonato, pois em 2007 e 2008, o clube também chegou perto de conquistar o segundo título, mas ele só veio em 2009, hoje a história insiste em construir um novo capitulo. Em 2019 fomos eliminados nas semifinais, em cobranças de pênaltis, pelo Campinense, no ano passado tivemos novamente a Raposa pelo caminho e mais uma vez perdemos a disputa, ficamos com o vice-campeonato. Em 2022, vamos trabalhar para manter a escrita. Estamos montando um elenco para tentar trazer de volta a taça de campeão paraibano de futebol para a galeria de troféus do clube.

Copa Brasil é seletiva para o Sul-Americano

Evento em Bragança Paulista vai classificar os melhores nomes da marcha atlética do país, que irão ao Peru

Foto: CBAt

A Copa do Brasil deste ano promete ser uma das mais disputadas dos últimos tempos, com vários atletas de alto nível

Ascom/ CBAt

A Copa Brasil Loterias Caixa de Marcha Atlética, que será disputada hoje, em Bragança Paulista, definirá a seleção brasileira para o Campeonato Sul-Americano da modalidade, programado para os dias 5 e 6 de fevereiro em Lima, no Peru. A Copa Brasil é a primeira competição oficial da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) de 2022. Abre o calendário nacional e terá transmissão ao vivo pelo YouTube da CBAt.

Os primeiros colocados no Ranking Brasileiro de 2021, segundo os critérios de convocação, já estão garantidos no Sul-Americano. No adulto, Caio Bonfim (CASO-DF) lidera no masculino os 20.000 m (1:20:13.68), os 20 km (1:21:42) e os 35 km (2:41:27), da mesma forma que Érica Sena (Pinheiros -SP) é a primeira no feminino nos 20.000 m (1:30:51.97), nos 20 km (1:28:44) e nos 35 km (2:51:11).

Os dois, aliás, já estão qualificados para o Campeonato Mundial do Oregon, de 15 a 24 de julho, na cidade de Eugene, nos Estados Unidos – Érica nos 20 km e 35 km e Caio nos 20 km. Está qualificado também Matheus Gabriel Correa (AABLU-SC), nos 20 km.

Caio Bonfim, medalha de bronze nos 20 km marcha atlética no Mundial de Londres-2017, está confirmado na Copa Brasil deste domingo, assim como Matheus. Já Érica preferiu continuar treinando em Cuenca, no Equador, onde vive há 9 anos. "Estamos fechando nosso calendário de competições de 2022, e ainda não decidimos se vamos ao Sul-Americano. Uma coisa é certa, caso vá, disputarei os 20 km", disse a pernambucana, treinada pelo marido Andrés Chocho, eleita a Melhor Atleta do Ano de 2021 no Prêmio Loterias Caixa da CBAt, com quase 40% dos votos do júri.

Pelos critérios de convocação, os três primeiros colocados da Copa Brasil nas provas adultas dos 20 km e 35 km, e das categorias sub-20 e sub-18, garantirão vaga na seleção. Caso algum qualificado pelo ranking confirme mais uma vez vaga na prova de domingo, o quarto colocado será chamado pela CBAt.

Outra competição importante do primeiro semestre será também o Mundial de Marcha Por Equipes, nos dias 4 e 5 de março, em Mascate, Omã. A CBAt convocará até quatro atletas, os mais bem colocados no Ranking por Pontos da WA, de 1 de janeiro de 2021 a 7 de fevereiro de 2022, no caso dos adultos, e utilizará o Ranking Top List da WA, no mesmo período, para chamar três atletas na categoria sub-20.

Há necessidade, porém, de índices mínimos: 43:39 e 52:17 nos 10 km Sub-20 no masculino e feminino; 1:25:30 e 1:33:06, nos 20 km adulto, masculino e feminino; e 2:48:40 (4:01:06) e 3:30:00 (5:12:00), para as provas de 35 km e a correlata de 50 km, em parêntesis, também nos dois gêneros.

A Copa Brasil Loterias Caixa de Marcha Atlética reunirá 81 atletas de 22 clubes, representando sete estados e o Distrito Federal, nas categorias sub-16, sub-18, sub-20 e adultos, a partir das 6 horas de domingo.

Durante a competição, haverá coleta seletiva de lixo e ações do Jogo Limpo, campanha da Autoridade Brasileira de Controle da Dopagem (ABCD), que tem total apoio da CBAt. No domingo, ocorrerá também a Campanha de Doação de Alimentos. A CBAt receberá a doação de 1 kg de alimento não-perecível no local e o total arrecadado será entregue à Casa da Benção Mantenedora da Ação Social Espírita, situada na Av. Eusébio Savaio, 995, em Bragança.

A organização do evento exigirá o uso de máscaras em toda a região das provas, só sendo liberado o equipamento para os atletas durante a competição, como parte das ações desenvolvidas no enfrentamento à Covid-19.

Após derrota, Basquete Unifacisa busca hoje a recuperação no NBB, em jogo considerado chave contra o Brasília

Foto: Ascom Unifacisa

Após perder em casa para o Franca, o Basquete Unifacisa precisa da vitória para se manter entre os primeiros

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O Basquete Unifacisa joga hoje às 13h contra o Basquete Brasília, na casa do adversário, o Ginásio Nilson Nelson, na capital federal. Se vencer a partida, a equipe de Campina Grande já garante vaga na Copa Super Oito, competição que reúne os oito melhores times do primeiro turno da NBB e que vale vaga para a Champions League América. A equipe paraibana, nesse momento, é a sétima colocada no campeonato.

A NBB é uma competição brasileira de basquetebol masculino, organizada pela Liga Nacional de Basquete e chancelada pela Confederação Brasileira de Basketball, responsável por reunir os principais times do país.

"O NBB está bastante equilibrado, tanto faz jogar com o primeiro colocado quanto com o último, as partidas estão sendo bastante disputadas e as vitórias sempre muito acirradas", destacou Eduardo Schafer, gerente do Basquete Unifacisa. O time viajou sexta-feira para Brasília e ontem realizou um treino no ginásio onde será disputada a partida.

A equipe da Unifacisa soma no campeonato sete vitórias e sete derrotas, sendo a última contra o Franca, líder invicto da NBB. A próxima partida é na terça-feira, quando enfrenta o Cerrado às 20h30, também em Brasília. Apesar de ter anunciado a contratação do pivô Miguel Ruiz, jogador com importante currículo no basquete venezuelano e argentino, Eduardo Schafer adiantou que o novo contratado jogará apenas no segundo turno do campeonato. "Estamos organizando a documentação do atleta, com visto de trabalho e tudo que é necessário. Se tudo der certo, a estreia dele será contra o Basquete Cearense, no próximo dia 26".

João Pessoa vai sediar mais uma edição do Beach Volley

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Será realizado de 10 a 15 de janeiro na Praia de Cabo Branco, em João Pessoa, o 2º Beach Volley Camps, evento que reúne aulas práticas, teóricas além de turismo e diversão. O objetivo é fazer com que os participantes vivam uma semana intensa, como atletas profissionais de vôlei de praia.

O responsável pelo evento é o jogador de vôlei de praia Harley Marques, que possui também o curso de técnico pela Federação Internacional, com 25 anos de carreira. "Lá fora esse tipo de evento já é tradição, diferente do Brasil. Aqui nós fizemos a primeira edição do ano passado e foi um sucesso".

Com o slogan 'Venha treinar uma semana como um profissional, com um profissional', o Beach Volley Camps deve reunir cerca de 30 atletas. "A ideia é fazer com que os participantes treinem e aprendam algumas coisas que não são ditas normalmente, com toques do que eu já vivi e já passei. Há também uma parte de diversão, com a possibilidade dos participantes conhecerem a cidade", reforçou Harley que tem dois títulos de melhor jogador do mundo de vôlei de praia, além de ter sido campeão do Circuito Mundial em 2008 e vice em 2009, quando também levou a medalha de prata na Copa do Mundo, em Stavanger, na Noruega.

O evento é homologado pela Federação Paraibana e Confederação Brasileira de Voleibol, já tendo, inclusive, sido responsável pela descoberta de atletas que hoje jogam em circuitos em todo o país. "Ano passado um aluno que participou do Camp foi indicado para a seleção de base e ele já ficou, então já estão surgindo novos talentos também", finalizou.

Foto: Divulgação

O treinador Flávio Barros terá a oportunidade de ver em ação, pela primeira vez, o time que ele considera titular, após os treinos da semana

Treze realiza primeiro jogo da pré-temporada no Brejo

Galo vai enfrentar uma seleção formada por jogadores da região, no Estádio Tancredão, em Bananeiras

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Neste domingo, o Treze vai realizar o seu primeiro amistoso do ano, visando a participação na única e principal competição que o clube vai disputar em 2022, o Campeonato Paraibano. É neste domingo, a partir das 15h, no Estádio Bezerrão, no município de Bananeiras, contra uma seleção do Brejo, que a torcida alvinegra terá o encontro com o grupo comandado pelo treinador Flávio Barros.

Diante de todas as dificuldades administrativas enfrentadas pela atual diretoria, o clube chega para colocar em teste o elenco formado, acreditando reestruturar o alvinegro de Campina Grande tecnicamente e retornar aos holofotes das principais competições regionais e nacionais, em 2023.

"O torcedor do Treze acreditou na nossa proposta de reestruturar o clube. Montamos um elenco capaz de disputar o Campeonato Paraibano com clubes que hoje apresentam melhores condições técnicas. Foram quarenta dias de muito trabalho, chegou a hora de colocar, dentro de campo, a prática e toda uma filosofia, com objetivos traçados pelo clube para esta temporada."

O Treze chega para o confronto com todos os 22 jogadores do elenco à disposição. O último reforço anunciado pelo clube foi o meia Diego Souza, jogador de 28 anos, que atuou pelas categorias de base de São Paulo e Palmeiras.

Recém integrado ao elenco do clube, Diego Souza já se coloca à disposição do treinador para a partida de hoje. Na sua passagem pelo futebol paraibano, o atleta acredita que terá um bom desempenho na disputa do Campeonato Paraibano vestindo a camisa do Treze.

"Quando surgiu a oportunidade, não pensei duas vezes em optar pelo Treze. Fisicamente estou bem, já conversei com o treinador e me coloquei à disposição. O torcedor do Treze pode acreditar que irei me empenhar para ajudar, de todas as maneiras. Quero deixar meu nome marcado no clube em minha primeira passagem pelo futebol paraibano", comentou.

Concluído o primeiro amistoso do ano, o Treze seguirá dando sequência a sua maratona de treinos, e terá três semanas para fazer reajustes. Pois a sua estreia no Estadual acontece no dia 3 de fevereiro, em Campina Grande, contra o Sport Lagoa Seca. Ao Jornal A União, a diretoria do clube informou que pretende realizar mais dois amistosos, antes do início do Campeonato Paraibano.

"Feitas as avaliações do primeiro amistoso do clube, o planejamento segue com os treinos e a realização de novos amistosos. Temos mais dois compromissos agendados antes da estreia do paraibano. O segundo amistoso será em Campina, no dia 16, contra o 7 de Setembro – PE, ou o Afogados da Ingazeira – PE. O último será contra o São Paulo Crystal, no dia 23, partida que vai marcar a reabertura do Estádio Presidente Vargas", confirmou Olavo Rodrigues, presidente do clube.

Botafogo

O Belo será o último clube do trio de ferro a testar a equipe na atual pré-temporada. O Botafogo fará seu primeiro amistoso na próxima quarta-feira, dia 12, contra o CSP. Se o Almeidão não for liberado, o jogo será disputado no CT da Maravilha do Contorno. No próximo dia 15, o time da estrela vermelha realizará mais um amistoso, desta vez contra o Santa Cruz, em Recife.

Preparação

Árbitros e asssitentes prontos para o Paraibano

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A Comissão Estadual de Arbitragem de Futebol da Paraíba (Ceaf-PB), que faz parte da Federação Paraibana de Futebol (FPF), iniciou no último dia 5 as atividades referentes ao ano de 2022, com avaliação física de árbitros e assistentes. Entre as próximas ações, segundo adiantou o diretor de arbitragem da FPF, Arthur Alves, estão a realização de treinos práticos, além de coletiva de imprensa, com data a ser divulgada, onde serão apresentadas as novidades para a temporada de 2022. A equipe da FPF conta atualmente com 36 árbitros e 29 árbitros assistentes.

Arthur Alves adiantou que não há novos nomes para este ano e que o processo de renovação da arbitragem no estado é um processo contínuo. "E vem sendo realizado desde 2018, quando chegamos na FPF e implementamos várias atividades como as reuniões pré e pós-jogos, as avaliações antropométricas (que verificam percentual de gordura), avaliações físicas e teóricas, treinamentos práticos (técnico e físico), entre outras".

Na opinião do entrevistado, o ano de 2021 trouxe resultados importantes, ressaltando a valorização da classe nos estádios paraibanos. "A busca incessante pela evolução, tem apresentado excelentes resultados. Temos pontos a serem melhorados, mas as falhas não interferiram nos resultados finais". Alves chamou a atenção para a qualidade da arbitragem paraibana, destaque nacional. "No projeto de Renovação da Arbitragem Brasileira tivemos dois árbitros indicados. Com apoio da Presidente Michelle e dos Clubes, conseguimos melhorar as taxas da arbitragem e isso é a valorização do profissional autônomo que investe o ano inteiro para se manter no quadro estadual".

Foto: Instagram/Arthur Alves

Todos os árbitros paraibanos passaram por uma reciclagem e uma pré-temporada para o início das competições

Copa do Mundo do Catar pode ficar sem grandes artilheiros e seleções tradicionais

O norueguês Haaland, uma das estrelas do momento, já está fora do Mundial porque sua seleção não se classificou

Fábio Hecico
Agência Estadão

A contagem regressiva já começou. Falta menos de um ano para a Copa do Mundo do Catar, que começará em novembro de 2022. A principal competição entre seleções do planeta se aproxima e o amante do futebol-arte torce os dedos para não perder mais estrelas ofensivas para aplaudir nos campos do mundo árabe. Homem-gols como o bósnio Dzeko, o norueguês Haaland e o gabonês Aubameyang já estão fora oficialmente da competição e atletas do quilate de Cristiano Ronaldo, Lewandowski, Ibrahimovic, Immobile, Gareth Bale, Schick, Luis Suárez, Mohamed Salah e Sadio Mané correm risco de serem ausência. Assim como teremos apenas Itália ou Portugal.

Com repescagem da Europa sorteada para o início do próximo ano (24 e 29 de março), já é sabido que a tetracampeã mundial Itália ou Portugal ficará pelo caminho. As duas últimas campeãs da Eurocopa estão na mesma chave e se enfrentariam em possível decisão pela única vaga do Grupo C. Isso caso passem por Macedônia do Norte e Turquia, respectivamente.

Seria o segundo ano seguido de ausência dos atuais campeões europeus, para desespero de Immobile. O dono do prêmio "chuteira de ouro" da temporada passada do futebol italiano, com 36 gols pela Lazio, sonha em jogar uma Copa como titular pelo país após ficar na reserva em 2014, no Brasil.

"Precisamos do máximo de tranquilidade até março. Vamos recuperar as forças e nos classificaremos para a Copa do Mundo, estou confiante", crava Roberto Mancini, comandante do esquadrão italiano que ergueu a taça da Euro no meio do ano desbancando a anfitriã Inglaterra na decisão em Wembley.

Com o argentino Messi e o brasileiro Neymar garantidos, uma grande ausência no Catar seria de Cristiano Ronaldo. O astro português nada pôde fazer na virada por 2 a 1 que garantiria a vaga direta e agora promete fazer de tudo na repescagem para disputar possivelmente sua última Copa.

"O futebol já nos mostrou muitas vezes que são os caminhos mais sinuosos que nos levam aos desfechos mais desejados. O resultado foi duro (perder a vaga direta para a Sérvia), mas não o suficiente para nos abater. O objetivo de marcar presença no Mundial 2022 continua bem vivo e sabemos o que temos de fazer para lá chegar. Sem desculpas. Portugal rumo ao Catar", mostra confiança o astro do Manchester United.

> "Precisamos do máximo de tranquilidade até março. Vamos recuperar as forças e nos classificaremos para a Copa do Mundo. Estou muito confiante na nossa seleção"

Fazendo mais uma temporada incrível, de muitas bolas nas redes adversárias, o polonês Lewandowski pode fazer um mata-mata de goleadores com o sueco Ibrahimovic, no Grupo B da repescagem. A Polônia leva pequeno favoritismo contra a Rússia, enquanto a Suécia chega como incógnita diante da República Checa de Schick, destaque na Eurocopa. Passando das semifinais, teríamos um embate de camisas 9. Um ficará pelo caminho.

O jogador do Bayern de Munique quer se redimir da vexatória campanha da Polônia no Mundial de 2018, na Rússia, no qual não fez nenhum gol em queda precoce da seleção.

Outro grande nome do futebol europeu na repescagem é o galês Gareth Bale. O atacante que faz história no Real Madrid gostaria de se despedir dos gramados disputando mais uma Copa e, para isso, terá de ser decisivo contra a Áustria, na repescagem, e depois diante do vencedor de Escócia e Ucrânia.

"Seria incrível jogar a Copa do Mundo, meu sonho. Temos que dar tudo pelo nosso país, pois esta pode ser a última vez que a nossa geração tem a oportunidade de garantir a qualificação para um Mundial. É muito importante para nós e queremos tentar aproveitar essa chance", enfatiza o jogador de 32 anos.

Restando quatro rodadas para o término das Eliminatórias Sul-Americanas, o Uruguai é a grande decepção até o momento. Com quatro vagas diretas e uma na repescagem, a seleção celeste hoje estaria eliminada, figurando na sétima posição. Experiente astro do time, Suárez, também de 32 anos, ainda acredita na classificação e espera volta por cima do país na reta final.

"Minha meta é chegar (à Copa), mas desde que eu me sinta capaz de ajudar a seleção e não seja um estorvo", dispara. "A vontade sempre vai existir, mas o que realmente importa é que esteja em alto nível para fazê-lo", completa, admitindo que o rendimento dele e da seleção não é o esperado e custou até a demissão do técnico Óscar Tabárez.

Entre janeiro e fevereiro teremos a Copa Africana das Nações. Só depois Egito, Gana, Mali, Marrocos, República Democrática do Congo, Senegal, Argélia, Tunísia, Nigéria e Camarões definirão as cinco vagas do continente. Um sorteio definirá os cinco confrontos mata-matas.

Companheiros de Liverpool, o egípcio Mohammed Salah e o senegalês Sadio Mané estarão em potes distintos, o que pode colocá-los frente a frente na briga por uma vaga. O Egito, no pote 2, é quem mas corre riscos, pois terá uma das potências africanas pelo caminho. Além do Senegal, pode encarar Nigéria, Tunísia, Camarões ou Argélia.

Aubameyang poderia estar na disputa, mas a seleção do Gabão é muito fraca e ficou pelo caminho. Único africano a conquistar a Bola de Ouro, em 1995, George Weah foi um goleador nato e ídolo do Milan que não teve o prazer de disputar uma Copa do Mundo. Nem perto chegou, pois a Libéria, seu país de nascimento, também jamais contou com uma seleção em condições de brigar por uma vaga.

Assim como dificilmente Aubameyang conseguiu ou concretizará tal proeza. No caso do artilheiro do Arsenal, de 32 anos, o fato não é simplesmente por jogar pelo Gabão, mas a opção que ele fez em defender as cores do país de seu pai, François Aubame Eyang.

Aubameyang nasceu na França, é filho de uma espanhola e teve a chance de se naturalizar italiano. Abriu mão de todas as potências europeias para realizar sonho de seu François. Verá a Copa pela TV, assim como outros grandes atacantes correm o risco, o que deixaria a competição do Catar um pouco mais carente de goleadores.

Os amigos e colegas que jogam no PSG, Messi e Neymar, garantiram presença no Catar porque as seleções do Brasil e da Argentina já estão classificadas para a Copa do Mundo

Fotos: Divulgação

O português Cristiano Ronaldo poderá ficar fora da Copa do Mundo se Portugal não conseguir eliminar a Itália, uma das duas seleções cairá nas Eliminatórias

Luís Suárez é outro goleador que pode dar adeus à próxima Copa, já que a seleção do Uruguai vai muito mal nas Eliminatórias e pode não se classificar

Intelectual eclético

Padre, militar, político e jornalista... Tudo ao mesmo tempo. Esse era o perfil eclético do intelectual Mathias Freire, que irritava os governantes desonestos por meio dos seus artigos publicados. Página 26 e 27

Fotos: Reprodução

Fotos: Roberto Guedes

Igreja da Misericórdia, no Centro de João Pessoa, e, ao lado, detalhes da capela onde foram sepultados Duarte da Silveira e sua esposa

Mais perto da "salvação"

Ser sepultado nos pisos e nas paredes das igrejas, segundo a crença, deixavam os fiéis mais próximos dos santos, do céu e do sagrado

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Além de ser um local de orações, as igrejas católicas brasileiras, em sua grande maioria, também possuem sepulturas instaladas em seu interior, um costume que teve seu auge no período colonial. Eram pessoas que passavam suas vidas indo para a missa e acreditavam que, ao serem sepultadas nos templos, estavam mais próximas dos santos, do céu e do sagrado. Foram quase dois mil anos seguindo essa tradição.

O poder aquisitivo era um fator que definia o local de sepultamento, pois os mais pobres ficavam em um cemitério na parte externa (ao lado ou atrás dos templos) e pessoas ricas, como senhores de engenho e fazendeiros, poderiam comprar um espaço no interior das igrejas (no piso ou nas paredes), acreditando que poderiam, dessa forma, garantir sua "salvação".

Os enterros dentro dos templos religiosos eram uma prática comum entre os católicos e permaneceu até a segunda metade do século XIX. De acordo com o professor Ivan Cavalcanti Filho, doutor em História da Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período colonial era comum famílias poderosas terem sepulturas no interior de igrejas, tanto paroquiais quanto conventuais.

Os fiéis que tinham o direito de fazer o "último repouso" dentro das igrejas eram os benfeitores: pessoas que, em vida, contribuíram para a construção, reforma, manutenção ou embelezamento de templos católicos. Em contrapartida, faziam um contrato garantindo que, quando morressem, seriam sepultados naquele espaço. Ter um túmulo na igreja era um privilégio e os altares tinham um status, sendo o de Nossa Senhora da Conceição o mais cobiçado, mas o altar de São Francisco também era também importante.

No caso de igreja conventual, Ivan Cavalcanti cita em João Pessoa a Igreja de Santo Antônio, mais conhecida como Igreja de São Francisco, onde essa prática foi recorrente e é comprovada através da marca de dezesseis campas funerárias no piso de sua galilé (construção arquitetônica na entrada da igreja), em frente às três portas do templo.

Esse ambiente, apesar de distante do altar-mor, lugar mais sagrado da casa de oração, sugere que os fiéis contemplados com as sepulturas eram pessoas de destaque, que, em vida, frequentavam a igreja, ou frades menores que ali tinham atuado.

"Uma curiosidade era a existência, em frente à portada principal do templo, da sepultura do capitão-mor Pedro Monteiro de Macedo, em cuja lápide, datada de 1744, havia inscrição rogando a cada pessoa que ali pisasse para adentrar a igreja rezasse um Pai Nosso e uma Ave Maria por sua alma, pelo fato de ele ter governado mal a Capitania da Paraíba", lembra o estudioso.

Os sepultamentos dentro de recintos religiosos remontam à Igreja Cristã Primitiva, apesar da existência de cemitérios em pátios externos de igrejas e áreas limítrofes aos muros das cidades. No império bizantino, nos séculos 6 e 7, leigos com relação próxima às comunidades religiosas que frequentavam, poderiam ter o "privilégio" de serem sepultados em diferentes espaços da igreja, conforme a contribuição para a comunidade.

No Brasil colonial, assim como na metrópole, a prática teve ampla aceitação no clero secular e clero regular, diante das vantagens que trazia para a manutenção e preservação dos espaços internos de igrejas e conventos com relação à ornamentação.

Os túmulos mais antigos tinham arquitetura parecida com pequenas capelas, com materiais religiosos. No caso da capital paraibana, o pesquisador afirma que há evidências dessa prática na Capela do Salvador do Mundo, situada no lado do Evangelho da Igreja da Misericórdia.

Na cripta (dependência subterrânea da igreja, onde eram enterrados sacerdotes, aristocratas e pessoas do alto clero) foram sepultados o rico senhor de engenho Duarte Gomes da Silveira e sua esposa. "O benfeitor foi o responsável pelo custeio da construção da referida igreja, uma das mais antigas da Cidade de Nossa Senhora das Neves, remontando à segunda metade do século 16. Construída posteriormente numa magnífica estrutura abobadada em pedra calcária, a Capela do Salvador do Mundo é datada de 1639", descreve.w

Ficar nos locais "nobres" da igreja era prestígio

O sepultamento no interior de espaços sagrados refletia prestígio e os locais mais próximos do altar eram oferecidos aos mais religiosos. Em primeiro lugar estavam os padres. Depois, pessoas com destaque nas irmandades ou organizações religiosas. Padres e bispos tinham o lugar garantido, conforme destaca o coordenador do Centro Cultural São Francisco e assessor cultural da Arquidiocese da Paraíba, Augusto Moraes.

Ele destaca que em João Pessoa todas as igrejas da parte histórica possuem criptas abaixo de suas construções e túmulos inseridos nas paredes. Entre elas estão as igrejas da Misericórdia, a São Frei Pedro Gonçalves, a Nossa Senhora das Neves (arcebispos sepultados), a São Francisco e outras.

"Antes da República, existiam os cemitérios da ordem religiosa ou as igrejas; e era obrigado se enterrar nesses locais porque não existia cemitério. As pessoas que eram enterradas na igreja tinham que fazer parte de uma irmandade religiosa, confraria ou ordem terceira", explica Augusto Moraes.

Ele conta que a igreja da época fazia parte do estado e não existia cemitério secular. Assim, os mais ricos eram enterrados nos altares e os mais pobres ou com doenças contagiosas, mais longe. "Na Igreja da Misericórdia eram enterradas pessoas pobres que não tinham irmandade ou não podiam pagar", comentou.

O professor Ivan Cavalcanti Filho acrescenta que os religiosos que atuavam na paróquia ou na instalação conventual tinham direito à sepultura na igreja ou convento, sendo os locais mais privilegiados destinados às autoridades eclesiásticas e aos benfeitores. "No âmbito dos franciscanos, Frei Jaboatão, em sua crônica do século XVIII, destaca que os contratos para sepultamentos eram lavrados em cartório, para garantir os direitos do beneficiado e sua família no tocante à sepultura em local sagrado, e seus deveres em fazer a necessária manutenção e ornato do espaço negociado".

Ele lembrou que quanto mais próxima a sepultura fosse do altar, mais relevante era a posição social ou religiosa. Dessa forma, as famílias mais ricas compravam o espaço em vida e, após o enterro do benfeitor e sua esposa, os filhos e netos estariam obrigados a cuidar do altar que deveria estar sempre bonito, dourado, com toalhas de veludo e outros objetos.

Problemas sanitários e a chegada do período republicano

Até a segunda metade do século 19, os corpos quando não ficavam dentro da igreja eram enterrados do lado de fora. O costume apenas começou a ser abandonado após a década de 1850, a partir das primeiras noções de higiene pública. O assessor cultural da Arquidiocese da Paraíba afirma que esse era um costume que durou do período colonial até o Império.

"Os cemitérios seculares só começaram na República. No Império, começou a desfazer, mas foi muito lenta essa abolição. Quando o Brasil se torna laico, foi proibido o enterramento nas igrejas", destaca Augusto Moraes.

Segundo Ivan Cavalcanti, no século 18, os sepultamentos em locais religiosos foi diminuindo, pois apontava para a insalubridade, afetando diretamente a saúde dos fiéis. Na República, o estado se torna laico e os túmulos nas igrejas foram extintos. No final do século XIX foram intensificadas as críticas sobre a falta de higiene, devido ao mal cheiro dos corpos abaixo do piso.

E por questões sanitárias, os enterros passaram a acontecer nos cemitérios construídos em regiões mais distantes do centro da cidade. "A intensificação de sepultamentos em cemitérios vizinhos às igrejas, como aconteceu com o da Igreja da Misericórdia, na Cidade Alta, refletiu essa realidade, que seria reforçada a partir de meados do século seguinte através das primeiras leis de saúde pública promulgadas na Inglaterra", analisa o professor.

Para ele, a construção de cemitérios distantes dos centros das cidades era uma solução definitiva para os problemas sanitários decorrentes das sepulturas nas igrejas. Um exemplo é o Cemitério Senhor da Boa Sentença, fundado em 1855, no Varadouro, que refletiu esse ideal de salubridade, para onde foram transferidos os corpos do antigo Cemitério da Misericórdia. "Quando foram fazer o viaduto junto à Igreja da Misericórdia, ali junto era um pátio do cemitério. Encontraram muitos restos mortais quando foram escavar o viaduto, porque o cemitério era ao lado da própria igreja", completou.

O estudioso destaca que a construção do Senhor da Boa Sentença foi uma iniciativa da Santa Casa, que refletia o processo de revisão sanitária que a capital paraibana passou na segunda metade do século XIX. Seguindo a mesma orientação, seriam construídas outras estruturas do gênero: os cemitérios do Bairro dos Estados e de Cruz das Armas.

Após os sepultamentos no interior dos templos serem proibidos, a colocação de carneiras (gavetas para acomodar cadáveres) nas suas espessas paredes seguiu até o final do século 19 e início do 20. Essas carneiras eram urnas, dentro das quais eram colocados ossos dos religiosos ou benfeitores, já que esses restos mortais eram retirados das sepulturas dos cemitérios cerca de três anos após o enterramento, quando eram transferidos para a igreja.

Atualmente, esse direito só é dado a religiosos de comprovada notoriedade na Igreja, e com permissão oficial do bispado ao qual o templo religioso está subordinado. "Não há problemas de insalubridade ocasionados pelas carneiras, pois já não há material susceptível de decomposição nas pequenas urnas onde os ossos do defunto estão acondicionados", avaliou Ivan Cavalcanti.

Mathias Freire

Um padre jornalista que lutou em Princesa

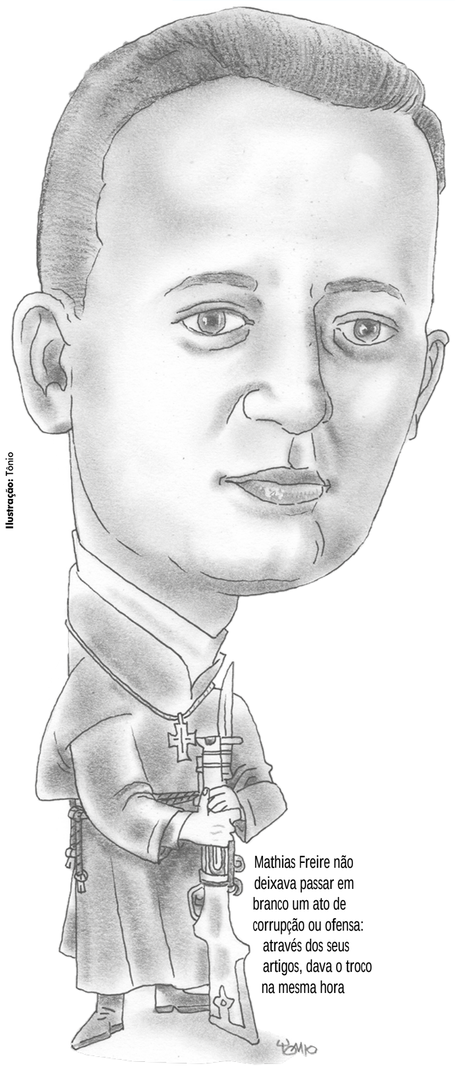


Ilustração: Tonio

Mathias Freire não deixava passar em branco um ato de corrupção ou ofensa: através dos seus artigos, dava o troco na mesma hora

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Os adversários de Mathias Freire – e que não eram poucos –, diziam: "Seu nome de treze letras prenunciava a calmaria antes da tempestade, tal qual sua série de artigos intitulados 'Cartas Aerolíticas', que irritavam os governantes desonestos, principalmente quando eram publicados no Diário do Estado". Formava escritos alinhados com decência, num português refinado, criticando a quantidade exorbitante de doutores existentes no país, quando não havia espaço para tantos, "e que só serviam para inflar os cofres públicos".

Ele também desqualificava o método obsoleto do ensino às crianças praticado no estado, já que a política da época apenas visava votos, sem preocupar-se com o item localização, fator que provocava sempre uma distância maior entre a escola, o aluno e o professor, isto no que se refere às condições de acesso ao trabalho, que nunca eram sanadas pelo estado ou o município. Esse homem, nascido no Litoral Norte da Paraíba, numa época em que viajar para as cidades ou mesmo à capital significava uma proeza difícil, sempre viveu pensando assim e, também, combatia o coronelismo.

Nasceu na Praia de Campina, distrito hoje inserido no território de Rio Tinto, a 78 quilômetros de João Pessoa, no dia 21 de agosto de 1882. Os próprios algarismos da sua data em que veio ao mundo "atestam a sua teimosia", pois, somados, formam um milhar de camelo no jogo do bicho, animal resistente, às vezes dócil e também teimoso, que não hesita em reagir a uma agressão.

Mathias Freire não deixava passar em branco um ato de corrupção ou ofensa. Jornalista frenético, dava o troco na mesma hora, às vezes com sobra de moedas. Sua morte aconteceu em 30 de março de 1949, aos 67 anos – sendo 47 anos de sacerdócio e jornalismo. As más línguas diziam que "sua pena (caneta) oferecia mais perigo para os corruptos do que o cano de um revólver". Lutou ostentando o cargo de capitão na chamada Guerra de Princesa.

Colaborador assíduo do Jornal A União

Foi colaborador assíduo do Jornal A União, também escrevendo nos jornais A Imprensa e O Correio da Manhã. Vez por outra usava os pseudônimos Mário Dalva, Da Silva Campos ou Gil Mac Dada. Para quem se incomodou com seu artigo de ficção 'Cafundópolis', publicado no Diário do Estado em 30 de maio de 1917, ele deu uma resposta venenosa:

"...Trata-se de uma cidade fictícia, ideal para os preguiçosos, nulos, pois significa um paraíso dos burocratas, arrivistas, fátuos, politiqueiros e bacharéis analfabetos". Depois, em 21 de junho de 1917, Mathias da Silva Freire escreveu outro artigo contra os corruptos e não poupou munição gramatical para deixá-los zangados:

"Com meu jornalismo de ficção, me pus a gozar com o ótimo efeito de uma sátira disparada no espaço, sem alvo nem pontaria, mas com a certeza de criar uma parábola estratégica, para ferir de face um magnata imbecil, um advogado administrativo, uma ratazana do erário, um comerciante fraudulento, um bajulador poderoso, um estadista de meia tigela ou um hipócrita qualquer". Mesmo parecendo que não, exaltava o amor, o belo e a natureza. Foi deputado federal em duas legislaturas.

Era Filho de Flávio da Silva Freire e Ana Leal Freire. Dom Pedro II, quando esteve na Paraíba em 1859, concedeu o título de Barão de Mamanguape a Flávio Clementino, avô de Mathias Freire. O padre jornalista nasceu três anos depois. Formou-se no Seminário de Recife e falava fluentemente latim, francês e português. Quando escrevia algo que desejava ocultar dos curiosos, até a sua oportuna publicação, usava o latim. Diz-se que seus artigos eram guardados como segredo de estado até a hora da impressão.

Dotado de espírito crítico e caráter combativo, Mathias Freire se insurgia contra o que achava que estava errado. Em 20 de maio de 1917, ele criticou, no Diário do Estado, "que o índice de analfabetismo era muito alto na região polarizada por Cajazeiras", no Alto Sertão paraibano, a 477,5 quilômetros de João Pessoa, e que, "mesmo com a criação do Colégio de Padre Rolim, o ensino às crianças e adolescentes deixava suas falhas à mostra".

> "A crítica do Times era a de que os doutores daqui (Nordeste do Brasil) eram formados em grande número, sem que existisse a necessidade da defesa da tese"

Segundo ele, ao passo que a população numericamente crescia, menor ainda ficava a capacidade do estado e do município em assisti-las didaticamente. Na época, a queixa mais comum da população era a distância quilométrica entre professores e alunos, o que contribuía para que surgissem muitas desistências. Havia lugares em que os alunos percorriam, a pé mais de doze quilômetros para assistirem aulas.

Em 2 de junho de 1917, chegou a Paraíba o livro de Tobias Monteiro, intitulado 'Funcionários e Doutores'. Mathias disse que "era o de que melhor a juventude poderia ler, por ser alta fonte de cultura e amor à pátria". E, sobre o artigo 'Deccorland', publicado com destaque pelo Times, em Nova Iorque, ele mencionou:

"A crítica do Times era a de que os doutores daqui (Nordeste do Brasil) eram formados em grande número, sem que existisse a necessidade da defesa da tese". Mathias Freire levantou o argumento de que, "quase sempre esses homens doutores, quando inseridos na vida pública, inflam os cofres do governo, com o surgimento de diversos funcionários sem funções".

Ao término da Primeira Guerra Mundial, quando os Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha buscavam reverter o quadro vicioso e errôneo aplicado na educação das crianças e adolescentes, o Brasil sofreu uma crítica severa de Mathias Freire, que lembrou a obra de João Henrique Pestalozzi, citando a educação de meninos pobres na Suíça: "Aquele era considerado o Ano e o Século da Criança (1917), que, em minha opinião, ainda vai chegar". Da forma que criticava os poderosos sem nenhum receio, também não ligava para as críticas dirigidas contra ele por fumar em público.

A União
ORGAM OFFICIAL DO ESTADO
ANNO XXXIX — PARAHYBA — Sabbado, 24 de maio de 1930

A Caravana Luzardo de regresso ao sul

Homenagens em Recife aos caravaneiros ✧ A apotheotica recepção da Parahyba ao conego Mathias Freire ✧ A chegada do presidente João Pessôa que fôra cumprimentar o deputado gaúcho e seus companheiros de excursão

Baptista Luzardo fala á Parahyba

Imagem: Reprodução

O padre jornalista Mathias Freire, que teve dois mandatos como deputado federal, em destaque na manchete do Jornal A União

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Desistir do emprego também é um ato de coragem

Praticamente todos os dias vejo alguém nas redes sociais (conhecido ou não) lamentando que está sem emprego, ou mesmo pedindo ajuda para encontrar uma nova vaga no mercado. Tenho até colegas que só conseguiram uma nova casa profissional após comentar, no Instagram e plataformas semelhantes, que estavam com diversos boletos atrasados e até sem dinheiro para fazer a feira ou pagar o aluguel do apartamento.

São centenas, e até milhares, as histórias desse tipo que vemos por aí. Muitas envolvendo profissionais da área de marketing, publicidade, design, jornalismo e comunicação de um modo geral. Os tempos são bicudos, eu sei. Mas conheço também quem, mesmo empregado (e até concursado) optou por sair da "zona de DESconforto": jogou a toalha, abandonou o barco, chutou o balde. Em resumo: voltou a viver!

Sim, há empregos e empregos. E nem todos merecem sua criatividade, expertise, dedicação. Você, leitor, pode argumentar comigo: "Mas todo lugar é assim! Nunca vai existir um local ideal de trabalho! Como alguém 'ousa' pedir demissão e desistir num tempo desses?".

Aprenda: desistir não é para as pessoas covardes. E o escritor Caio Fernando Abreu já tratou desse assunto de forma muito bonita: "Nada em mim foi covarde, nem mesmo as desistências. Desistir, ainda que não pareça, foi meu grande gesto de coragem".

Aos que ainda se mantêm incrédulos com quem decide pedir demissão sem ter outra oportunidade em vista, lembro: não adianta ter um emprego que deixa sua saúde mental fragilizada ou coloca em risco seu bem-estar como um todo.

Em dezembro passado, uma colega jornalista (concursada em um órgão federal) se vestiu com as armaduras da coragem e pediu exoneração. Tempos antes, eu havia conversado com ela. Falou-me como estava insatisfeita e que não se via trabalhando ali, por 30 anos ou mais, até se aposentar.

Não se encaixou. Não se encontrou ali. Não deu match. Desistir era preciso. O que fica de lição? Empregos não são nossa vida. Não são nossa "família". Empregos são apenas uma forma de ganhar dinheiro. Ponto.

Enquanto pensava sobre o que iria escrever esta semana, vi uma postagem de uma outra amiga querida no Instagram. Era um trecho do livro 'Bênção, Vovô' (de Thyago Avelino, pelo Espírito Pai Damião) e que tem tudo a ver com o sentimento de insatisfação que muitos estão neste momento:

"'Quem é de casa se sente em casa'. Isto é de grande ânimo para o coração e para a mente. O espírito, quando encontra a sua casa de origem, que felicidade! É um encontro magnífico em que todos os estudos e aprendizados e práticas, por meio de experiências, são contidas de maneira fluida, eficaz e amorosa. O respeito está inserido em todo esse contexto. Então, quando você se deparar com um novo contexto, pergunte ao seu coração: sinto-me em casa? Não se submete àquilo pelo que o coração não vibra. Dogmas, regramentos, estão cada vez mais em declínio. Você precisa da robusteza, da consciência, da efetividade, da amorosidade, do respeito para consigo".

É isso! Meu desejo, para todo este ano, é que você encontre um emprego em que possa, de fato, se "sentir em casa". Ou, se você for um chefe ou empregador, que possa fazer com que essa pessoa pense, ao trabalhar para você: "Quem é de casa se sente em casa".

Tocando em frente

Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte VII

Prini Lorez – José Gagliardi Júnior – (São Paulo 1942-2020). Debutou na vida artística em 1959, iniciando-se como cover do cantor norte-americano/mexicano Trini Lopez. Antes de se dedicar à atividade musical, jogou pela equipe juvenil do Palmeiras. Já no início dos anos de 1960, com um grupo de amigos, formou o conjunto The Rebels e fez parte do The Avalons, que, inclusive, chegou a abrir o show de Paul Anka no Brasil, na TV Record/SP, em 1968. Antes do grande sucesso, ainda com o nome artístico de Galli Júnior, chegou a apresentar o 'Reino da Juventude', na própria Record. Participou pelo menos duas vezes do programa 'Jovem Guarda', já como Prini Lorez, nome com que se consagrou, interpretando e gravando, em 1964, os sucessos de Trini Lopez: 'La Bamba', 'America', 'Cuando Calienta el Sol', 'Cielito Lindo', 'If a Hard a Hammer' e outros mais. Uma curiosidade: com 'La Bamba', atingiu a venda de 150 mil cópias no Brasil, superando a vendagem da gravação original. Abandonou a carreira já na segunda metade dos anos de 1960 e, coincidentemente, deixou-nos, em setembro de 2020, um mês após o falecimento do ídolo "quase homônimo", que se foi em agosto do mesmo ano, este levado pela Covid-19.

Rossini Pinto – (ES, 1937 – Rio, 1985). Um dos poucos astros da música que não alterou o nome para chegar ao sucesso. Ele foi uma espécie de "faz tudo" no mundo da Jovem Guarda: compositor, cantor, produtor e agenciador e produtor musical, e ainda lhe sobrava tempo para exercer a atividade jornalística. Chegou ao Rio de Janeiro em meados dos anos de 1950, com a pretensão de vencer naquilo que era o seu objetivo. Logo, em 1955, tornou-se repórter esportivo do Jornal dos Sports e noticiarista, articulista do Correio da Manhã. Adentrou ao mundo da música, em 1960, quando musicou um poema do então candidato à presidência da República Jânio Quadros – 'Convite ao Amor' –, o qual se tornou a porta de entrada para o que mais ele pretendia. É, ainda hoje, considerado um dos maiores criadores de versões de músicas estrangeiras em nosso país, com algumas merecendo destaque nesse setor: 'Michelle' e 'Yesterday' ('Ontem'); 'Somehow It Got to be Tomorrow' ("Ternura'), que viria a se tornar o carro-chefe de Wanderléa, responsável pela alcunha de "'Ternurinha"; para os Golden Boys, basta citar dois hits: 'Bus Stop', do The Hollies ('Pensando Nela'), 'Poison Ivy' ('Erva Venenosa'). Como compositor, legou-nos outros enormes sucessos, como 'Alguém na Multidão', novamente com os Golden Boys; e alguns hits do início de carreira de Roberto Carlos: 'Um leão está solto nas ruas', 'Parei, olhei', 'Malena' e 'Só vou gostar de quem gosta de mim' – isso para só falar de alguns; para Os Fevers, ele criou inúmeras versões, com destaques para 'Menina Linda' ('Sugar, Sugar'). 'Mar de Rosas' ('Rose Garden'), 'Vem me ajudar' ('Get me some Help'), 'Agora eu sei' ('I've been hurt') e, para Renato e seus Blue Caps, basta citar 'Não te esquecerei' ('California Dreamin'). Como produtor musical, impulsionou a carreira de Odair José, Núbia Lafayette, Luís Carlos Magno, Ari Cordovil e muitos outros mais. Como intérprete, não era lá grande estrela, mas ainda deixou alguma coisa, sendo frequentador assíduo das coletâneas da Columbia/CBS, intituladas de 'As 14 Mais': 'Quero beijar-te agora', 'Carta de Amor' e 'Ford de Bigode' (as duas últimas, com Renato e seus Blue Caps), 'A Cigana', 'Amor e Desprezo'. Eclético que era, terminou os seus dias afastado da música e próximo da terra, como engenheiro agrônomo, que também o era.

Ramón Roberto (de Círia) Livi – (Buenos Ayres, 1942- Aurora, Colorado/USA, 2019). Talvez poucos tenham ouvido falar nele, mas eu o ouvi muito. Começou sua trajetória ligada à música em sua terra natal, participando de grupos de dança no início do advento do rock 'n' roll, ao som de seus ídolos Elvis Presley e Bill Haley & his Comets. Chegou ao Brasil, em 1964, na efervescência da pré e da Jovem Guarda. Não lhe foi difícil enturmar-se e, bancado por um empresário do mundo da música, já foi gravando dois LPs, certamente levado pela curiosidade de se fazer rock em "portunhol". Regressou à Argentina em 1970 e lá passou a explorar sucessos brasileiros, gravando-os em espanhol, com boa aceitação do mercado latino. Retornou ao nosso país, aqui permanecendo de 1971 a 1982, sempre ligado à atividade musical. Nessa época foi produtor de vários artistas, com destaque para The Fevers, José Augusto e Sidney Magal. Em 1986, rumou de vez para os Estados Unidos (Miami-Florida) onde se consolidou como empresário dedicado ao show business. Compôs cerca de setecentas canções, gravadas em espanhol, entre outros, por Julio Iglesias ('La Carretera', 'Baila Morena'), Vikk Carr, Sting ('Fragilidad', 'Nada como el sol'), Armando Manzanera, Nana Mouskouri ('Se que volverás') e pelos nossos Roberto Carlos ('Si el amor se va', 'Mis Amores'), Zé Rodrix ('Soy Latino Americano'), Peninha, Lilian ('Knapp') e Sidney Magal ('Lhe llaman Jesus', 'Sandra Rosa Madalena'). Por aqui, estava sempre presente nas coletâneas anuais – 'As 14 Mais' – da Columbia: 'Que vida levo eu', 'Teresa, parabéns querida' (Roberto Corrêa) 'Eu me enganei' (Hyldon), 'As noites que eu cantava pra você' (dele e de Luiz Carlos Vinhas), 'Uma canção para você' (dele e Maria Izabel).

Reginaldo Rossi – (Reginaldo Rodrigues dos Santos – Recife, 1943-2013). Antes de profissionalizar-se no universo musical, foi aluno de graduação em Engenharia Civil, ocupação que acumulava com a de professor de Física e Matemática, em colégios e cursinhos da capital pernambucana e ainda lhe sobrava tempo para atuar como crooner de boates, interpretando os sucessos da época, Elvis Presley e Beatles. Em 1964, com a efervescência provocada pelo rock 'n' roll, criou seu próprio grupo musical, o The Silver Jets, que alcançou relativo sucesso. Foi quando ele mudou o repertório, passando a imitar Roberto Carlos. É dessa fase os sucessos 'Deixa de banca' e 'Mon Amour, Meu Bem, Ma Famme' (interessante notar a inclusão incidental da música 'La Vie em Rose' neste último, o que dá um belo toque harmônico à gravação). Em 1973, afastando-se da inspiração ditada pela Jovem Guarda, assumiu-se num estilo "brega romântico", cujo carro-chefe continua sendo a sua criação 'Garçom'. Reginaldo Rossi fez escola Brasil afora e, aqui na Paraíba, temos o seu mais legítimo cover – o meu amigo Ronaldo Belarmino ou, como já é festejado, Ronaldo Rossi.

Editor: Jorge Rezende
Editoração: Ednando Phillipy

MARMITANDO
COM O CHEF WALTER ULYSSES

Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Litoral e suas belezas

Falar em praias do Nordeste é algo muito fácil, até porque o nosso litoral é um dos mais bonitos do Brasil em todos os aspectos.

Nessa semana fomos para Sagi, no Rio Grande do Norte, uma praia que tem seus atrativos para a prática de vários esportes. E o Sagi pertence ao município de Baía Formosa. Lá encontramos uma casa de amigos nossos, Tony Vaz e Ilka, que têm a bela Pousada Surf Core House. Recebemos o convite de passar um dia nela.

Ao chegar ao local, é algo mágico; é à beira da praia, pé na areia de verdade, de frente ao local das melhores ondas para os praticantes do surfe.

Fomos apresentados ao nosso quarto, com uma vista linda, é um ambiente muito gostoso e acolhedor para uma boa dormida.

Na parte superior tem uma piscina maravilhosa e linda; e linda também é a visão que se tem de toda a orla, tudo muito perfeito e a um preço muito agradável.

Ao acordarmos no outro dia, aquela bela e maravilhosa visão nos aguardava para recarregar as energias com um delicioso café da manhã, com tudo que se tem de direito. Se você vai tirar alguns dias de férias este mês de fevereiro, eu recomendo a pousada e a praia para curtir com a família, ou até mesmo sozinho, pois garanto que não vai faltar amizades para fazer neste local mágico.

Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Frutas refogadas e flambadas na cachaça

Ingredientes

- 1 manga
- 1 banana da terra
- 1 pera
- 1 maçã
- Uva passa
- Manteiga
- Toque de canela em pó
- 30ml de cachaça

Modo de preparo:

- Em uma frigideira refogue todos os ingredientes na manteiga, flambe com a cachaça e dê um toque de canela em pó. Coloque o chantilly e sirva frio.

QUENTINHAS

A moda agora é o Beach Tênis e nesses espaços estão abrindo muitas pequenas empresas do ramo de gastronomia, e muitos estão tendo sucesso.

Comer bem a um valor honesto em Baía Formosa é o restaurante Pôr do Sol. Super indico e prove a picanha, muito bem servida e deliciosa.